



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º GRAU CANÓNICO)

SÉRGIO AUGUSTO MONTEIRO ARAÚJO

**Devoção Mariana no Arciprestado de Guimarães e
Vizela no século XX**

Romarias, peregrinações e devoções marianas do povo do
Arciprestado de Guimarães e Vizela.

Dissertação Final

sob orientação de:

Professor Doutor José Paulo Leite de Abreu

**Braga
2022**

«O século XX foi, por assim dizer, o «teatro» onde entraram em cena determinados processos históricos e ideológicos que evoluíram até à «erupção» do mal, mas constituiu também o cenário em que se deu a superação dos mesmos. Ora, será justo olhar a Europa somente a partir da vertente do mal que surgiu na sua história recente?»¹

¹ Papa João Paulo II, *Memória e Identidade*, trad. António Ferreira da Costa, (Chiado: Bertrand Editora, 2005), 13

Agradecimentos

Com grande sentido de união, para com todos aqueles que ao longo do tempo me ajudaram a realizar este trabalho, nada mais poderei expressar que a minha eterna gratidão. Que o regaço de Nossa Senhora, Mãe de Deus e nossa Mãe, seja o porto seguro onde nos entregamos como um filho se entrega, sem preocupações, nos braços de sua mãe.

De um modo muito especial, gostaria de agradecer àqueles que sempre, na sua entrega total, estiveram a meu lado, os meus pais: Carlos, Maria Lúcia e avós: Augusto e Maria da Conceição. Com coração de mãe e de pai sempre se mostraram prontos para me ajudarem de diversificadas maneiras nos diversos momentos de alegria e de desânimo, de pesquisa e de escrita deste trabalho.

Em segundo lugar, um agradecimento especial e particular ao meu orientador, Professor Doutor José Paulo Leite de Abreu. A sua forma de ser e de orientação deste trabalho ensinou-me o quão bom é incitar à curiosidade. Foi desta forma que eu de modo espontâneo, mas ao mesmo tempo orientado, fui capaz de trilhar este trabalho. Que a luz irradiada de Nossa Senhora da Luz seja a candeia que leva nas suas mãos para iluminar outros como me iluminou a mim.

Por fim, caminhando por veredas e fragas, tropeçando e muitas vezes quase desistindo sei que sou obrigado a sentir-me eternamente agradecido a Deus por sempre me dar alento e me amparar. O caminho foi sinuoso e de olhos postos em Jesus vislumbrava sempre sua Mãe, a Virgem Santíssima, nas invocações de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora da Luz como companheiras de viagem deste trabalho. Se por um lado, caminhava com dificuldades e muitas vezes com angústias de não reconhecer o caminho que estava a trilhar, por outro sempre a seu tempo fui iluminado pelo olhar atento de Nossa Senhora que me fez chegar a bom porto.

Resumo

O presente trabalho centra-se, principalmente, na devoção a Nossa Senhora no Arciprestado de Guimarães e Vizela, em concreto no século XX. No entanto, para que exista uma contextualização do século XX são apresentadas as principais mensagens dos pontífices do vigésimo século sobre Nossa Senhora. Num segundo ponto, baseando-nos nas formas de pastorear dos Arcebispos de Braga compreendemos um pouco o contexto social de Portugal e como as devoções marianas tiveram particular relevância em momentos conturbados da nossa história mundial e nacional. É deste modo que nos encaminhamos para o ponto mais concreto deste trabalho que são as devoções marianas no Arciprestado de Guimarães e Vizela, onde não podemos deixar passar em branco grandes romarias e peregrinações como: Nossa Senhora da Oliveira, Nossa Senhora da Lapinha e Nossa Senhora da Penha. No entanto, não nos podíamos deixar pelas grandes peregrinações e achamos por bem adentrarmos nas paróquias do Arciprestado para fazer uma comparação das devoções Marianas existentes no início do século XX e no início do século XXI.

Palavras-chaves

Nossa Senhora, Virgem Santíssima, Arciprestado de Guimarães e Vizela; Nossa Senhora da Oliveira, Nossa Senhora da Lapinha, Nossa Senhora da Penha

Abstract

The present work focuses mainly on the devotion of to Our Lady in the Archpriestship of Guimarães and Vizela, specifically in the 20th century. However, so that there is a contextualization of the 20th century, the main messages of the 20th century pontiffs about Our Lady are presented. In a second point, based on the ways of shepherding of the Archbishops of Braga, we understand a little about the social context of Portugal and how Marian devotions had particular relevance in troubled moments of our world and national history. It is in this way that we move towards the most concrete point of this work, which are the Marian devotions in the Archpriestship of Guimarães and Vizela, where we cannot overlook great pilgrimages and pilgrimages such as: Our Lady from Oliveira, Our Lady from Lapinha and Our Lady from Penha. However, we could not stop ourselves from the great pilgrimages and we thought it was

good to enter the parishes of the Arciprestado to make a comparison of the Marian devotions existing at the beginning of the 20th century and at the beginning of the 21st century.

Keywords

Our Lady, Most Holy Virgin, Archpriest of Guimarães and Vizela; Our Lady of Oliveira, Our Lady of Lapinha, Our Lady of Penha

Índice

AGRADECIMENTOS	03
RESUMO	04
ABSTRACT	04
ÍNDICE	06
ABREVIATURAS E SIGLAS	08
INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 – A VIRGEM MARIA NO MAGISTÉRIO DA VIGÉSIMA CENTÚRIA	11
1.1. Papa Leão XIII e a passagem do século	13
1.2. De Sua Santidade o Papa Pio X ao Papa Pio XI	14
1.3. Sua Santidade o Papa Pio XII e a definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora	19
1.4. Sua Santidade o Papa João XXIII e o novo horizonte ecuménico	24
1.5. Sua Santidade o Papa Paulo VI	28
1.6. Sua Santidade o Papa João Paulo I	32
1.7. Sua Santidade o Papa João Paulo II e o fim da centúria	33
CAPÍTULO 2 – A DEVOÇÃO MARIANA NA ARQUIDIOCESE DE BRAGA DO SÉCULO XX	39
2.1. Enquadramento histórico de Portugal no vigésimo século	40
2.2. A passagem para o século XX: Dom Manuel Batista da Cunha	45
2.3. Dom Manuel Vieira de Mattos	47
2.4. Dom António Bento Martins Júnior	49
2.5. Dom Francisco Maria da Silva	53
2.6. Dom Eurico Dias Nogueira	55
2.7. Dom Jorge Ferreira da Costa Ortiga	58
CAPÍTULO 3 – VIRGEM SANTÍSSIMA. A DEVOÇÃO SECULAR DO POVO VIMARANENSE E VIZELENSE	61
3.1. Santa Maria de Guimarães	62
3.2. Nossa Senhora da Lapinha	67

3.3. Nossa Senhora da Penha	72
3.4. Nossa Senhora por caminhos e terras do Arciprestado	76
CONCLUSÃO	101
BIBLIOGRAFIA	105

Abreviaturas e Siglas

LS	Carta Encíclica <i>Laetitiae Sanctae</i>
MD	Constituição Apostólica <i>Munificentissimus Deus</i>
SAO	Carta Encíclica <i>Supremi Apostolatus Officio</i>
AP	Carta Encíclica <i>Adiutricem Populi</i>
ADIL	Carta Encíclica <i>Ad Diem Illum Laetissimum</i>
PDM	Carta Encíclica <i>Pacem Dei Munus</i>
IM	Carta Encíclica <i>Ingruentium Malorum</i>
FC	Carta Encíclica <i>Fulgens Corona</i>
MD	Constituição Apostólica <i>Munificentissimus Deus</i>
GR	Carta Encíclica <i>Grata Recordatio</i>
OC	Carta Apostólica <i>Oecumenicum Concilium</i>
SL	Exortação Apostólica <i>Sacrae Laudis</i>
MC	Exortação Apostólica <i>Marialis Cultus</i>
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
SM	Exortação Apostólica <i>Signum Magnum</i>
RM	Carta Encíclica <i>Redemptoris Mater</i>

Introdução

«A Glória de Maria, sendo de Maria Mãe de Deus, parece-me que é muito maior: e a comparação com os outros Bem-aventurados somente parece-me muito estreita, e quase indigna.»²

Desde sempre Nossa Senhora foi um dos grandes refúgios do povo crente. O amor terno de Mãe que acolhe os seus filhos muito amados. Séculos e séculos se passam e a Virgem Santíssima é aquela que acolhe no seu regaço as dores, aflições, angustias e agonias dos fiéis que lhe acorrem pedindo auxílio. Do mesmo modo, tantos outros acorrem bendizendo, louvando e exultando Nossa Senhora por atender às suas preces.

O presente trabalho de investigação académica pretende fazer realçar a devoção que o povo Vimaranense e Vizelense tem à Virgem Santíssima, Mãe de Deus, particularmente no século XX.

Assim sendo, este trabalho divide-se em 3 grandes capítulos que se subdividem em temas fulcrais e essenciais para uma melhor compreensão da devoção mariana, secular no Arciprestado de Guimarães e Vizela.

O primeiro capítulo apresenta inicialmente um preambulo do século XX lembrando acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial ou a Segunda Guerra Mundial, os campos de concentração e a Guerra Fria. Mesmo com tantos medos e receios eis que existem olhos voltados para a humanidade determinados, com o auxílio de Deus e o regaço sempre pronto de Nossa Senhora, a dar alento. Assim foi marcado o século XX com a presença sempre atenta e vigilante de nove Papas que nunca abandonando os crentes lhes mostravam o caminho belo a seguir, sempre confiantes que Nossa Senhora intercede junto de seu Filho por este povo.

O segundo capítulo relata o século XX em terras de Santa Maria, Portugal. Mais concretamente na Arquidiocese mais antiga da Península Ibérica, Braga. No início, o século XX mostrava-se muito próspero, no entanto logo surgiu a primeira amargura, o Regicídio, logo de imediato é declarada a República e surge a Lei da Separação. Portugal entra na Primeira Guerra Mundial e ao mesmo tempo o altar do mundo começa a construir-se: a 13 de maio de

² Padre António Vieira, *Obra completa Padre António Vieira*, (Lisboa: Círculo de Leitores, 2013), Tomo II, Volume VII, 133

1917 dá-se a primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima. Em seguida surge uma epidemia, a Gripe Espanhola. Anos se passaram e afigura-se a ditadura salazarista e a guerra colonial. No seio de tantos fenómenos, a Arquidiocese de Braga vai desenvolvendo a sua ação evangélica e missionária com o olhar atento dos seus seis pastores que nunca deixam o seu rebanho sozinho. Vivem a fé e marcam-na em Congressos Marianos, no jubilo da declaração do dogma mariano, na alegria da coroação de Nossa Senhora do Sameiro e tantas outras expressões sempre presentes da fé do povo Bracarense.

Por fim, o terceiro capítulo retrata a devoção mariana à Virgem Santíssima, Mãe de Deus, no Arciprestado de Guimarães e Vizela ao longo do século XX. Neste último capítulo retratamos as três grandes devoções e peregrinações vimaranenses que são elas: a Nossa Senhora da Oliveira, a Nossa Senhora da Lapinha e finalmente a Nossa Senhora da Penha. Para uma maior contextualização existe, mesmo que muito subtil, uma história continua destas devoções e peregrinações ao longo dos séculos. Denotamos que se apresentássemos somente os acontecimentos situados no século XX faríamos com que não se compreendessem determinadas pontes fundamentais entre a história e os acontecimentos do século XX. Para terminar, apresentamos uma breve comparação das devoções marianas existentes nas paróquias do arciprestado, entre os inícios do século XX e os inícios do século XXI. Um século depois, com tantas amarguras vividas e sofridas será que o povo vimaranense e vizelense ainda se entrega no regaço de Nossa Senhora para que ela acolha as dores, aflições, angústias e agonias? Será que os crentes e devotos ainda são capazes de acorrer bendizendo, louvando e exultando Nossa Senhora por atender as suas preces?

1. A Virgem Maria no Magistério da Vigésima Centúria

«Aqui nos és meridiana face / de
caridade, e lá, entre os mortais, / és de esperança
a fonte mais vivace.»³

Ao longo do século XX ocorrem mudanças significativas a vários níveis. Podemos afirmar que o início do século surgiu muito próspero, o que posteriormente, no seu decorrer, já não se verificou. Todo o século foi marcado por mudanças a nível social, político e, sobretudo, a nível tecnológico. O século XX tornou-se o mais sangrento e mais bélico de que temos memória, com a Primeira Guerra Mundial, a ascensão ao poder de diversas ditaduras, a Segunda Guerra Mundial, o aparecimento dos Campos de Concentração e a Guerra Fria, entre outros acontecimentos, que assomaram como pouco edificantes para a humanidade e provocaram dor e sofrimento a grande parte da população mundial, que em lugar da guerra, preferia viver a paz e a utopia de uma sociedade cordata.

Neste século viveram, e sempre atentos aos acontecimentos do mundo, nove papas. O Papa Leão XIII, transitou do século XIX para o XX. Tendo sido eleito em 1878 o seu pontificado durou 25 anos, faleceu em 1903. Por conseguinte, o primeiro Papa a ser eleito no século XX foi o Papa Pio X, cujo papado decorreu entre 1903 e 1914, perfazendo um pontificado de onze anos. O seu sucessor foi o Papa Bento XV, com um pontificado de oito anos, correspondente ao período entre 1914 e 1922. Nesta data, iniciou um novo pontificado o Papa Pio XI, o qual haveria de terminar em 1939, num total de dezassete anos dedicados ao governo da Igreja. O seu sucessor adotou o mesmo nome, tornando-se assim Pio XII e teve um pontificado ainda mais longo, de dezanove anos, de 1939 a 1958. Nesta data é aclamado o quinto Papa do século, o qual escolheu como nome João XXIII. Teve um pontificado de cinco anos, que terminou em 1963. O seu sucessor foi o Papa Paulo VI, cujo pontificado se estendeu por quinze anos, de 1963 a 1978. Albino Luciani foi eleito em 1978, tomando o nome de João Paulo I, com um dos pontificados mais curtos da história da Igreja – apenas 33 dias. O seu sucessor, João Paulo II, não só aceitou o mesmo nome como iniciou no mesmo ano um dos pontificados mais longos da história da Igreja, de 1978 a 2005, tendo completado vinte e sete anos como sucessor de São Pedro.

³ Dante Alighieri, *A Divina Comedia*, trad. Vasco Graça Moura, (Editora Quetzal, 2018), 881

Assim, a Igreja acompanhou o século XX, a vários passos e com diferentes papas, que nas suas distintas vivências fizeram por indicar sempre o mesmo caminho a seguir. De resto, tratando-se de um século de duas grandes guerras e múltiplos conflitos, todos os pontífices tiveram de se referir, por bem, forma direta ou indireta, com documentos dedicados ou de invocação a Nossa Senhora, como auxiliadora do povo.

A encíclica *Laetitia Sanctae*, de Leão XIII, indicia já aquele que vai ser o cerne da ação papal do século XX. Na verdade, nela pode ler-se: «eis aí a esperança que nos sorri. É ela que, no meio de tantas calamidades públicas, nos guia e profundamente nos consola. Digne-se Maria, Mãe de Deus e dos homens, inspiradora e mestra do santo Rosário, de realizar plenamente esta esperança, acolhendo as preces comuns.» (LS 21) Cinquenta anos volvidos, o Papa Pio XII refere a devoção a Nossa Senhora patente em inumeráveis templos e belas imagens, por meio dos quais todos têm a possibilidade de encontrar o triunfo da Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe. Escreve o Papa, aludindo ao dogma da Assunção: «patenteiam inequivocamente esta mesma fé os inumeráveis templos consagrados a Deus em honra da assunção de nossa Senhora, e as imagens neles expostas à veneração dos fiéis, que mostram aos olhos de todos este singular triunfo da santíssima Virgem.» (MD 15)

Note-se ainda que no término do século XX, o Papa João Paulo II, na viagem apostólica realizada a Fátima, no ano 2000, durante a homilia proferida na beatificação dos pastorinhos, incentiva os fiéis a percorrerem a «escola» de Nossa Senhora, para que Ela nos ensine a ser como os pastorinhos, que procuravam fazer tudo o que lhes pedia. Na ocasião, o pontífice chega a sublinhar que «se avança mais em pouco tempo de submissão e dependência de Maria, que durante anos inteiros de iniciativas pessoais, apoiados apenas em si mesmos.»⁴ Com efeito, tal como na anunciação Nossa Senhora disse o seu «sim» a Deus, assim também fomos interpelados a corresponder à proposta do último Papa do século XX. O século da maior prosperidade da história foi um século marcado por inúmeros conflitos de várias ordens e a Igreja, sempre fiel à sua missão, coloca Maria no centro da sua ação, ciente de que somente apoiados em Nossa Senhora somos capazes de alcançar as graças de Deus.

O primeiro capítulo da presente dissertação está estruturado da seguinte forma: será apresentado o pontificado de cada Papa, nomeadamente no tocante ao contexto social do século XX e a alguns documentos escritos por cada um, bem como à expressão da devoção mariana, pelo incentivo ou pedido de auxílio e misericórdia junto de seu Filho, Jesus Cristo, para a Igreja, para todos os fiéis e também para auxílio do Sumo Pontífice.

⁴ José Carvalho, *João Paulo II e Portugal*, (Parede; Lucerna 2014), 182

Papa	Início de Pontificado	Fim de Pontificado
Leão XIII	20 de fevereiro de 1878	20 de julho de 1903
Pio X	4 de agosto de 1903	20 de agosto de 1914
Bento XV	3 de setembro de 1914	22 de janeiro de 1922
Pio XI	6 de fevereiro de 1922	10 de fevereiro de 1939
Pio XII	2 de março de 1939	9 de outubro de 1958
João XXIII	28 de outubro de 1958	3 de junho de 1963
Paulo VI	21 de junho de 1963	6 de agosto de 1978
João Paulo I	26 de agosto de 1978	28 de setembro de 1978
João Paulo II	16 de outubro de 1978	2 de abril de 2005

1.1. Papa Leão XIII e a passagem do século

No início do século XX, a melhoria da qualidade de vida perseguida pelas sociedades mais estáveis e desenvolvidas do planeta gerou grandes mudanças de alcance mundial: «a Europa entrou no séc. XX num clima de prosperidade e de euforia. Vivia-se o fascínio da *Belle Époque*, marcado por um ambiente geral de progressos materiais, de bem-estar e de paz. Descobertas científicas promissoras, avanços tecnológicos e revolucionárias correntes artísticas de vanguarda davam o ritmo a um estilo de vida descontraído.»⁵ De resto, não é por acaso que a primeira Carta Encíclica do Papa Leão XIII se intitula *Laetitiae Sanctae*.

Vicenzo Gioacchino Pecci foi «a 20 de fevereiro de 1878 eleito para o trono pontifício com o nome de Leão XIII.»⁶ Sendo o pontífice que ligou o século XIX ao século XX, no ano de 1900 «celebrou o Ano Santo e quis dar a este Jubileu de fim de século um especial carácter religioso, convidando os fiéis a consagrarem-se ao Coração de Jesus.»⁷ Durante o seu pontificado interveio várias vezes, incitando os fiéis à devoção a Nossa Senhora nos seguintes

⁵ Luís Arezes, *Centenário das Aparições no Barral*, (Ponte da Barca: Município Ponte da Barca, 2017), 22

⁶ Roberto Monge, *2000 anos de Papas de São Pedro a Francisco*, trad. Maria do Carmo Abreu, (Alfragide: Casa das letras, 2016), 516

⁷ Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 519

termos: «nada consideramos mais eficaz e mais poderoso do que tornar-nos propícia, pela devoção e pela piedade, a grande Mãe de Deus, a Virgem Maria.» (SAO 1) Os fiéis louvam a Maria porque ela é exemplo a seguir, a misericordiosa auxiliadora que está sempre ao lado do povo, pois «é coisa boa celebrar com louvores sempre maiores e implorar com sempre mais viva confiança a Virgem Mãe de Deus, poderosa e misericordiosíssima auxiliadora do povo cristão.» (AP 1) Na verdade, ao celebrarem estes louvores maiores, alimentam a devoção e propagam-na a novas paragens e povos. Os dois movimentos distintos coexistem e são cultivados «pelo zelo (...) da honra de Maria e da salvação da sociedade humana.» (SAO 17)

Com efeito, o culto crescente reflete a fé dos fiéis no auxílio de Maria para os males do mundo e, também, da Igreja. Isto mesmo reflete a *Supremi Apostolatus Officio*, de Leão XIII: como «de lá do alto, consoante os desígnios de Deus, ela começou a velar sobre a Igreja, a assistir-nos e a proteger-nos como uma mãe; de modo que, depois de ter sido a cooperadora da redenção humana, tornou-se também, pelo poder quase ilimitado que lhe foi conferido, a dispensadora da graça que em todos os tempos jorra dessa redenção.» (AP 4) Em «momentos de apreensão e de incerteza, foi sempre o primeiro e sagrado pensamento dos católicos o de recorrerem a Maria, e de se refugiarem na sua maternal bondade.» (SAO 3)

Ora, o esplendor do culto «demonstra a firmíssima esperança, (...) a plena confiança, que a Igreja Católica (...) sempre depositou na Mãe de Deus.» (SAO 3) Note-se, a este respeito, que tanto a *Laetitiae Sanctae* como a *Supremi Apostolatus Officio*, do Papa Leão XIII, incidem sobre o Rosário. Este pontífice centra nele grande parte da sua reflexão e ação, urgindo o povo, designadamente, a recitar o Rosário do «dia primeiro de outubro ao dia dois do seguinte mês de Novembro, em todas as igrejas paroquiais, e, se os Ordinários o julgarem vantajoso e conveniente, também nas outras igrejas e nas capelas dedicadas à Mãe de Deus, se recitem devotamente ao menos cinco dezenas do Rosário, com o acréscimo das Ladainhas Lauretanais.» (SAO 13)

Em suma, será desta forma que a solenidade de Nossa Senhora do Rosário deve ser «celebrada com particular devoção e com esplendor de culto.» (SAO 13) Leão XIII recomenda, portanto, que a oração se faça em comunidade em ordem a difundir a devoção à Virgem Santíssima e alicerçá-la entre os fiéis como vínculo de união de uma família alargada que se reúne num mesmo propósito e num mesmo fervor.

1.2. De Sua Santidade o Papa Pio X ao Papa Pio XI

É no pontificado do Papa Pio X que é declarada a Primeira Guerra Mundial, o primeiro conflito de grandes proporções do século XX. No entanto, antes deste, em março de 1904, teve

início a guerra entre a Rússia e o Japão, um conflito bélico que termina no ano seguinte. Seis anos depois, em maio de 1911, o transatlântico britânico RMS Titanic é lançado ao mar e no ano seguinte, para choque do mundo, o mesmo navio, o «famoso Titanic» afunda na viagem inaugural, em abril de 1912 (...).»⁸ A tragédia causou a morte a 1514 pessoas.

A prosperidade que a Europa havia alcançado estava a induzir à soberba negligente e a «perigosas rivalidades económicas e políticas entre os principais estados europeus que, sob o espetro das ameaças dos países vizinhos, enveredaram pela corrida aos armamentos e pela criação de sistemas de alianças»⁹. Eis o primeiro indício da crise que haveria de suceder à prosperidade. Após a criação do que haveria de ficar conhecido como os dois eixos de alianças do Ocidente e depois da corrida ao armamento é assassinado «o arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do trono austro-húngaro»¹⁰, em Sarajevo. Este infeliz incidente foi o primeiro derramamento de sangue e o marco do fim da prosperidade alcançada no início do século XX. Desencadeou, de facto, a «1.ª Guerra Mundial, com todo o seu cenário de horrores e de morte.»¹¹

O dia 4 de agosto de 1903 foi o dia da eleição de Giuseppe Melchiorre Sarto, que «adotou o nome de Pio X.»¹² Trata-se daquele que foi o primeiro Papa eleito no vigésimo século e cujo pontificado incidiu sobretudo na formação do clero e na instrução dos fiéis, atendendo às necessidades colocadas pelo tempo, nomeadamente «a necessidade da adequada formação intelectual e espiritual do clero e da instrução religiosa dos fiéis, a fim de dirigir os homens para Deus numa época decididamente laica e hostil para a Igreja.»¹³

No entanto, a devoção mariana também está presente no seu pontificado. Na Carta Encíclica *Ad Diem Illum Laetissimum*, Pio X faz uma questão que ecoa de modo especialmente agudo ao longo de todo o século, e que está no centro da história da Igreja: «[...] alguém pode deixar de ver que não há caminho mais seguro ou mais direto do que por Maria para unir toda a humanidade em Cristo e obter por meio dele a adoção perfeita de filhos, para que sejamos santos e imaculados aos olhos de Deus?» (ADIL 5) Este caminho é a proposta a que os fiéis devem dar o seu «sim», pois é «no fervor de todos os católicos, prontos e dispostos a multiplicar os seus testemunhos de amor e reverência pela grande Mãe de Deus» (ADIL 2) que se perpetua esta devoção ao longo da história.

⁸ Luís Arezes, *Centenário das Aparições no Barral*, 22

⁹ Luís Arezes, *Centenário das Aparições no Barral*, 22

¹⁰ Luís Arezes, *Centenário das Aparições no Barral*, 22

¹¹ Luís Arezes, *Centenário das Aparições no Barral*, 23

¹² Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 520

¹³ Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 520

A proposta é também um desafio: que os fiéis sejam capazes de se unir, em verdadeira oração, e sejam capazes de mostrar a força e a presença de Maria, no seu seio; que «encham as Igrejas, celebrem as festas solenes, encham de alegria as cidades. Estas manifestações são muito eficazes para reavivar a fé. Mas se os sentimentos do coração não forem adicionados a essas coisas, haverá apenas uma mera aparência de devoção.» (ADIL 16) Note-se que a multidão que se junta não é a multidão que ora verdadeiramente, em uníssono, à Virgem Santíssima. É imperativo fazê-lo com o coração, o fervor e a alegria de estar na presença de Maria. Pio X explica-o nos seguintes termos: «como o culto à mãe de Deus que sai espontaneamente do coração é eficaz, os atos do corpo, neste caso, não têm utilidade nem valor, se estiverem separados dos impulsos da alma.» (ADIL 17)

Por conseguinte, é necessário cultivar as virtudes que a vida exemplar de Maria, mãe da humanidade, demonstra. Há que solidificar a fé, a esperança e a caridade para com Deus e para com o ser humano. Na verdade, «que os filhos imitem todas as virtudes desta Santíssima Mãe, (...) que os fiéis sigam preferencialmente aqueles que são os principais, e como nervos e articulações da vida cristã, ou seja, a fé, a esperança e a caridade para com Deus.» (ADIL 21) Pio X sublinha que toda a prece elevada em nome de Maria, e de coração sincero, é sempre acolhida por Nossa Senhora, já que «a oração que brota da caridade e que se baseia na intercessão de Maria nunca foi em vão.» (ADIL 25) E prossegue, referindo que a Virgem Maria, que sempre a todos ampara com a sua presença de Mãe, «[...] a Virgem também não deixará de nos socorrer nas nossas provações, por mais graves que sejam, e de continuar a luta travada por ela desde a sua conceção, para que possamos repetir todos os dias: «Hoje a cabeça da antiga serpente foi esmagada por ela».» (ADIL 25)

O pontificado de Bento XV é perpassado pela Primeira Guerra Mundial. Poucos dias após a sua eleição, em setembro de 1914, dá-se a primeira batalha do Marne. Mas a vitória franco-britânica não impediria que, sete meses depois, em abril de 1915, fossem usadas, pela primeira vez, armas químicas na guerra. Este marco faz-se acompanhar de outro: ao mesmo tempo, na Arménia, tem início o genocídio de mais de 1 milhão e 500 mil pessoas. Em julho de 1916, ocorre a Batalha do Somme, onde mais de 60 mil soldados britânicos perdem a vida. Esta que foi uma das batalhas mais sangrentas da história, possivelmente por não ter tido vencedor definido, resultou em combates locais pela região, os quais se estenderam até 1917. Em maio de 1917, dá-se a primeira aparição mariana em Fátima, Portugal. O colóquio termina com um pedido poderoso: “Rezemos o terço todos os dias para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.” Em março de 1918 a Rússia assina o tratado de Brest-Litovski e sai da Primeira Guerra

Mundial. Em novembro do mesmo ano, com a assinatura do Armistício de Compiegne, terminava a Primeira Guerra Mundial.

Após a morte de Sua Santidade o Papa Pio X, a 20 de agosto de 1914, ansiando a Igreja por um novo sucessor, é eleito, a 3 de setembro de 1914, Giacomo Paolo Battista della Chiesa, assumindo o nome de Bento XV. Tendo grande parte do seu pontificado sido inevitavelmente marcada pela Primeira Guerra Mundial, o seu labor orientou-se sempre para a reposição da paz. Assim, na carta dirigida ao Cardeal Pietro Gasparri, então Secretário de Estado, o pontífice refere que todas as graças concedidas por Nosso Senhor são espalhadas pelas mãos da Virgem Santíssima sobre os fiéis, «visto que todas as graças, que o Autor de todo o bem se digna partilhar com os pobres descendentes de Adão, são, pelo amoroso conselho de sua Divina Providência, dispensadas pelas mãos da Santíssima Virgem, queremos que a Grande Mãe de Deus nesta hora terrível, mais do que nunca, torne viva e confiante a questão de seus filhos mais aflitos.»¹⁴

Por este meio, incumbe ainda a Pietro Gasparri a nobre missão de anunciar uma nova invocação na ladainha de Loreto nos seguintes termos: «a partir do primeiro dia do próximo mês de junho, fique inserida na Ladainha de Loreto a invocação “Regina pacis, ora pro nobis”»¹⁵ Seja deste modo, toda a humanidade, em qualquer lugar do mundo, há de cultivar a intimidade de rezar a Maria pela paz no mundo e pelo fim da dor e do sofrimento. Na verdade, «a Maria, que é Mãe da misericórdia e onipotente pela graça, de todos os cantos da terra, nos majestosos templos e nas menores capelas, dos palácios e das ricas mansões dos grandes como dos mais pobres casebres, onde se alojam uma «alma fiel», dos campos e mares sangrentos, a invocação piedosa e devota e traz a ela o grito angustiado de mães e esposas, o gemido de crianças inocentes, o suspiro de todos os corações bem-abençoados.»¹⁶

Num outro documento, o Papa enaltece o Rosário e a sua recitação em família para «que (...) se torne mais familiar, e que esta seja a mais bela flor da piedade humana e a mais fecunda fonte das graças celestiais.»¹⁷

¹⁴ Papa Bento XV, «Carta de 27 de abril de 1915 do Papa Bento XV ao Cardeal Pietro Gasparri, Secretário de Estado para que os bispos de todo o mundo adicionem a invocação "Regina Pacis, ora pro nobis" nas Ladainhas Lauretanas.», acessado a 08 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/benedict-xv/it/letters/1917/documents/hf_ben-xv_let_19170505_regina-pacis.html

¹⁵ Papa Bento XV, «Carta de 27 de abril de 1915 do Papa Bento XV ao Cardeal Pietro Gasparri, Secretário de Estado para que os bispos de todo o mundo adicionem a invocação "Regina Pacis, ora pro nobis" nas Ladainhas Lauretanas.»

¹⁶ Papa Bento XV, «Carta de 27 de abril de 1915 do Papa Bento XV ao Cardeal Pietro Gasparri, Secretário de Estado para que os bispos de todo o mundo adicionem a invocação "Regina Pacis, ora pro nobis" nas Ladainhas Lauretanas.»

¹⁷ Papa Bento XV, «Carta *Di Altissimo Pregio* do papa bento XV ao reverendo padre Costanzo M. Becchi, diretor para a Itália da satisfação do rosário perpétuo.», acessado a 08 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/benedict-xv/it/letters/1915/documents/hf_ben-xv_let_19150918_rosario.html

Efetivamente, Bento XV confiou o seu pontificado à intercessão de Maria «universalmente invocada como Rainha da Paz» (PDM 16), refletindo a sua ação sucessivamente uma preocupação pela manutenção da paz no mundo do século XX.

Com o término do seu pontificado a 22 de janeiro de 1922, sucedeu a Bento XV o cardeal Ambrogio Dimiano Achille Ratti, que escolheu o nome de Pio XI. Durante o pontificado deste papa, vários acontecimentos sinalizaram o perigo iminente de uma nova guerra. Em dezembro de 1922, é formada a União Soviética, URSS. No ano seguinte, em setembro de 1923, um grande sismo em Kantō provocou mais de 100 mil mortos. Depois de um período de quase quatro anos de relativa estabilidade, em janeiro de 1927, começa a guerra Cristera no México. Cerca de um ano depois, em março de 1928, começa a ditadura nacional portuguesa com Óscar Carmona. Em fevereiro de 1929 é assinado o Tratado de Latrão, mediante o qual a Itália reconhece o estado do Vaticano, e em outubro do mesmo ano começa a Grande Depressão, uma crise económica que atravessaria toda a década de 30. Em 1933, Hitler abole a constituição da República de Weimar e todos os partidos políticos exceto o partido nazi. Um ano depois, em 1934, autodeclara-se «o líder» e assume as funções de presidente e chanceler da Alemanha. Em julho de 1937, tem início a Guerra Sino-Japonesa.

O pontificado de Pio XI não pôde, portanto, passar ao lado do cada vez maior afastamento do Ocidente e do Oriente. Para o pontífice, é evidente que a ponte capaz de unir a todos seria a devoção a Nossa Senhora. Esta é, de resto, encarada como um «vínculo de reintegração de unidade com os eslavos orientais (...) em virtude da qual muitos se afastam da heresia e se aproximam de nós.»¹⁸

Assim sendo, é por meio da devoção a Nossa Senhora presente «em todo o mundo católico [que] se multiplicarão o fervor e a frequência da devoção (...) que já obteve tão grandes e tão benéficas intervenções da Virgem Santa no destino da humanidade atribulada.»¹⁹ Neste sentido, são consequentes as festas «em honra da Santíssima Virgem [pois] permitirão ao povo cristão não só venerar com maior piedade a Mãe de Deus, a sua protetora mais válida, mas também inflamar-se com um amor mais forte pela Mãe celeste, que o Redentor lhes havia deixado quase por vontade. Entre os benefícios obtidos do culto público e litúrgico à Mãe de

¹⁸ Papa Pio XI, «Carta Encíclica *Ecclesiam Dei*», acedido a 08 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19231112_ecclesiam-dei.html

¹⁹ Papa Pio XII, «Mensagem de rádio de Sua Santidade Pio XII a todo o mundo na ocasião do Natal.», acedido a 08 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1954/documents/hf_p-xii_spe_19541224_ego-declinabo.html

Deus e aos Santos do Céu, não menos importante este deve ser incluído: que a Igreja, em todos os tempos, foi capaz de rejeitar vitoriosamente a praga das heresias e dos erros.»²⁰

1.3. Sua Santidade o Papa Pio XII e a definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora

O pontificado do Papa Pio XII ficou marcado desde logo pela assinatura, em agosto de 1939, do Pacto Ribbentrop-Molotov. Este pacto de não-agressão, a que se seguiriam alguns acordos comerciais, estipulava a partilha de territórios europeus de interesse para a Alemanha e a União Soviética. Em resultado do alarme causado internacionalmente, em setembro do mesmo ano, começa a Segunda Guerra Mundial. No mesmo mês, Franco, que integrara o golpe que deu início à Guerra Civil Espanhola, com o apoio de Hitler e Mussolini, torna-se chefe de estado e chefe do governo de Espanha.

Com efeito, a Segunda Guerra Mundial é um veículo poderosíssimo para a difusão dos ideais de Hitler (entre os quais avultam a superioridade alemã e a eliminação de minorias étnicas e religiosas como os judeus, os deficientes físicos e os homossexuais). A popularidade do Führer não parava de crescer. A perseguição aos judeus, que fez com que fossem criados vários campos de concentração e fez com que os judeus fossem forçados a trabalho pesados, parecia não ter impacto no seu perfil; pelo contrário, parece até contribuir para consolidar o peso simbólico da sua figura.

Em janeiro de 1940, começou a Guerra de Inverno entre a União Soviética (URSS) e a Finlândia, um dos territórios de interesse contemplados no pacto acima referido. Em maio do mesmo ano, abre um dos campos de concentração mais mortíferos da Segunda Guerra Mundial, o Campo de Concentração de Auschwitz. Dos horrores nele perpetrados, escreve Primo Levi, em *Se isto é um Homem*, o seguinte: «considerai se isto é um homem / quem trabalha na lama / quem não conhece paz / quem luta por meio pão / quem morre por um sim ou por um não / considerai se isto é uma mulher, / sem cabelos e sem nome / sem mais força para recordar / vazios os olhos e frio o regaço / como uma rã no Inverno. / Meditai que isto aconteceu.»²¹

Em junho de 1944, os aliados da Segunda Guerra Mundial invadem a Normandia, para libertar a França dos Alemães. Em maio de 1945, a Alemanha Nazi rende-se às forças aliadas. Em agosto do mesmo ano, o bombardeamento nuclear no Japão, aliado da Alemanha, pelos Estados Unidos da América (EUA) matou milhares e milhares de pessoas nas cidades de

²⁰ Papa Pio XI, «Carta Encíclica *Quas Primas*», acedido a 08 de Março de 2022, https://www.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_11121925_quas-primas.html

²¹ Primo Levi, *Se isto é um Homem*, trad. Simonetta Cabrita Neto, (Lisboa: Teorema, 2008), 7

Hiroxima e Nagasaki – um estranho prenúncio do fim da guerra. Em setembro de 1945 terminava, de facto, a Segunda Guerra Mundial, deixando um rasto de destruição, morte e de vazio verdadeiramente desolador.

Novamente, Primo Levi: «Meditai que isto aconteceu: / Recomendo-vos estas palavras. / esculpi-as no vosso coração / em casa ou na rua; / ao deitar-vos e ao levantar-vos; / repeti-as aos vossos filhos.»²² Para memória futura. Para que o esquecimento não promova a repetição.

Em dezembro de 1948, as Nações Unidas aprovam a Declaração Universal dos Direitos Humanos. E, no entanto, entre 1950 e julho de 1953 decorreu a Guerra da Coreia. E em novembro de 1955 começa a Guerra do Vietname.

A Pio XI sucede Pio XII. Eugénio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli foi eleito para assumir o trono de São Pedro no conclave que terminou a 2 de março de 1939. O seu pontificado durou dezanove anos e teve o seu ápice em 1950, ano da proclamação e definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora aos céus, com a Carta Encíclica *Munificentissimus Deus*. Viveu a Segunda Guerra Mundial e a sua mensagem foi a da esperança que todos os cristãos são chamados a ter, apoiando-se em Nossa Senhora, Mãe de Deus e nossa Mãe. O pontífice refere que «ao ponderardes a situação tão sobrecarregada de graves perigos, não deveis, veneráveis irmãos, deixar-vos abater pelo desânimo, mas lembrados daquela palavra divina: “Pedi e dar-se-vos-á, buscai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á” (Lc 11, 9), com fé mais firme voltai-vos para a virgem Mãe de Deus, sob cujo manto encontrou sempre refúgio o povo cristão nas horas de perigo, pois que ela “foi constituída causa de salvação para todo o género humano”.» (IM 4)

Por conseguinte, o seu pontificado foi marcado pela presença da Virgem Maria. Por tratar-se de um período conturbado para todos, somente Nossa Senhora acompanharia os seus filhos que lhe pedem auxílio; «ela, sem dúvida, com doçura especial, lhes aliviará o sofrimento, reavivando-lhes no peito a esperança do prémio eterno, e não deixará também, como firmemente confiamos, de apressar, rapidamente, o fim de tantas dores.» (IM 12)

A devoção à Virgem Maria, cultivada por parte dos fiéis e dos padres da Igreja, esteve sempre presente também nos concílios e na reflexão papal. O culto remonta a um passado distante, já que nas liturgias antigas é evidente que a devoção a Nossa Senhora faz-se «desde os mais remotos tempos da Igreja, esse ponto de doutrina mais se esclareceu e cada vez mais se confirmou, quer entre os pastores sagrados, quer na convicção e no espírito dos féis. Atestam-no, como dissemos, os escritos dos santos Padres, os concílios e os atos dos romanos pontífices;

²² Primo Levi, *Se isto é um Homem*, 7

testemunham-no, enfim, as antigas liturgias, cujos livros, desde os mais antigos, consideram essa festa como legada pelos nossos antepassados.» (FC 14)

Deve salientar-se, neste tocante, o Sacramentário Galicano, que, «por exemplo, chama a esse privilégio de Maria, “inexplicável mistério, tanto mais digno de ser proclamado, quanto é único entre os homens, pela assunção da virgem”.» (MD 18) De idêntica importância se reveste também o gesto do Papa Adriano I, ao enviar um Sacramentário ao Imperador Carlos Magno referindo «a festividade deste dia, em que a santa Mãe de Deus sofreu a morte temporal; mas não poderia ficar presa com as algemas da morte aquela que gerou no seu seio o Verbo de Deus encarnado, vosso Filho, nosso Senhor”» (MD 17)

Mas o dogma da Assunção de Nossa Senhora ao Céu é apenas o último de uma série de dogmas da Igreja. Com efeito, ao longo dos séculos e no decorrer da história do Cristianismo, foram declarados e definidos diferentes dogmas relativos à Virgem Santíssima. Coube a Pio XII declarar e definir o dogma da Assunção de Nossa Senhora ao Céu em corpo e alma, apoiando-se na tradição da Igreja, pois «de modo ainda mais universal e esplendoroso se manifesta esta fé dos pastores e dos fiéis, com a festa litúrgica da assunção, celebrada desde tempos antiquíssimos no Oriente e no Ocidente. Nunca os santos padres e doutores da Igreja deixaram de haurir luz nesta solenidade, pois, como todos sabem, a sagrada liturgia, “sendo também profissão das verdades católicas, e estando sujeita ao supremo magistério da Igreja, pode fornecer argumentos e testemunhos de tão pequeno valor para determinar algum ponto da doutrina cristã”.» (MD 16)

Por seu turno, a liturgia Bizantina também faz referência à devoção da Assunção de Nossa Senhora estipulando que «a assunção corporal da virgem Maria é relacionada diversas vezes não só com a dignidade de Mãe de Deus, mas também com os outros privilégios, especialmente com a sua maternidade virginal, decretada por um singular desígnio da Providência divina: “Deus, Rei do universo, concedeu-vos privilégios que superam a natureza; assim como no parto vos conservou a virgindade, assim no sepulcro vos preservou o corpo da corrupção e o glorificou pela divina translação”.» (MD 18)

Neste sentido, Pio XII realçou os anteriores pontífices, de saudosa memória, entre os quais avulta, por exemplo, o Papa São Sérgio I, que, «ao prescrever as ladainhas, ou a chamada procissão estacional, nas festas de nossa Senhora, enumera simultaneamente a Natividade, a Anunciação, a Purificação e a Dormição.» (MD19) Àquele podemos aduzir ainda o exemplo do Papa São Leão IV, que, olhando o modelo transcorrido no decorrer dos anos de São Nicolau I, «procurou que se revestisse de maior esplendor, mandando juntar-lhe a vigília e a oitava. E o próprio pontífice quis participar nessas solenidades, acompanhado de imensa multidão. Na

vigília já de há muito se guardava o jejum, como se prova com evidência do que afirma o nosso predecessor S. Nicolau I, ao tratar dos principais jejuns “que (...) desde os tempos antigos observava e ainda observa a santa Igreja romana”» (MD 19)

Desta forma, pela história e pela tradição, é possível compreender por que motivos todos os fiéis se tornam expectantes, pois «quando fomos elevados ao sumo pontificado, já tinham sido apresentadas a esta Sé Apostólica muitos milhares dessas súplicas, vindas de todas as partes do mundo e de todas as classes de pessoas: dos nossos amados filhos cardeais do Sacro Colégio, dos nossos veneráveis irmãos arcebispos e bispos, das dioceses e das paróquias.» (MD 9)

Vendo que toda a Igreja se unia dos quatro cantos da terra num único pedido e, como já se tinha definido que «a virgem Maria, Mãe de Deus, foi imune desde a sua conceção de toda a mancha, logo os corações dos fiéis conceberam uma mais viva esperança de que em breve o supremo magistério da Igreja definiria também o dogma da assunção corpórea da virgem Maria ao céu.» (MD 6) Assim aconteceu a 1 de novembro de 1950, quando, por meio da Carta Encíclica *Munificentissimus Deus*, foi expresso que havia chegado a altura de «pronunciarmos, declararmos e definirmos ser dogma divinamente revelado que: a imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial".» (MD 44)

Evocando um dos Santuários de confluência de fiéis a saber, o Santuário de Lourdes, o Papa refere que de todo o mundo ali afluem os fiéis, os quais «reavivaram a sua fé, intensificaram a sua piedade e procuraram conformar sua vida com os preceitos cristãos. Ali alcançaram, muitas vezes, milagres que suscitaram a admiração de todos, e confirmaram a religião católica como única aprovada por Deus.» (FC 4) Esta devoção universal a Nossa Senhora é referida na Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*. Escreve o Papa: «muitas cidades, dioceses e regiões foram consagradas ao especial patrocínio e proteção da assunção da Mãe de Deus.» (MD 15)

Por conseguinte, os fiéis que já tinham e têm a presença de Nossa Senhora bem marcada na sua vida compreendem o que o Papa Pio XII escreve na Carta Encíclica *Fulgens Corona*: «e porque em todas as cidades, vilas e aldeias onde floresce o cristianismo existe sempre uma capela ou, ao menos, um altar no qual resplandece, de modo particular, a imagem de nossa Senhora exposta à veneração do povo cristão, desejamos, veneráveis irmãos, que os fiéis para lá se dirijam com a maior frequência e elevem, num só coração e numa só voz, orações públicas à nossa suavíssima Mãe.» (FC 28)

Além disso, sempre existiram e existem lugares marianos de peregrinação; em relação a esses o Papa Pio XII diz: «onde existir um templo particularmente dedicado à virgem Mãe de Deus – o que se dá em quase todas as dioceses – a ele acorram, em determinados dias do ano, piedosas multidões de peregrinos, com edificantes manifestações públicas da fé comum e do amor para com a Virgem santíssima.» (FC 29)

Para concluir, a tônica mais marcante do pontificado do Papa Pio XII é «que se promovam, em todas as dioceses, conferências e discursos apropriados para esclarecer mais as mentes sobre esse ponto da doutrina cristã [referia-se ao dogma da Imaculada Conceição], de forma que a fé do povo se intensifique e nele se acenda cada vez mais a devoção à virgem Mãe de Deus; assim todos sigam intensa e decididamente os exemplos da nossa Mãe celeste.» (FC 27)

Porém, são igualmente importantes as devoções particulares de cada fiel, pois é a partir delas que todos crescem «em amor para com a Mãe celeste, e que os corações de todos os que se gloriam do nome de cristãos se movam a desejar a união com o corpo místico de Jesus Cristo, e que aumentem no amor para com aquela que tem amor de Mãe para com os membros do mesmo augusto corpo.» (MD 42) Nesse sentido, a recitação do terço é considerada um dos principais elementos de união entre fiéis e Nossa Senhora. Na verdade, «os fiéis costumam acorrer com maior frequência às igrejas para invocarem Maria por meio da devoção do santíssimo Rosário (...) [uma] devoção, veneráveis irmãos, [que] desejamos que se faça este ano com o maior fervor de alma, como exigido pelas necessidades do mundo.» (IM 5)

Como efeito, além de recitado nas igrejas, o Rosário deve ser rezado em família, pois a família é a Igreja doméstica onde o fundamento principal do Cristianismo se fomenta. Assim sendo, o Papa Pio XII na sua Carta Encíclica *Ingruentium malorum* escreve: «quão suave e profundamente agradável a Deus é o espetáculo do lar cristão que, ao cair de cada noite, ressoa com as harmonias dos reiterados louvores da augusta Rainha do Céu!» (IM 8)

Toda a devoção tem como finalidade auxiliar os fiéis a desviar-se do mal «porque não é pela força, nem pelas armas, nem pelo poder humano, mas sim, pelo auxílio alcançado por meio dessa devoção, que a Igreja, munida desta espécie de funda de Davi, consegue impávida afrontar o inimigo infernal, ao qual bem pode dirigir as palavras do pastorzinho adolescente: “Tu vens contra mim de espada, lança e escudo, e eu vou contra ti em nome do Deus dos exércitos...; e saberá toda esta multidão que não é com espada nem com lança que o Senhor salva” (1 Rs 17, 44.49).» (IM 9)

Assim sendo, Maria, nossa Mãe, não é um caminho único, à parte de tudo o mais; pelo contrário: é a partir de Maria que caminhamos para o seu Filho. O mesmo é dizer que «tudo

que for de honra e veneração à nossa Mãe celeste, sem dúvida que transborda em glória para o seu divino Filho, não só porque dele vêm, como de primeira fonte, todas as graças e dons, mesmo excelsos, mas ainda porque “os pais são a glória dos filhos”.» (FC 13)

1.4. Sua Santidade o Papa João XXIII e o novo horizonte ecuménico

Durante o pontificado de João XXIII, tiveram lugar vários acontecimentos históricos que antecederam o período conhecido como a Guerra Fria. Em 1959, ocorreu a revolução cubana no seguimento da qual se implementou o castrismo. Este acontecimento é representativo de como o mundo se dividia entre países apoiados pelos soviéticos e países apoiados pelo Ocidente. Em maio de 1960, aconteceu o Grande Terramoto do Chile, o maior terramoto da história, por ter alcançado uma magnitude de 9,5 na escala de Richter e feito 6 mil mortos, viria a fragilizar um país há muito empobrecido. Em agosto de 1961, começa a ser construído o muro de Berlim, uma barreira física representativa dos dois blocos que dominavam o mundo, como acima referimos, e em outubro do mesmo ano a União Soviética (URSS) fez explodir a maior bomba atómica da história, três mil vezes mais potente do que a bomba de Hiroxima.

Sucedeu a Pio XII o Papa João XXIII. De seu nome Ângelo Giuseppe Roncalli, foi eleito a 28 de outubro de 1958, tendo o seu pontificado tido a duração de «quatro anos, sete meses e seis dias»²³. Um pontificado curto – é certo, mas marcado pelo início do Concílio Ecuménico Vaticano II, que veio reformar irreversivelmente a Igreja universal.

Na Solenidade da Imaculada Conceição de 8 de dezembro de 1960, que decorreu na Basílica de Santa Maria Maior, João XXIII referiu-se, durante a homilia, à antiguidade da devoção à Virgem Santíssima. Na verdade, ela está presente na liturgia antiga que remonta aos padres da Igreja e é por eles que «está na liturgia, nos acentos dos Padres da Igreja, no suspiro ansioso de tantos corações que querem honrá-la, difundindo o perfume da sua pureza e fervor de apostolado para melhorar os bons costumes privados e públicos.»²⁴

Como já os seus antecessores e seus predecessores haviam feito, o Papa lançou um repto forte para a oração do Rosário que está sempre muito ligado à devoção a Nossa Senhora, sublinhando na sua Carta Encíclica *Grata Recordatio* que recitar o Rosário é algo que ele sempre fez, desde a juventude em cada dia do ano e que deve ser feito sempre com especial dedicação. «Mas de um modo especial com particular fervor, deve rezar-se no mês de outubro»

²³ Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 537

²⁴ Papa João XXIII, «Solenidade da Conceição Imaculada, Homilia de sua santidade João XXIII», acedido a 09 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/homilies/1960/documents/hf_j-xxiii_hom_19601208_immacolata-concezione.html

(GR 2) o Papa pede aos fiéis devoção a Nossa Senhora, e empenho de «elevarem comuns e fervorosas súplicas à celeste Rainha e Mãe nossa amantíssima, durante o correr do mês de outubro.» (GR 17) Em suma, é sempre pela devoção a Maria que todo o crente encontra a luz e o caminho seguro que é o seu Filho, Jesus Cristo.

Note-se que o Papa João XXIII recomenda que estas «súplicas fervorosas» devem decorrer no mês de outubro durante todo o ano, mas sobre tudo, até porque a carta está inteiramente dedicada ao mês de outubro, um mês imbuído de «um forte e persuasivo apelo a dirigir confiantes súplicas a Deus, mediante a poderosíssima intercessão da Virgem sua Mãe, com a recitação do Santo Rosário.» (GR 1)

A 25 de dezembro de 1961, quando é convocado o Concílio Ecuménico Vaticano II, o próprio Papa, antes da abertura oficial, na *Carta Apostólica Oecumenicum Concilium*, escrita a 28 de abril de 1962, roga a todos cristãos e «homens de boa vontade» que supliquem a Maria a chegada a bom porto do Concílio. Fá-lo nos seguintes termos: «tal como já muitas vezes anunciamos, com confiante solicitude dirigimo-nos agora a todo o mundo católico, e, apraz-nos acrescentar, a todos os homens de boa vontade e de reto sentimento, em nome e sob o olhar bendito e piedoso da Rosa mística: em nome de Maria, mãe de Jesus e nossa mãe. E a todos convidamos para uma súplica mais acentuada, que dilate os horizontes do fervor religioso e empenhe em maior santidade de vida, como o exige e persuade o concílio ecumênico.» (OC 3)

A 11 de outubro do ano seguinte é aberto o referido Concílio, reunião magna focada em responder aos problemas e dificuldades daquele tempo.²⁵ Ali houve ainda oportunidade de debater a presença de Maria no seio da Igreja, sendo «sobejamente conhecido que a aula conciliar foi atravessada – leia-se: praticamente dividida a meio – por duas tendências opostas: uma «cristotípica», de teor «maximalista», que tendia a assimilar o mais possível Maria a Cristo, colocando-a acima dos cristãos e estabelecendo paralelos entre a cristologia e a mariologia; e outra «eclesiotípica», movida por preocupações de maior equilíbrio doutrinal e de abertura ecuménica.

Uma certa «inflação marial» não era vista com bons olhos, afirmando-se a necessidade de reintroduzir Maria no seu lugar na Igreja, ainda que como seu membro mais eminente e mais perfeito.»²⁶ Deste modo, no debate acerca do lugar de Maria no seio da Igreja «concretamente manifestou-se o receio de que a mariologia e a piedade mariana católicas atribuíssem um papel

²⁵ Cf. Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 536

²⁶ José Eduardo Borges de Pinho, «O culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspetiva teológico-sistemática», *DIDASKALIA* XXXV (2005), 433

salvífico próprio a Maria, o que seria sobretudo visível no uso de títulos como os de «mediadora» e «corredentora.»²⁷

A eventual equiparação de Maria ao seu Filho acabaria por ser mitigada, afirmando o Papa João XXIII e seus saudosos antecessores que Maria era o meio de devoção para chegar ao seu Filho. Assim «redescobriu-se, antes de mais, com atenção mais apurada e com nova sensibilidade, que Maria é uma mulher do nosso mundo, que, como inúmeras outras mulheres, viveu a dupla condição de esposa e mãe.»²⁸ Por conseguinte, «a Igreja revê-se em Maria como seu protótipo, na dimensão de uma história de fé vivida em fidelidade e na dimensão de uma plenitude antecipada que aponta o caminho a percorrer e seu sentido último.»²⁹

Com efeito, Maria mostra e dá o mais puro exemplo de como seguir Jesus. É deste modo que a Cristologia compreende a Mariologia: «o lugar de Maria e a sua razão de ser na história da salvação estão em relação indissolúvel com o seu filho Jesus, a mariologia está ao serviço da cristologia e é assim que ressalta o seu verdadeiro significado.»³⁰ Os fiéis veem em Maria «essa mulher para quem muitas pessoas simples, pobres e humildes se voltaram ao longo dos séculos no meio das alegrias e dos sofrimentos da existência, identificando-se com ela e a sua história dolorosa de vida, procurando junto dela conforto, consolação e proteção maternal, sentindo-se próximas daquela em quem descobrem um rosto de ternura, de misericórdia e de compaixão.»³¹

É esta proteção, esta amizade, esta doçura que o crente encontra em Maria. Na verdade, «a piedade mariana está recheada de indicativos e sinais que exprimem e mostram dimensões antropológicas fundamentais, desde o lugar dos santuários às peregrinações, desde o sentido da festa à experiência da fraternidade reencontrada.»³² É ainda nesta dimensão antropológica, vivida na mais singela alegria de peregrinar e de rumar aos santuários dedicados à Santíssima Virgem em grupo, que «os exercícios de piedade marianos (...) não podem descuidar as exigências do movimento ecuménico.»³³

²⁷ José Eduardo Borges de Pinho, «O culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspetiva teológico-sistemática», 437

²⁸ José Eduardo Borges de Pinho, «O culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspetiva teológico-sistemática», 440

²⁹ José Eduardo Borges de Pinho, «O culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspetiva teológico-sistemática», 437

³⁰ José Eduardo Borges de Pinho, «O culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspetiva teológico-sistemática», 436

³¹ José Eduardo Borges de Pinho, «O culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspetiva teológico-sistemática», 441

³² José Eduardo Borges de Pinho, «O culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspetiva teológico-sistemática», 441

³³ José Eduardo Borges de Pinho, «O culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspetiva teológico-sistemática», 438

João XXIII presidiu somente às duas primeiras secções do Concílio, tendo cabido ao seu sucessor, o Papa Paulo VI,³⁴ terminar e concluir o tema mariano com o VIII capítulo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que será abordada na secção seguinte.

O Papa João XXIII relembra que a piedade tem diferentes dinamismos e que assume formas diferentes de ser vivida preciosa para o mês de maio. Deseja o Papa: «renovando a união unânime de oração em torno de Maria, Mãe de Jesus, seja ele passado com particular intensidade de afeto, nas diversas formas que a piedade popular reveste, em cada região. E o Rosário de Maria, oh! que belo ramalhete de flores seria sempre, entre todas estas variações de ternuras e de aflições piedosamente entrelaçadas, meditando e invocando a cara Mãe celeste!» (OC 15)

A partir desta citação inferimos que, para João XXIII, a oração unânime é aquela que é vivida num único sentido e com um único foco. Portanto, quando nos reunimos com um único objetivo, «as almas são espontaneamente atraídas a venerar com particular atestação de amor à Mãe de Deus; e as cerimónias nas Igrejas do orbe católico, desde os celebrados santuários marianos até às humildes capelas das aldeias montanhosas e das terras de missão, como também as fervorosas devoções no seio das famílias cristãs, constituem uma tocante confirmação da atração universal que a Virgem Santa exerce sobre seus filhos.» (OC 4)

Por conseguinte, quando estamos unidos em santuários marianos, capelas e igrejas e devoções pessoais, caminhamos sem medo, pois «é sempre a luz de nossa Mãe celestial que se espalha, que transmite alegria, que fortalece a boa vontade, que aproxima as almas.»³⁵ Iluminados pela luz celestial, emanada da mãe de Jesus e nossa Mãe, a oração por nós meditada «torna-se súplica universal, para que possamos obter a superabundância dos favores celestes pelo triunfo da graça sobre a natureza.»³⁶

É especialmente pertinente, neste âmbito, lembrar o reto lançado pelo Papa, a 16 de janeiro, de 1962, à juventude. Porque os jovens são os pilares onde se implementará o cristianismo futuro, diz: «Oh! juventude bendita e perene, que sob os auspícios do santo nome de Maria, e guiada por ela, prepara brilhantes falanges para o apostolado benéfico da Igreja do futuro!» (SL 5)

³⁴ Cf. Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 537

³⁵ Papa João XXIII, «Solenidade da Conceção Imaculada da Beata Virgem Maria, Homilia do Papa João XXIII», acedida a 09 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/john-xxiii/it/homilies/1958/documents/hf_j-xxiii_hom_19581208_bergamo.html

³⁶ Papa João XXIII, «Solenidade da Conceção Imaculada da Beata Virgem Maria, Homilia do Papa João XXIII», acedida a 09 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/john-xxiii/it/homilies/1958/documents/hf_j-xxiii_hom_19581208_bergamo.html

1.5. Sua Santidade o Papa Paulo VI

Ao pontificado de quinze anos do Papa Paulo VI correspondem acontecimentos marcantes como a entrada das tropas dos Estados Unidos da América na sangrenta guerra do Vietname, em fevereiro de 1965, e em abril do mesmo ano a invasão pelas mesmas tropas da República Dominicana. Em abril de 1967 começa a ditadura militar na Grécia e em junho do mesmo ano o início da Guerra dos Seis Dias. Em maio de 1968, dá-se a revolução dos universitários em França e em julho de 1969, Neil Armstrong é o primeiro homem a pisar em solo lunar. Em janeiro de 1973, são assinados os Acordos de Paz Paris, onde se pretende o fim da guerra e a restituição da paz ao povo vietnamita. Em janeiro, de 1974, dá-se uma rebelião militar na Etiópia, e em abril do mesmo ano, em Portugal faz-se a revolução do Cravos, derrubando a ditadura. A comunidade internacional procura manter a paz pela via diplomática, mas persistem os governos ditatoriais e os conflitos armados teimam em ressurgir em vários pontos do globo.

Giovani Battista Montini foi eleito Papa no Conclave que terminou a 21 de junho de 1963, tendo escolhido o nome de Paulo VI. O seu pontificado ficaria marcado por tempos difíceis, pautados por causas de diferentes naturezas, a saber: a «emancipação feminina, a contestação de 68, o terrorismo violento, a pobreza endémica do Terceiro Mundo, os conflitos étnicos, a ditadura comunista, o capitalismo consumista»³⁷, etc. Paulo VI inicia o seu pontificado decidido a dar continuação à obra apenas começada – e ainda não terminada – do seu antecessor João XXIII, o Concílio Ecuménico Vaticano II.

Com um novo Papa, as duas correntes presentes no Concílio, e já mencionadas anteriormente, a corrente «cristotípica» e a corrente «eclesiotípica» ganharam novo impulso. Uma delas, inclusivamente, voltou a jungir uma nova divisão conciliar. No entanto, Paulo VI conseguiu «conciliar as exigências dos inovadores que pretendiam esquecer a tradição, e dos conservadores, que receavam o progressismo conciliar.»³⁸

O dualismo consistia basicamente no facto de «os defensores da primeira corrente [a corrente «cristotípica»] [quererem] a elaboração de um documento autónomo exclusivamente dedicado a Maria, enquanto a segunda posição [a corrente «eclesiotípica»] defendia que o tema mariano devia ser abordado dentro da Constituição sobre a Igreja.»³⁹ Para resolvê-lo, foi escrito o capítulo VIII da Constituição Dogmatica *Lumen Gentium*, intitulado «A Bem-Aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja», onde o Papa Paulo VI estipula

³⁷ Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 538

³⁸ Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 538

³⁹ José Eduardo Borges de Pinho, «O culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspetiva teológico-sistemática», 434

que «nas expressões do culto à Virgem Maria se dê um relevo especial ao aspeto cristológico e se envidem esforços no sentido de elas refletirem o plano de Deus». (MC 24)

Maria é o sinal de esperança para o Povo de Deus, é a estrela guia que o povo clama. Na verdade, «a Mãe de Jesus (...) glorificada já em corpo e alma, é imagem e início da Igreja que se há de consumir no século futuro, assim também, na terra, brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor.» (LG 68)

O VIII capítulo aborda o lugar que Maria ocupa na Igreja e a evidência da sua devoção, ou seja, «os exercícios de piedade com que os fiéis exprimem a sua veneração para com a Mãe do Senhor, manifestem de modo mais claro o lugar que ela ocupa na Igreja: “depois de Cristo, o mais alto e o mais perto de nós”.» (MC 28) Além disso, é através da escritura que muitos pilares são fundamentados e reforçados, pois se por Eva o mundo conheceu a morte, foi por Maria, seu filho que a salvação e a Vida foram alcançadas por todos «eis porque não poucos, Padres afirmam com ele, nas suas pregações, que «o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a virgem Maria com a sua fé»; e, por comparação com Eva, chamam Maria a «mãe dos vivos» e afirmam muitas vezes: «a morte veio por Eva, a vida veio por Maria».(LG 56)

Assim sendo, Maria torna-se a Mãe dos vivos porque aceitou os desígnios de Deus a que deu o seu «sim». Com efeito, Maria «é celebrada como festa da nova Eva, virgem obediente e fiel, que, com o seu “fiat” generoso (cf. Lc 1,38), se torna, por obra do Espírito Santo, Mãe de Deus, mas ao mesmo tempo também, Mãe dos vivos». (MC 6)

Segundo a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, Maria ocupa o segundo lugar, o seu lugar é imediatamente após Cristo, mas também é aquela que se faz próxima e se torna presente em torno dos seus devotos que «livremente se propõem acerca daquela que na santa Igreja ocupa depois de Cristo o lugar mais elevado e também o mais próximo de nós.» (LG 54) De resto, no ponto 66 do referido documento pode ler-se que Maria é «exaltada por graça do Senhor e colocada, logo a seguir a seu Filho, acima de todos os anjos e homens, Maria que, como mãe santíssima de Deus, tomou parte nos mistérios de Cristo, é com razão venerada pela Igreja com culto especial.» (LG 66) Deste modo, o Concílio Ecuménico Vaticano II demonstra que a Igreja contemporânea reflete o mistério de Cristo e por Ele vê a glória e a coroa da singular Mãe de Deus e Mãe da Igreja. Na verdade, «a reflexão da Igreja contemporânea, sobre o mistério de Cristo e sobre a sua própria natureza, levou-a a encontrar, na base do primeiro e como coroa da segunda, a mesma figura de mulher: a Virgem Maria, precisamente, enquanto ela é Mãe de Cristo e Mãe da Igreja.» (MC Introdução) Reforçando que Maria é, por excelência,

um meio para maior louvor de Cristo, «um recente documento ecuménico comenta assim a transformação operada: «Duma mariologia autónoma que se tornava perigosamente emancipada do conjunto da teologia passava-se, pois, a uma teologia marial integrada e neste sentido funcional.»⁴⁰

Como meio de fundamentação, «a materna missão de Maria, pois, impele o Povo de Deus a dirigir-se, com filial confiança, àquela que está sempre pronta para o atender, com afeto de mãe e com o valimento eficaz de auxiliadora (LG 60-63). Por isso, cedo começou o mesmo Povo de Deus a invocá-la sob os títulos de Consoladora dos aflitos, Saúde dos enfermos e Refúgio dos pecadores, a fim de alcançar conforto nas tribulações, alívio nas doenças e, quando ilaqueado pela culpa, a força libertadora.» (MC 57)

Recuando no tempo, torna-se evidente que na história da Igreja, Maria é já tida nesta dimensão. No Concílio de Éfeso, por exemplo, o Povo de Deus invocava a Virgem Maria, com devoção. De resto, «foi sobretudo a partir do Concílio do Éfeso que o culto do Povo de Deus para com Maria cresceu admiravelmente, na veneração e no amor, na invocação e na imitação, segundo as suas proféticas palavras: “Todas as gerações me proclamam bem-aventurada, porque realizou em mim grandes coisas Aquele que é poderoso” (Lc.1,48)». (LG 66) Note-se que foi neste mesmo Concílio Ecuménico que «os Padres do Oriente e do Ocidente, reunidos (...) no ano de 431, saudaram Maria como «Theotokos»: Mãe de Deus.» (SM Introdução)

A vida de Maria mostra que esta foi «firme na fé, pronta na obediência, simples na humildade, exultante no louvor do Senhor, ardente na caridade, forte e constante no cumprimento da sua missão até ao holocausto de si própria, em plena comunhão de sentimentos com o seu Filho.» (SM 6) Assim sendo, é longínqua a origem da devoção a Maria como exemplo a seguir. A Igreja aponta-a como aquela que se sentiu mais feliz em receber Cristo em seu coração que no seu ventre. Na verdade, «é em Maria que a Igreja aponta o exemplo do mais digno modo de receber no nosso espírito o Verbo de Deus, consoante a luminosa sentença de Santo Agostinho: «Mais bem-aventurada, pois, foi Maria em receber Cristo pela fé do que em conceber a carne de Cristo. A consanguinidade materna, de nada teria servido a Maria, se Ela não se tivesse sentido mais feliz em acolher Cristo no seu Coração, que no seu seio.» (SM 10) De resto, foi a partir de condições concretas como o acolher a Palavra e aceita-la, presente na sua caridade, que Maria se tornou exemplo e «proposta pela Igreja à imitação dos fiéis, não exatamente pelo tipo de vida que ela levou ou, menos ainda, por causa do ambiente sociocultural em que se desenrolou a sua existência, hoje superado quase por toda a

⁴⁰ José Eduardo Borges de Pinho, «O culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspetiva teológico-sistemática», 434

parte; mas sim, porque, nas condições concretas da sua vida, ela aderiu total e responsabilmente à vontade de Deus (cf. Lc 1,38); porque soube acolher a sua palavra e pô-la em prática; porque a sua ação foi animada pela caridade e pelo espírito de serviço; e porque, em suma, ela foi a primeira e a mais perfeita discípula de Cristo, o que, naturalmente, tem um valor exemplar universal e permanente.» (SM 35)

Maria é apontada pela Igreja como exemplo, pois ela é a primeira entre os Homens «humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus.» (LG 55) A Igreja também exorta «a uma piedade mariana cada vez mais fervorosa e frutuosa, [que] será acolhida generosamente, não apenas pelos fiéis confiados aos vossos cuidados, mas também por aqueles que, não gozando embora da plena comunhão com a Igreja Católica, todavia admiram e veneram conosco, na Serva do Senhor, a Virgem Maria, Mãe do Filho de Deus.» (SM 14)

De resto, os fiéis não devem cair numa falsa devoção impregnada de sentimentalismo. Assim se lê «a exortação dos Padres do Concílio Vaticano II: «Recordem-se os fiéis de que a devoção autêntica não consiste em sentimentalismo estéril e passageiro ou em vã credulidade, mas procede da fé verdadeira que nos leva a reconhecer a excelência da Mãe de Deus e nos incita a um amor filial para com a nossa Mãe, e à imitação das suas virtudes».» (SM 8) O mais verdadeiramente extraordinário é compreender que mesmo após ter sido elevada ao céu, Maria, continua a interceder junto de seu Filho, com aquele amor que mostrou no seu “fiat” até ao fim. Pois, «de facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada.» (LG 62)

Na devoção, os fiéis são chamados de formas variadas a venerar a Virgem Maria. Com efeito, «a veneração dos fiéis para com a Mãe de Deus tem revestido, de facto, formas múltiplas, de acordo com as circunstâncias de lugar e de tempo, com a diversa sensibilidade dos povos e com as suas diferentes tradições culturais. Disso resulta que, sujeitas ao desgaste do tempo, essas formas em que se expressa a piedade se apresentem necessitadas de renovação, que dê azo a nelas serem substituídos os elementos caducos, a serem valorizados os perenes, e a serem incorporados os dados doutrinários adquiridos pela reflexão teológica e propostos pelo Magistério eclesial.» (MC 24)

Um dos principais exercícios é a recitação do Rosário «com o piedoso afeto da contemplação, [que] reevoca na mente daquele que ora esses mesmos mistérios e estimula nele a vontade para haurir aí normas de vida.» (MC 48) O Rosário também pode ser rezado em

família, devendo «ser considerado uma das mais excelentes e eficazes orações em comum, que a família cristã é convidada a recitar.» (MC 54) É nele que toda a família se reúne e se reencontra «na difusão de tão salutar devoção, as suas reais proporções não sejam nunca alteradas, e que jamais ela seja apresentada com inoportuno exclusivismo: o Rosário é uma oração excelente, em relação à qual, contudo, os fiéis se devem sentir serenamente livres, e solicitados a recitá-la com compostura e tranquilidade, atraídos pela sua beleza intrínseca.» (MC 55)

Também é incitado que se faça a oração da Ave-Maria ou o «Angelus Domini» que «intentam ser uma simples, mas fêrvida exortação a que se mantenha a costumada recitação, onde e quando isso for possível. Tal exercício de piedade não tem necessidade de ser restaurado: a estrutura simples, o caráter bíblico, a origem histórica que a liga à invocação da incolumidade na paz, o ritmo quase litúrgico que santifica momentos diversos do dia» (MC 41) são intemporais.

Assim sendo, as diversas formas de louvar a Nossa Senhora dão bem a dimensão da sua devoção e da forma sustentada como ela se tornou modelo de perfeição para onde a Igreja e os fiéis tendem e laboram. Com efeito, «na Santíssima Virgem, a Igreja alcançou já aquela perfeição sem mancha nem ruga que lhe é própria (cfr. Ef. 5,27), os fiéis ainda têm de trabalhar para vencer o pecado e crescer na santidade; e por isso levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a família dos eleitos.» (LG 65)

1.6. Sua Santidade o Papa João Paulo I

O século XX testemunhou um dos pontificados mais curtos da história da Igreja. Albino Luciani, a «26 de agosto de 1978, foi elevado à cátedra de São Pedro e adotou o nome de João Paulo I.»⁴¹ A adoção do nome dos dois últimos papas (João XXIII e Paulo VI) é significativa, «combinando neles as qualidades progressistas e as tradicionalistas.»⁴² No entanto, escassos dias depois, a promessa de síntese e renovação, esvaneceu-se a «28 de setembro de 1978, pouco depois das vinte e três horas, apagou-se inesperadamente.»⁴³

Não obstante, o Papa João Paulo I pôde ainda proferir algumas palavras sobre Nossa Senhora. Nomeadamente, na sua tomada de posse da Diocese de Roma, a 23 de setembro de 1978, quando pediu a bênção de Deus para toda a Diocese e mencionou «com os bons auspícios de Maria “Salus Populi Romani”.»⁴⁴

⁴¹ Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 542

⁴² Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 542

⁴³ Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 542

⁴⁴ Papa João Paulo I, «Homilia da tomada de posse da diocese de Roma», acedido a 09 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/homilies/documents/hf_jp-i_hom_23091978.html

De igual forma, na mensagem que enviou aos Bispos e fiéis do Equador, por ocasião do 3.º congresso mariano, referiu o grande amor filial que existe à nossa Mãe do Céu, nos seguintes termos: «é com grande prazer que queremos unir a nossa voz à vossa, deste centro romano da catolicidade, para prestar uma homenagem de devoção filial e de amor à nossa Mãe do céu, a Bem-aventurada Virgem Maria.»⁴⁵ E deseja: «Maria, Mãe de Cristo, Mãe da Igreja e doce Mãe de cada um de nós, que ela seja sempre o seu modelo, o seu guia, o seu caminho para o Irmão Maior e Salvador de todos, Jesus.»⁴⁶

Para finalizar, recorde-se que João Paulo I entregou o seu pontificado nas mãos de Nossa Senhora na sua primeira mensagem na rádio. A marca e a presença de Maria são expressas nesse momento da seguinte forma: «Bem-aventurada Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos, será como a estrela fulgente do Nosso Pontificado.»⁴⁷

Após a sua morte, foi convocado novo Conclave e eleito aquele que teria um dos maiores pontificados da história da Igreja, João Paulo II.

1.7. Sua Santidade o Papa João Paulo II e o fim da centúria

O Papa João Paulo II viveu em setembro de 1980 o início da Guerra do Iraque e em outubro do mesmo ano o sismo da Argélia que vitimou cinco mil pessoas. Em maio de 1981, sofreu um atentado na Praça de São Pedro, no Vaticano. Em abril de 1982, tem início a Guerra das Malvinas. No mesmo mês em 1986, dá-se o acidente nuclear de Chernobil, na Ucrânia. Em novembro de 1989, a Alemanha dá início à demolição do Muro de Berlim. Em janeiro de 1991, começa a Guerra do Golfo, a qual termina no mês seguinte. Em julho do mesmo ano, 1991, dá-se por terminada a Guerra Fria entre os Estados Unidos da América e a União Soviética (URSS). Em maio de 1998, começa a Guerra entre a Etiópia e Eritreia, a qual viria a terminar em 2000. Duas décadas de relativa estabilidade no Ocidente, embora marcadas pela Guerra Fria e pelas assimetrias entre os países ricos e os do Terceiro Mundo.

No dia 16 de outubro de 1978, a chaminé da Capela Sistina dava sinal a todo o mundo que esperava expectante de que tinha sido eleito o sucessor do Papa João Paulo I. Deste modo,

⁴⁵ Papa João Paulo I, «Mensagem do Santo Padre João Paulo I aos bispos e fiéis do Equador por ocasião do II Congresso Mariano Nacional», acedido a 09 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/john-paul-i/es/messages/documents/hf_jp-i_mes_19780924_ecuador.html

⁴⁶ Papa João Paulo I, «Mensagem do Santo Padre João Paulo I aos bispos e fiéis do Equador por ocasião do II Congresso Mariano Nacional», acedido a 09 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/john-paul-i/es/messages/documents/hf_jp-i_mes_19780924_ecuador.html

⁴⁷ Papa João Paulo I, «A primeira radiomensagem do Papa João Paulo I», acedido a 09 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/messages/documents/hf_jp-i_mes_urbi-et-orbi_27081978.html

pouco tempo depois do primeiro sinal, na varanda da Basílica de São Pedro, ouve-se o nome Karol Wojtyła, o qual tomou como nome João Paulo II.

O seu pontificado teve uma duração de mais de 26 anos, ao longo dos quais sempre teve presente a Virgem Mãe, pois o seu lema era *Totus Tuus* e o seu brasão apresentava um M. O início do pontificado de João Paulo II é marcado «pelo clima de Guerra Fria entre os EUA e a URSS e pela grave fenda aberta entre o Norte e o Sul.»⁴⁸

Escreveu muitos documentos, contando-se entre os mais relevantes sobre a Virgem Santíssima a Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, de 1987, escrita «por ocasião do Ano Mariano, [e que] trata da figura de Nossa Senhora, vista como mediadora entre os homens e Deus (a devoção do Papa a Maria emerge de todas as suas pregações e é sintetizável no lema papal *Totus Tuus*).»⁴⁹

Na referida Carta, o Papa João Paulo II apresenta Maria como aquela que caminhava na terra criada por Deus e onde ela era desconhecida. No entanto, foi pela sua confiança que o “Magnificat” se proclama de geração em geração. Com efeito, «se é verdade que «todas as gerações a chamarão Bem-aventurada» (cf. Lc 1, 48), pode dizer-se que aquela mulher anónima foi a primeira a confirmar, sem disso ter consciência, aquele versículo profético do Magnificat de Maria e a dar início ao Magnificat dos séculos.» (RM 20)

De resto, século após século verificamos que a Virgem Maria se apresenta como a Mãe *da* e *para* a humanidade, sendo certo que «em correspondência com essa disponibilidade interior da sua Mãe, Jesus Cristo preparava-a cada vez mais para ela se tornar para os homens «mãe na ordem da graça». Isto acha-se indicado, pelo menos de maneira indireta, em certos pormenores registados pelos Sinópticos (cf. Lc 11, 28; 8, 20-21; Mc 3, 32-35; Mt 12, 47-50) e, mais ainda, pelo Evangelho de São João (cf. 2, 1-12; 19, 25-27), como já foi posto em evidência. A este propósito, são particularmente eloquentes as palavras pronunciadas por Jesus do alto da Cruz, referindo-se a Maria e a João.» (RM 39)

Sendo Mãe *da* e *para* a humanidade, a Igreja também a reclama como Mãe: «assim, aquela que está presente no mistério de Cristo como Mãe, torna-se — por vontade do Filho e por obra do Espírito Santo — presente no mistério da Igreja. E também na Igreja continua a ser uma presença materna, como indicam as palavras pronunciadas na Cruz: «Mulher, eis o teu Filho»; «Eis a tua Mãe.»» (RM 24)

Tornando-se Nossa Senhora Mãe da Igreja, a Igreja contempla a Virgem Santíssima como aquela que é a mediadora entre a humanidade e Jesus Cristo nos seguintes termos: «Maria

⁴⁸ Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 544

⁴⁹ Roberto Monge, «2000 anos de papas de São Pedro a Francisco», 546

põe-se de permeio entre o seu Filho e os homens na realidade das suas privações, das suas indigências e dos seus sofrimentos. Pôr-se de «permeio» é, na realidade, fazer de mediadora, não como uma estranha, mas na sua posição de mãe, consciente de que, como tal, pode — ou antes, «tem o direito de» — fazer presente ao Filho as necessidades dos homens.» (RM 21)

Por um lado, nesta relação entre mediação do ser humano e o seu Filho, Nossa Senhora sempre ampara o Homem para que o humano não sucumba, antes pelo contrário sinta a mão carinhosa da Mãe; «a sua mediação, portanto, tem um carácter de intercessão: Maria «intercede» pelos homens. E não é tudo: como Mãe deseja também que se manifeste o poder messiânico do Filho, ou seja, o seu poder salvífico que se destina a socorrer as desventuras humanas, a libertar o homem do mal que, sob diversas formas e em diversas proporções, faz sentir o peso na sua vida.» (RM 21)

Por outro lado, sendo Nossa Senhora aquela que intercede junto de seu Filho, também é ela que se faz de porta-voz das vontades d'Ele para a humanidade: «a Mãe de Cristo apresenta-se diante dos homens como porta-voz da vontade do Filho, como quem indica aquelas exigências que devem ser satisfeitas, para que possa manifestar-se o poder salvífico do Messias.» (RM 21)

A devoção a Nossa Senhora é global. As Igrejas Orientais e Ortodoxas encontram proteção em Maria «nos momentos difíceis da sua existência cristã atribulada. Na verdade, em outros tempos «refugiaram-se sob a sua proteção», conscientes de encontrarem nela um poderoso auxílio.» (RM 31) Nestas Igrejas, o culto está profundamente ligado por laços de amor à Mãe de Deus. Assim sendo, «a Igreja ortodoxa e as antigas Igrejas orientais sentem-se profundamente unidas no amor e louvor à Theotókos. Não só «os dogmas fundamentais da fé cristã acerca da Trindade e do Verbo de Deus, que assumiu a carne da Virgem Maria, foram definidos nos Concílios ecuménicos celebrados no Oriente», mas também no seu culto litúrgico «os Orientais exaltam com hinos esplêndidos Maria sempre Virgem (...) e a Santíssima Mãe de Deus.» (RM 31) Noutras culturas e outras tradições, como a Tradição Copta e Etiópica, Maria foi introduzida por São Cirilo de Alexandria e ainda hoje é festejada com grande vigor lírico. Na verdade, «as tradições coptas e etiópicas foram introduzidas nessa contemplação do mistério de Maria por São Cirilo de Alexandria; e, por sua vez, celebraram-na com uma abundante florescência poética.» (RM 31) Já na tradição Siríaca, o grande impulsionador de Maria foi Santo Efrém, cujos textos ainda hoje perfumam a devoção mariana. Com efeito, «o génio poético de Santo Efrém, o Sírio, denominado de «a cítara do Espírito Santo», cantou infatigavelmente a Virgem Maria, deixando um rasto ainda visível em toda a tradição da Igreja siríaca.» (RM 31) Na tradição Arménia, São Gregório de Narek aprofundou o mistério da

Incarnação «no seu panegírico da Theotókos, (...) com vigoroso estro poético, aprofundou os diversos aspetos do mistério da Incarnação; e cada um destes aspetos é para ele ocasião de cantar e exaltar a dignidade extraordinária e a beleza esplendorosa da Virgem Maria, Mãe do Verbo Incarnado.» (RM 31) A liturgia bizantina, por seu turno, faz presente Maria em todas as Horas do Ofício divino, onde a exaltação da Mãe e do Seu Filho elevam ao Pai no Espírito Santo. De resto, «na liturgia bizantina, em todas as horas do Ofício divino, o louvor da Mãe anda unido ao louvor do Filho e ao louvor que, por meio do Filho, se eleva ao Pai no Espírito Santo.» (RM 31) Relativamente aos Padres da Igreja, a anáfora de São João Crisóstomo é um dos exemplos mais evidentes da devoção Mariana, pois após a epiclese, a comunidade canta a Maria: «É verdadeiramente justo proclamar-vos bem-aventurada, ó Deípara, que sois felicíssima, toda pura e Mãe do nosso Deus. Nós vos magnificamos: a vós, que sois mais digna de honra do que os querubins e incomparavelmente mais gloriosa do que os serafins! A vós que, sem perder a vossa virgindade, destes ao mundo o Verbo de Deus! A vós, que sois verdadeiramente a Mãe de Deus!» (RM 32)

Já nos referimos a dois concílios que expressaram a aceitação de Maria como Mãe da Igreja, mas existem evidências de que já no II Concílio de Niceia, que teve lugar no ano de 787, foram autorizadas imagens de Nossa Senhora, tendo sido «definido que, segundo o ensino dos santos Padres e segundo a tradição universal da Igreja, se podiam propor à veneração dos fiéis, conjuntamente com a Cruz, as imagens da Mãe de Deus, dos Anjos e dos Santos, tanto nas igrejas como nas casas ou ao longo dos caminhos. Este costume foi conservado em todo o Oriente e também no Ocidente: as imagens da Virgem Maria têm um lugar de honra nas igrejas e nas casas.» (RM 33)

Mais recentemente, São Luís Maria Grignon de Montfort, que viveu entre o final do século XVII e o início do século XVIII, tendo nascido em 1673 e falecido em 1716, recomenda que os cristãos se consagrem a Cristo pelas mãos de Maria, «como meio eficaz para viverem fielmente os compromissos batismais.» (RM 48)

Assim se compreende que, sucessivamente, ao longo da sua história, a Igreja tenha expressado um vínculo muito forte com Nossa Senhora, fazendo dela um modelo a ser seguido tanto na prontidão como na vida. Trata-se, de facto, de um «culto (...) absolutamente singular: contém em si e exprime aquele vínculo profundo que existe entre a Mãe de Cristo e a Igreja. Como virgem e mãe, Maria permanece um «modelo perene» para a Igreja. Pode, portanto, dizer-se que sobretudo sob este aspeto, isto é, como modelo ou, melhor, como «figura», Maria, presente no mistério de Cristo, permanece também constantemente presente no mistério da Igreja.» (RM 42)

Assim sendo, «Maria (...) é com razão honrada pela Igreja com culto especial; (...) já desde os tempos mais antigos, a Santíssima Virgem é venerada com o título de «Mãe de Deus» e sob a sua proteção se acolhem os fiéis, que a imploram em todos os perigos e necessidades».» (RM 42) Sendo aquela que todos precisam, para que por ela cheguem a Cristo «não cessa de ser a «estrela do mar» (‘Maris Stella’) para todos aqueles que percorrem o caminho da fé. Levantam-se os olhos para ela nos diversos lugares onde se desenrola a sua existência terrena, fazem-no porque ela «deu à luz o Filho, que Deus estabeleceu como primogénito entre muitos irmãos» (Rom 8, 29) e também porque «coopera com amor de mãe» para «a regeneração e educação» destes irmãos e irmãs.» (RM 6)

As expressões de fé são muitas e variadas entre os fiéis devotos de Maria. Com efeito, esta devoção «nos dias de hoje, como aliás ao longo de toda a história da Igreja, encontra múltiplos meios de expressão. Possui também um multiforme raio de ação: mediante a fé e a piedade dos fiéis; mediante as tradições das famílias cristãs ou «igrejas domésticas», das comunidades paroquiais e missionárias, dos institutos religiosos e das dioceses; e mediante o poder de atração e irradiação dos grandes santuários, onde não apenas as pessoas individualmente ou grupos locais, mas por vezes inteiras nações e continentes procuram o encontro com a Mãe do Senhor...». (RM 28) Encontramo-la em variados lugares e muito vivos, como sejam os lugares de peregrinação e os templos erigidos à sua veneração «que a fé cristã ergueu no decorrer dos séculos em Roma e no mundo inteiro; e, ainda, o apelo de centros como Guadalupe, Lourdes, Fátima e os outros espalhados pelos diversos países, entre os quais, como poderia eu deixar de recordar o da minha terra natal, Jasna Góra?» (RM 28) Cabe-nos acrescentar também Nossa Senhora da Oliveira, Nossa Senhora da Penha, Nossa Senhora da Luz e entre outros locais que estão em foco neste trabalho.

Em todos, «Maria é representada: ou como trono de Deus, que sustenta o Senhor e o doa aos homens (Theotókos); como caminho que leva a Cristo e o mostra (Odigitria); como orante, em atitude de intercessão e sinal da presença divina nos caminhos dos fiéis, até ao dia do Senhor (Deisis); como protetora, que estende o seu manto sobre os povos (Pokrov); ou, enfim, como Virgem misericordiosa e cheia de ternura (Eleousa). Ela é representada, habitualmente, com o seu Filho, o Menino Jesus, que tem nos braços: é a relação com o Filho que glorifica a Mãe. Algumas vezes, ela abraça-o com ternura (Glykofilousa); outras vezes, está hierática e parece absorvida na contemplação daquele que é o Senhor da história (cf. Apoc 5, 9-14).» (RM 33) Outros, ainda, invocam-na «sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, (Perpétuo) Socorro e Medianeira.» (RM 40)

Em suma, é imperioso compreender que a apresentação de Maria como aquela que nos leva até o seu Filho nasce da «piedade do povo cristão [que] vislumbrou sempre uma ligação profunda entre a devoção à Virgem Santíssima e o culto da Eucaristia: pode comprovar-se este facto, na liturgia, tanto ocidental como oriental, na tradição das Famílias religiosas, na espiritualidade dos movimentos contemporâneos, mesmo dos movimentos juvenis, e na pastoral dos santuários marianos. Maria conduz os fiéis à Eucaristia.» (RM 44)

2. A devoção Mariana na Arquidiocese de Braga do século XX

«Vai, Rainha dos Anjos mui amada, / E
preciosa pedra adamantina, / De perfeições e
graças esmaltada;/ Vai, estrela do mar, vai, luz
divina, / Escolhida do Céu; vai, cordeirinha, /
Branca açucena e rosa matutina;/ Vai, caminho
da gloria; vai, pombinha/ Branca sem fel;
bendita entre as mulheres;/ Vai, mãe da Lei da
Graça, vai asinha»⁵⁰

Tal como a comunidade global, durante o século XX, escrevia importantes páginas da sua história, assim também Portugal trilhava o seu caminho rumo ao futuro. Por conseguinte, se no planeta o século foi conturbado, em Portugal assim também aconteceu, por um lado devido a problemas internos, mas por outro por causa de problemas advenientes da globalização. Neste século, Portugal politicamente terá esquecido o seu povo em virtudes de ganâncias e mesquinhices. Esta ideia é veiculada por «Júlio de Vilhena [que], muito a propósito, lança o certo vaticínio: - «Isto ou acaba numa revolução ou num crime»...».⁵¹ Revolução e crime viriam a confluir e ocorreram no mesmo século. A primeira é dupla: ocorre primeiramente no início do século para depor a monarquia, recorrendo ao segundo (o crime do regicídio), e regressa no final do século para pôr cobro à ditadura (a revolução dos cravos).

A nível mundial, o facto de vários países estarem em guerra impactou necessariamente Portugal, em virtude da sua importância a nível marítimo. Assim se compreende a sua entrada na Primeira Guerra Mundial. Por outro lado, a ditadura, regime político em voga no continente europeu à época, impediu o progresso rumo à estabilidade semelhante à de países em que vigoravam outros regimes. Uma nova revolução foi preparada, a revolução dos cravos, e um horizonte de estabilidade e mudança foi criado. Posteriormente, Portugal entra na Comunidade Económica Europeia (CEE), que mais tarde tomou o nome de União Europeia (UE), e esse horizonte foi alargado e cimentado numa cooperação económica, social e cultural sem precedentes.

⁵⁰ Luís de Camões, *Obra completa em um volume*, (Rio de Janeiro: CB. Companhia Aguiar Editôra, 1963) 583

⁵¹ João Ameal, *História de Portugal*, (Porto: Livraria Tavares Martins, 1974), 682

2.1. Enquadramento histórico de Portugal no vigésimo século

Poucos anos tinham passado do início do século XX quando por todo o Império Português houve notícia do Regicídio. O assassinato do rei D. Carlos e do príncipe herdeiro Luís Filipe viriam a desencadear uma série de perturbações e tumultos com efeitos políticos, que se repercutiram nos domínios coloniais do país e até na presença e importância da Igreja portuguesa na sociedade. Por conseguinte, o século XX português fica indiscutivelmente marcado pelo facto de a «1 de Fevereiro de 1908, D. Carlos, de regresso a Lisboa vindo de Vila Viçosa, [ter sido] baleado mortalmente no Terreiro do Paço por elementos republicanos, provavelmente carbonários, agindo individualmente, a saber Alfredo Costa e Reis Buiça. Nesse mesmo atentado, foi também assassinado o Príncipe Real D. Luís Filipe, herdeiro do trono, ficando ferido o infante D. Manuel.»⁵² Pouco tempo depois, pondo termo ao Reino de Portugal, é proclamada «a 1.ª República Portuguesa [...] em 5 de Outubro de 1910.»⁵³ Neste seguimento, emergiu uma política antirreligiosa fortíssima, a qual logo perpetrou as «maiores violações e ataques ao clero e às casas religiosas, com assaltos, insultos, assassinatos.»⁵⁴ Sentindo-se posta de lado e perseguida, a Igreja tenta defender-se ativamente, tendo começado «a ser distribuída entre os párocos uma *Pastoral Coletiva* (a primeira na história do Episcopado português), datada de 24 de Dezembro de 1910, em que protestava contra as medidas laicizantes e sectárias do governo e contra a perseguição da Igreja, padres e leigos mais destacados. Ela terminava aconselhando os crentes a não revelar-se, mas a tentar defender, por meios legais e honestos, a causa da religião.»⁵⁵ Tendo sido informado da existência desta pastoral, o governo proibiu o documento, alegando que fora divulgado sem o devido pedido de autorização. Por consequência, algumas dioceses suspenderam a sua leitura. No entanto, outras, como a diocese do Porto, mantiveram a sua proclamação. Para dar o exemplo, D. António Barroso, bispo do Porto, «chamado a Lisboa, é insultado e enxovalhado nas ruas.»⁵⁶ E pouco depois, Afonso Costa executa aquilo que já vinha a preparar há algum tempo: a “Lei de Separação do Estado e das Igrejas”. A lei, de «24 de Abril de 1911 [...] era, pura e simplesmente, uma declaração de guerra, um exercício pouco subtil de sectarismo e de brutalidade.»⁵⁷ A resposta dos bispos não tardaria: reuniram-se em Lisboa e afirmaram que «rejeitavam a lei, cujo conteúdo resumiam em quatro

⁵² Fernando Tavares Pimenta, *Portugal e o Século XX Estado-Império e Descolonização (1890-1975)*, (Porto: Edições Afrontamento, 2010), 31

⁵³ Fernando Tavares Pimenta, *Portugal e o Século XX Estado-Império e Descolonização (1890-1975)*, 33

⁵⁴ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, (Porto: Editorial Perpetuo Socorro, 1996), 178

⁵⁵ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 182

⁵⁶ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 182

⁵⁷ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 183

palavras: “Injustiça – opressão – espoliação – ludíbrio”⁵⁸ Além disto, o Papa Pio X une-se aos bispos e clero de Portugal, ao escrever, na Encíclica *Jam dudum in Lusitani*, que «reprova, condena e rejeita a Lei da Separação, “absurda e monstruosa”, “verdadeiro atentado contra a constituição divina da Igreja”»⁵⁹

Deste modo, a história de Portugal parece, de alguma forma, coincidir, na sucessão de conflitos e convulsões de ordem social, com a multiplicidade, e gravidade, de acontecimentos que marcaram o mundo à época. Na verdade, «o período republicano coincidiu também com um dos momentos mais graves da história europeia: a Grande Guerra, a Revolução de outubro na Rússia, o fim dos Impérios Centrais, as rebeliões comunistas em muitos países da Europa Central, o triunfo do fascismo em Itália.»⁶⁰ Em 1914 teve início a Primeira Guerra Mundial e Portugal, sem grande estabilidade nos seus setores estratégicos, vê-se obrigado a entrar nela. De facto, na decisão de entrada de Portugal na Guerra pesaram vários fatores externos e internos: por um lado, a nação era «ameaçada no continente pela Espanha e nas colónias pela Alemanha e vulnerabilizada nos dois cenários pela política de transigência inglesa [...] a [isto] se juntava a situação política interna.»⁶¹ A 9 de março de 1916, Portugal entra na primeira grande guerra, sem capacidade humana nem bélica. O Corpo Expedicionário Português recebe uma «avalanche [que] esmaga literalmente o sector português, apesar de muitos atos individuais de bravura e de resistência.»⁶²

No ano seguinte, em maio, um acontecimento inesperado muda a história de Portugal para sempre. Em 1917, as aparições de Nossa Senhora em Fátima são o ponto para onde converge em romagem o povo português. Este ponto também é de viragem histórica. A devoção popular a Nossa Senhora, em terras dedicadas a Santa Maria, é secular, mas agora renova-se: mais que nunca clama por paz à Nossa Mãe. Os jornais são os primeiros a noticiar os acontecimentos. Desde essa altura, o peregrinar a Fátima tornou-se constante e ininterrupto: «as notícias dos diferentes jornais, sobretudo desde julho desse ano, mostram o início de uma deslocação contínua de pessoas que, por razões religiosas, rumam para a Cova da Iria, atraídas pela notícia de que três crianças daquela freguesia afirmam ter visto a Mãe do Deus dos

⁵⁸ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 184

⁵⁹ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 184

⁶⁰ Fernando Tavares Pimenta, *Portugal e o Século XX Estado-Império e Descolonização (1890-1975)*, 33

⁶¹ Nuno Severino Teixeira, «1916 – Portugal e a Grande Guerra: a vitória com sabor a derrota», em *História Global de Portugal*, ed. Carlos Fiolhais, José Eduardo Franco e José Pedro Paiva, (Lisboa: Bertrand Editora, 2020), 569

⁶² João Ameal, *História de Portugal*, 702

cristãos.»⁶³ Efetivamente, as aparições apresentam um avivar da chama do cristianismo em Portugal, ou seja, podem ser interpretadas «como o ressurgimento do catolicismo no quadro da questão religiosa da Primeira República.»⁶⁴ Fátima continua a crescer, ao longo do século, em número de peregrinos e «os diferentes palcos em que Fátima assume importância para a humanidade podem fixar-se deste modo: numa primeira fase, entre 13 e 27 de Maio de 1917, o acontecimento concentrou a atenção dos vizinhos do lugar; depois, sobretudo desde o mês de Agosto, alcançou Ourém (sede concelhia), Santarém (sede do distrito, na sequência das diretrizes relativas à ação do governador civil) e todo o país.»⁶⁵ De todo o país partimos para o mundo, de onde vêm milhares de peregrinos para estar no local onde Nossa Senhora veio trazer o raio de sol da paz. Desta forma, durante o século XX «nos dias 13 de maio desse decénio, no lugar que se ia apetrechando com equipamentos para acolher multidões, relatou-se a presença de 40 000 pessoas em 1922, 100 000 em 1923 e em 1924, 200 000 em 1925, 240 000 em 1926, 200 000 em 1927, 500 000 em 1928 e 300 000 em 1929 e em 1930.»⁶⁶ As multidões continuaram a crescer. Anos depois, «atingiu-se 1 milhão a 13 de maio de 1967, por ocasião da visita do papa Paulo VI, 800 000 a 13 de maio de 1982 na primeira visita do papa João Paulo II.»⁶⁷ Não são somente os peregrinos que caminham até Fátima, mas também as imagens peregrinas de Nossa Senhora de Fátima que percorrem diferentes caminhos «que desde 1947, percorrem regularmente diferentes locais do mundo com o intuito de difundir a mensagem da Cova da Iria.»⁶⁸ Mais tarde, D. Eurico Dias Nogueira, Arcebispo de Braga, afirmará numa das suas homilias que «não foi Portugal que impôs Fátima ao Mundo: foi Fátima que levou e enalteceu Portugal em todo o Mundo.»⁶⁹

Em pleno tempo de revoltas, Portugal ainda está longe de alcançar a calma política. Deste modo, a 28 de maio de 1926, o General Gomes da Costa parte de Braga para tomar o governo de Portugal, assim «as guarnições militares aderem uma a uma. E a avançada do Exército, desde Braga – capital de *Portucale*, metrópole do núcleo primitivo de entre Minho e Douro – até Lisboa, é autêntica marcha triunfal. Nem resistência. Nem tiro.»⁷⁰ Tomado o governo, o primeiro ponto de consolidação é a união nacional. Para tal, o «General António Óscar de Fragoso Carmona (1928-1951) chamou para o Ministério das Finanças o Prof. Dr.

⁶³ Marco Daniel Duarte, «1917 – Fátima, santuário global», em *História Global de Portugal*, ed. Carlos Fiolhais José Eduardo Franco e José Pedro Paiva, (Lisboa: Bertrand Editora, 2020), 573

⁶⁴ Marco Daniel Duarte, «1917 – Fátima, santuário global», 577

⁶⁵ Marco Daniel Duarte, «1917 – Fátima, santuário global», 574

⁶⁶ Marco Daniel Duarte, «1917 – Fátima, santuário global», 574

⁶⁷ Marco Daniel Duarte, «1917 – Fátima, santuário global», 577

⁶⁸ Marco Daniel Duarte, «1917 – Fátima, santuário global», 574

⁶⁹ Eurico Dias Nogueira, «Arcebispo Primaz», *Acção Católica*, LXXXII, Junho, nº 6, (1997), 483

⁷⁰ João Ameal, *História de Portugal*, 716

António de Oliveira Salazar»⁷¹, que fez com que, em pouco tempo, fosse resolvida a questão da dívida pública. António de Oliveira Salazar ganha com isso o respeito do mundo da política e começa a delinear a política de um Estado Novo para o país, que foi «inspirado no Fascismo italiano e ligeiramente mais colorido de Cristianismo do que o regime de Benito Mussolini.»⁷²

Os primeiros passos para uma suposta ligação com a Igreja são dados em 1933. Neste ano «é a Constituição Política de 1933, aprovada em plebiscito nacional a 19 de Março [...], que estabelece a orgânica do Estado Português e revoga implicitamente diversos preceitos da Lei de Separação.»⁷³ Outros passos foram dados em ordem a um horizonte fixo na liberdade religiosa, nomeadamente a «7 de Maio de 1940, [quando] a Concordata e o Acordo Missionário entre a Santa Sé e a República Portuguesa [foram estabelecidos para] regula[r] o regime geral das relações entre ambos.»⁷⁴ A Igreja começa a reanimar a sua chama na devoção dos fiéis e começam-se a organizar «numerosas peregrinações e demonstrações públicas de fé, vários congressos filosóficos, teológicos e científicos, muitas reuniões culturais-religiosas e inúmeros estudos.»⁷⁵

No entanto, nova perturbação vem assolar Portugal. Efetivamente, «em 1961 eclodiu a guerra de independência de Angola, a primeira de três longas guerras coloniais que consumiram o Império e a ditadura.»⁷⁶ A Igreja tem nova recaída. A reflexão sobre a guerra colonial não era consensual. Antes pelo contrário «o apoio dado, por certos responsáveis da Igreja, ao regime de Salazar e à guerra colonial, estava longe de ser aprovado por todos.»⁷⁷ Note-se que desta época data ainda o Concílio Ecuménico Vaticano II (1962 – 1965), que apresenta novas ideias e novas diretrizes, alguns em conflito com a realidade da Igreja portuguesa. Naturalmente, esta não se adapta bem às diretivas emanadas do Concílio, que «invadiu o campo da doutrina e da pastoral, enfraquece a coesão da Igreja-instituição e torna-a menos ágil para ocupar-se de tarefas importantes, como a educação da juventude e a pastoral evangelizadora.»⁷⁸

Em 1964, chegaria uma notícia que coloca todo o país em alvoroço: o anúncio de que Sua Santidade o Papa Paulo VI tinha a intenção de visitar o Santuário de Fátima e homenageá-lo com a Rosa de Ouro. Deste modo, «celebrando-se a 13 de maio de 1967 o 50.º aniversário

⁷¹ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 192

⁷² A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 192

⁷³ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 192

⁷⁴ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 195

⁷⁵ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 197

⁷⁶ Fernando Tavares Pimenta, *Portugal e o Século XX Estado-Império e Descolonização (1890-1975)*, 101

⁷⁷ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 198

⁷⁸ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 198

das aparições e o 25.º aniversário da consagração do Mundo ao Imaculado Coração de Maria, Paulo VI quis ser um dos peregrinos, entre milhão e meio de fiéis que acorreram a Fátima nesse dia.»⁷⁹

Pouco depois, o povo até então oprimido pelo regime do Estado Novo, ainda chorando a perda de familiares numa guerra colonial distante da realidade do país, depõe a ditadura na noite de 24 para 25 de abril de 1974. A Rádio Renascença dá o alerta, passando «uma canção do celebre cantor José Afonso, *Grândola, Vila Morena*»⁸⁰, o indicador de que a revolução tinha começado. O 25 de abril de 1974 é a revolução que vem colocar «um ponto final em quarenta e oito anos de ditadura em Portugal e criou as condições políticas necessárias para a realização da descolonização das colónias africanas.»⁸¹ Todavia, para a Igreja em Portugal a revolução não foi sinónimo de libertação. Houve ainda tentativas de opressão por parte do Partido Comunista, que degeneraram «[n]uma escalada de anticlericalismo, latente em várias regiões, [não obstante] rapidamente [o partido] se deu conta de que a promoção duma campanha antirreligiosa constituiria um erro fatal e um desastre irreparável.»⁸²

Após a implementação de alguma estabilidade, o primeiro grande momento de alegria no pós 25 de abril para a Igreja portuguesa é quando o Papa João Paulo II anuncia que vem a Portugal visitar o Santuário de Fátima e rezar a Nossa Senhora. Fá-lo-á em diversas ocasiões, num total de 3 vezes. A primeira visita tem lugar de 12 a 15 de maio de 1982, num périplo que inclui Lisboa, Fátima, Vila Viçosa, Coimbra, Braga e Porto. O motivo desta visita, segundo o próprio, «foi vir agradecer à virgem de Fátima a graça de ter saído com vida do atentado de 13 de maio de 1981, em plena Praça de S. Pedro, no Vaticano.»⁸³ Algum tempo depois, o Papa João Paulo II anunciará uma segunda visita a Portugal, com passagem por «Lisboa, Açores (Angra do Heroísmo). Madeira (Funchal), Fátima e Lisboa.»⁸⁴ E a terceira e última, remonta ao seu desejo expresso de no ano 2000 voltar a Portugal para a beatificação dos pastorinhos Francisco Marto e Jacinta Marto. A Igreja de Portugal tem motivos para se alegrar.

Na vida da Igreja, o século XX foi marcado por pastores sempre atentos às suas ovelhas e ao seu rebanho. Concretizando na Arquidiocese de Braga, os seus pastores sempre souberam fazer-se ouvir justa e oportunamente e incentivaram o culto a Nossa Senhora. No decurso do

⁷⁹ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 223

⁸⁰ Fernando Tavares Pimenta, *Portugal e o Século XX Estado-Império e Descolonização (1890-1975)*, 136

⁸¹ Fernando Tavares Pimenta, *Portugal e o Século XX Estado-Império e Descolonização (1890-1975)*, 131

⁸² A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 208

⁸³ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 225

⁸⁴ A. Roque de Almeida, *Para ler a história da Igreja em Portugal*, 225

referido século a Arquidiocese de Braga teve 6 arcebispos muito ativos na defesa do povo. O primeiro foi o Senhor Dom Manuel Batista da Cunha, cujo arcebispado fez a ligação entre o século XIX e o século XX, sendo arcebispo de 1899 a 1913. O seu sucessor foi Dom Manuel Vieira de Mattos, que esteve como arcebispo durante 17 anos, de 1915 a 1932. Em 1933, foi nomeado Dom Francisco Maria da Silva, cujo episcopado foi o mais longo do século, perfazendo um total de 30 anos, e que terminou com a sua morte em 1977. O quinto prelado do século a ser nomeado arcebispo de Braga foi Dom Eurico Dias Nogueira, que esteve 22 anos como arcebispo, durante o período de 1977 a 1999. O prelado que lhe sucedeu foi Dom Jorge Ferreira da Costa Ortiga, arcebispo que faz a ponte entre o século XX ao século XXI, tendo começado o seu múnus episcopal em 1999 e perfazendo um total de 21 anos, e que terminou em 2021.

Arcebispo de Braga	Início de Episcopado	Fim de Episcopado
D. Manuel Batista da Cunha	3 de Fevereiro de 1899	13 de Maio de 1913
D. Manuel Vieira de Mattos	1 de Outubro de 1914	28 de Setembro de 1932
D. António Bento Martins Júnior	28 de Setembro de 1932	19 de Agosto de 1963
D. Francisco Maria da Silva	12 de Dezembro de 1963	14 de Abril de 1977
D. Eurico Dias Nogueira	5 de Novembro do 1977	5 de Junho de 1999
D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga	5 de Junho de 1999	3 de Dezembro de 2021

2.2. A passagem para o século XX: Dom Manuel Batista da Cunha

Foi no episcopado de D. Manuel Batista da Cunha que a Arquidiocese de Braga assistiu à passagem do século XIX para o século XX. O Senhor Dom Manuel Batista da Cunha foi nomeado para a Arquidiocese de Braga em 1899, sendo Arcebispo de Braga até 1913, num total de 14 anos. Durante o seu episcopado, a Arquidiocese pôde vivenciar e celebrar diversos acontecimentos, entre os quais se contam os 50 anos da definição dogmática da Imaculada Conceição, a elevação da Sé a Basílica e a peregrinação realizada a Lurdes. Além destes

acontecimentos, são dignas de nota as várias visitas pastorais efetuadas aos santuários marianos da Arquidiocese.

Com efeito, durante o episcopado de Dom Manuel Batista da Cunha celebraram-se as festas jubilares da definição dogmática da Imaculada Conceição, também em Braga, tal como o sumo Pontífice tinha pedido. Assim, em carta pastoral sobre o quinquagésimo aniversário fora definido que as referidas «festas deviam celebrar-se nos dias 10, 11, e 12 do mês próximo de Junho, a fim de corresponder aos desejos dos Santos Padres Leão XIII e Pio X.»⁸⁵ Em Portugal, sendo claramente um dos «Santuários de Maria Santíssima mais venerados nas diferentes nações, o do *Sameiro* foi o primeiro e único monumento levantado n'este país para perpetuar a definição dogmática proferida por Pio IX em 8 de Dezembro de 1854, e, por isso, disse o Prelado, o que tem maior direito a ser visitado para comemorar o presente aniversário.»⁸⁶ Desta forma, o Santuário do Sameiro, sendo o que mais peregrinos recebia, é ratificado como essencial para a referida celebração. Além deste, foram organizados diversos eventos, entre os quais, no dia 10 uma «solene Academia literária em honra da Imaculada Conceição»⁸⁷ e uma «procissão das velas ou do terço em honra de Nossa Senhora da Torre.»⁸⁸ No dia 11, teve lugar a «solene Missa pontifical»⁸⁹ e, na tarde desse mesmo dia, «saiu da Catedral uma imponente e majestosa Procissão eucarística.»⁹⁰ No último dia das festas, dia 12, «realizou-se a Peregrinação nacional ao monte *Sameiro*, e ali a coroação solene da imagem de Nossa Senhora»⁹¹, estando presentes cerca de «300:000 peregrinos»⁹² que vivenciaram a primeira coroação, feita em Portugal, à imagem de Nossa Senhora do Sameiro.

Pouco tempo depois, em 1907, o Arcebispo Dom Manuel Batista da Cunha recebe a notícia de que a Sé Primaz seria elevada a Basílica menor, «dedicada à Virgem Mãe de Deus»⁹³. A elevação foi a forma encontrada de honrar, e congratular, a Arquidiocese pelas celebrações e pelas memórias conferidas aos peregrinos que presenciaram as «soleníssimas festas jubilares da Imaculada Conceição da Virgem Santíssima, celebradas n'esta cidade e Arquidiocese»⁹⁴

⁸⁵ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, (Braga: Edição da Mitra Bracarense, 1935), 321

⁸⁶ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 321

⁸⁷ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 321

⁸⁸ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 322

⁸⁹ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 322

⁹⁰ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 322

⁹¹ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 322

⁹² Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 323

⁹³ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 327

⁹⁴ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 327

No ano seguinte, em 1908, comemorou-se em Lourdes o cinquentenário das aparições. Assim sendo, o Papa Pio X «concedeu um *Jubileu* especial a todos os peregrinos que fossem a Lourdes durante o ano.»⁹⁵ D. Manuel Batista da Cunha, como já tinha vivenciado, anos antes, a coroação de Nossa Senhora do Sameiro e verificado o grande fervor dos peregrinos à Virgem Santíssima, organizou uma peregrinação a Lourdes. Esta peregrinação compunha-se «de mais de mil peregrinos»⁹⁶ que rumaram a Lourdes num sinal inequívoco de «uma imponente manifestação de fé e homenagem à Santíssima Virgem.»⁹⁷

Ao longo do período correspondente ao seu episcopado, D. Manuel Batista da Cunha fez-se presente, de diversas formas, em visitas pastorais e em peregrinações mediante as quaisurgia que a assembleia de fiéis venerasse a Virgem Maria, Nossa Mãe. Neste âmbito, em 1902 visitou os «Santuários de Nossa Senhora do Porto d’Ave e do Pilar»⁹⁸ e no ano seguinte fez-se romeiro, indo em peregrinação até «ao Santuário de Nossa Senhora da Peneda»⁹⁹. Foi, de resto, o primeiro prelado a celebrar e a visitar aquele santuário. Finalmente, em 1905 visitou o Santuário da Abadia.

Entre a morte de D. Manuel Batista da Cunha em 1913 e a tomada de posse de D. Manuel Vieira de Matos em 1915 há um período de sede vacante.

2.3. Dom Manuel Vieira de Mattos

Após dois anos de sede vacante, o Papa Bento XV nomeou no «1.º de outubro de 1914»¹⁰⁰ Dom Manuel Vieira de Mattos como prelado da Arquidiocese. Este tomou posse a 25 de fevereiro de 1915 e foi Arcebispo de Braga até à sua morte em 1932, perfazendo assim 17 anos de episcopado bracarense.

Durante o seu episcopado, Dom Manuel Vieira de Matos, invocou a presença sempre terna e cuidadora da Virgem Maria em favor dos seus fiéis. A 25 de dezembro de 1925, tendo o Papa Bento XV tomado a decisão de introduzir nas Ladainhas uma nova aclamação mariana, Dom Manuel Vieira da Mattos fez questão de a transmitir aos fiéis da Arquidiocese. Assim sendo, «o adicionamento da invocação *Regina Pacis, ora por nobis*, nas Ladainhas Lauretanais,

⁹⁵ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 332

⁹⁶ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 332

⁹⁷ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 332

⁹⁸ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 317

⁹⁹ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 317

¹⁰⁰ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 410

[durante] a presente guerra [é recomendado] em conformidade com esta benigna concessão, [aos] fiéis da Nossa Arquidiocese, ao recitarem as mesmas Ladainhas.»¹⁰¹ Onze anos mais tarde, em 1926, a poucos dias de se realizar o Primeiro Congresso Mariano Nacional o mesmo refere: «mas não só a paz devem os homens a Maria Santíssima, senão que todas as graças, por sua Mediação universal.»¹⁰²

O Primeiro Congresso Mariano Nacional teve lugar em Braga, de 26 a 30 de maio de 1926. É de salientar que durante os trabalhos ocorreram os «acontecimentos políticos de «28 de maio», que, tendo origem n'esta cidade, apenas diminuíram a concorrência pela falta de comboios.»¹⁰³ O Congresso Mariano Nacional tinha sido anunciado na Póvoa de Varzim, em 1925, pelo Nuncio Apostólico, Monsenhor Sebastião Nicotra, na conclusão do Congresso Eucarístico desse ano, nos seguintes termos: «o pensamento de Sua Excelência Reverendíssima, que particularmente Nos manifestou: – a celebração no próximo ano dum Congresso Mariano Nacional na cidade de Braga.»¹⁰⁴ Teve diversas sessões de estudo divididas por secções de mulheres, homens e jovens e alguns dos temas tratados foram os seguintes: congregações marianas, apostolado da juventude, questão operária, boa imprensa, liturgia mariana, tendo assumido «proporcional relevo nos estudos dos congressistas, que proclamaram dois títulos marianos: a maternidade divina, princípio e chave de todos os privilégios de Maria, e Maria medianeira universal de todas as graças.»¹⁰⁵ Além de sessões solenes, teve lugar «uma exposição de arte sacra, celebrações litúrgico – marianas todos os dias, tendo especial relevo a peregrinação de encerramento ao santuário do Sameiro.»¹⁰⁶ Durante o Congresso, realizaram-se também 3 procissões de velas em honra de Nossa Senhora: uma a 26, outra a 29 e, por último, a 30, a peregrinação ao Sameiro, como corolário da devoção à Virgem Santíssima. De entre elas, deve salientar-se a procissão do dia 26 «em que se incorporaram dezenas e dezenas de milhares de pessoas. [...] comparando a procissão com outras efetuadas em Braga, [seriam cerca de] 100:000 os fiéis que tomaram parte em tão imponente apoteose de Maria.»¹⁰⁷

Um ponto digno de nota aconteceu no segundo dia de Congresso. Na verdade, a 27 de maio de 1926, define-se pela primeira vez a Assunção de Maria, questão dogmática que teria o

¹⁰¹ Manuel Vieira de Mattos, «D. Manuel Vieira de Mattos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas», *Ação Católica*, I, nº1, (1916), 15

¹⁰² Manuel Vieira de Mattos, «D. Manuel Vieira de Mattos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas», *Ação Católica*, XI, nº2, (1926), 37

¹⁰³ Monsenhor J. Augusto Ferreira, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, 458

¹⁰⁴ Manuel Vieira de Mattos, «Primeiro Congresso Mariano Nacional», *Ação Católica*, X, nº11, (1925), 330

¹⁰⁵ J. Pinharanda Gomes, «Os Congressos Católicos em Portugal», *Secretariado Nacional para o Apostolado dos Leigos*, (Lisboa, 1984), 62

¹⁰⁶ J. Pinharanda Gomes, «Os Congressos Católicos em Portugal», 62

¹⁰⁷ António P. Carvalho, «O Primeiro Congresso Mariano Nacional», *Brotéria*, Volume III, (1926), 16

seu ápice mais de duas décadas depois, a 1 de novembro de 1950, com a definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora por Pio XII. Os fiéis portugueses, em união com o Episcopado, alegram-se com a definição do dogma, «no final do discurso de Sr. Dr. Leonardo da Castro, quando o orador insinuou a futura definição dogmática da Assunção de Maria, baseado no tríplice argumento: *potuit, deuit, fecit*. Toda a assembleia se ergueu e Mons. Nicotra recomenda então ao Sr. Arcebispo de Braga que telegrafe à Santa Sé, significando que todos os católicos portugueses unidos com o Episcopado, pedem ao Papa a definição deste dogma.»¹⁰⁸

Dom Manuel Vieira de Mattos eleva a Virgem Santíssima, explicando que «tendo alcançado a graça da Paz, [obtido] também as demais graças por sua universal Mediação; –[...] dispensado, através dos séculos, solícita e carinhosa proteção a Portugal, é justo que os Portugueses reconhecidos Lhe façam inteira e filial consagração.»¹⁰⁹ Desta forma, já entre os bracarenses era evidente que existia um grande fervor a Nossa Senhora, embora só mais tarde a Virgem Santíssima seja efetivamente coroada de consagrações por parte dos diferentes arciprestados e paróquias da Arquidiocese de Braga. O processo termina, de resto, com a consagração da Arquidiocese de Braga, por inteiro, a Nossa Senhora.

2.4. Dom António Bento Martins Júnior

Após a Morte de Dom Manuel Vieira de Matos, foi nomeado, a 28 de setembro de 1933, Dom António Bento Martins Júnior, tendo o exercício do seu episcopado na Arquidiocese uma duração de 32 anos.

Durante este período, muitos foram os gestos de louvor prestados à Virgem Santíssima. Desde a consagração ao Imaculado Coração de Maria no Ano Mariano, passando pelo segundo congresso Mariano de Braga e pelos festejos do dogma da Assunção, sem esquecer o «acolhimento digno à Virgem Peregrina em visita itinerante pela Arquidiocese de Braga»¹¹⁰ por duas vezes.

Nossa Senhora do Sameiro é um centro incontornável no episcopado de Dom António Bento Martins Júnior. Em 1934, este anuncia uma peregrinação arquidiocesana a Nossa

¹⁰⁸ António P. Carvalho, «O Primeiro Congresso Mariano Nacional», 18

¹⁰⁹ Manuel Vieira de Mattos, «D. Manuel Vieira de Mattos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas», 34

¹¹⁰ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, (Braga: Empresa Diário do Minho, 2018), 162

Senhora do Sameiro, mediante a qual pretende «proporcionar aos fiéis a oportunidade de deporem, anualmente, junto do trono da excelsa Mãe de Deus e Mãe nossa, os seus afetos filiais, amorosamente cultivados durante os exercícios de Mês Mariano [...]»¹¹¹ Em 1939, após o início da Segunda Grande Guerra, diversos peregrinos rumaram ao Sameiro em agradecimento por o país não ter entrado no referido confronto armado. As «grandes peregrinações arquidiocesanas ocorridas no ano de 1939 (três delas ao Sameiro: 4 de junho, 30 de julho e 27 de agosto), que tiveram como sentido comum a gratidão a Nossa Senhora por nos ter poupado aos flagelos da guerra»¹¹² são disso exemplo. Em 1941, com a sagração do Altar Monumental de Nossa Senhora do Sameiro, o Arcebispo Dom António Bento Martins Júnior intenta que as paróquias da Arquidiocese estejam todas reunidas em louvor a Nossa Senhora. No mesmo sentido, envia um documento pastoral, datado de 28 de abril de 1941, onde pode ler-se: «É [...] mister que não haja uma única freguesia da Arquidiocese que não mande ao Sameiro numerosa deputação, possivelmente uma ou mais associações, a tomar parte na peregrinação de domingo, dia 15. E seria para desejar até que todas as povoações, por mais sertanejas que sejam ou se considerem, tivessem ali naquele dia o seu representante, que fosse o porta-voz junto da Senhora dos que ficaram em casa, por não poderem estar presentes, e no regresso o portador para estes dos sorrisos maternais e das bênçãos de Maria [...]»¹¹³ O apelo sortiu efeito junto das populações, pois logo em junho a *Ação Católica* refere que rondam os «5.000 carros e 200.000 pessoas aquelas que subiram no passado dia 15 de Julho à montanha do Sameiro [...]»¹¹⁴

Em 1944, a Europa vivia uma situação muito difícil e dolorosa a que o povo bracarense responde unindo-se em oração pela paz. Por conseguinte, a «peregrinação do dia 2 de julho, organizada pela Ação Católica e Congregações Marianas, revestiu-se de uma importância ainda maior, o agradecimento pela não participação na guerra. Assim está registado o enquadramento da referida peregrinação: «À Senhora do Sameiro fizéramos presentes solene promessa: se Portugal ficasse incólume da contenda bélica, finda esta, os devotos voltariam a subir o monte a entoar em honra e louvor de Nossa Senhora jubiloso hino de ação de graças.»¹¹⁵ De igual forma, a 7 de março de 1946, Dom António Bento Martins Júnior em documento pastoral explana: «[...] reclama-o a nossa honra, exige-o a nossa consciência de cristãos, impõe-no-lo a nossa qualidade de vassalos, solicita-o a nossa piedade de filhos. É um dever de fidelidade à

¹¹¹ António Bento Martins Júnior, «D. António Bento Martins Júnior, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas», *Ação Católica*, Ano XIX, nº5, (1934), 287

¹¹² Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 164

¹¹³ António Bento Martins Júnior, «Documentos Arquiepiscopais», *Ação Católica*, XXVI, nº4, (1941), 185

¹¹⁴ António Bento Martins Júnior, «Documentos Arquiepiscopais», *Ação Católica*, XXVI, nº6, (1941), 355

¹¹⁵ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 166

nossa palavra, um compromisso de honra, uma obrigação de consciência, um imperativo do coração que desta vez nos chama ao Sameiro, a prestar o tributo, a nossa veneração e filial piedade a Nossa Senhora da Conceição.»¹¹⁶

Chegados ao ano de 1963, ano da comemoração do centenário do culto a Nossa Senhora da Conceição no Monte Sameiro, o Arcebispo fez saber que o centenário deveria ser celebrado em várias ocasiões ao longo do ano e apresentou uma oração que deveria ser meditada durante o mesmo período. A oração começava da seguinte forma: «Senhora do Sameiro, eis-nos aqui, no ano centenário do vosso culto no Santuário do Sameiro, a implorar a Vossa proteção em favor deste mundo empobrecido de Fé.»¹¹⁷ Dom António Bento Martins Júnior prossegue, colocando o coração de todos os fiéis devotos prontos para acolher o amor de Deus, para que dele triunfe o Reino de Deus, com a intercessão do Coração Imaculado de Maria. Fá-lo nos seguintes termos: «Virgem Santíssima: neste primeiro ano Centenário do vosso culto no Monte do Sameiro, inflamai as nossas almas no verdadeiro amor de Deus a fim de que o Reino de Jesus triunfe por meio do Vosso Imaculado Coração. Assim seja.»¹¹⁸

O episcopado de Dom António Bento Martins Júnior caracteriza-se, na realidade, pela sua presença, física ou de outrem em sua representação, em diversas consagrações ao Imaculado Coração de Maria por parte de vários conselhos pertencentes à Arquidiocese. Em 1944, quando o Concelho de Paredes de Coura se consagra ao Imaculado Coração de Maria, por exemplo, o Senhor Dom António fez-se representar na pessoa do Vigário Geral da Arquidiocese. Na consagração estavam presentes o «clero, organismos religiosos, autoridades civis, militares, funcionalismo, comércio, indústria».¹¹⁹ No mesmo ano, o Concelho de Ponte da Barca consagra-se ao Imaculado Coração de Maria, e na ocasião pôde contar com a presença do «Senhor Arcebispo Primaz»¹²⁰, tal como viria a acontecer «na [...] consagração do Arciprestado de Esposende [...]»¹²¹ O Concelho de Celorico de Basto consagrou-se ao Imaculado Coração de Maria «no dia 15 de setembro [de 1946], esta terra realizou a comemoração tricentenária da Padroeira de Portugal.»¹²² Dez anos depois, em 1956, o Concelho de Vila do Conde renova o «ato de Consagração aos Sagrados Corações de Jesus e Maria»¹²³ e, por fim, mas não menos importante – antes, pelo contrário –, em 1959, no Monte Sameiro, o Arcebispo Dom António

¹¹⁶ António Bento Martins Júnior, «Documentos Arquepiscopais», *Ação Católica*, XXX, nº 3, (1946), 130

¹¹⁷ António Bento Martins Júnior, «Crónica Arquidiocesana», *Ação Católica*, XXX, nº 5, (1963), 215

¹¹⁸ António Bento Martins Júnior, «Crónica Arquidiocesana», 216

¹¹⁹ António Bento Martins Júnior, «Crónica Arquidiocesana», *Ação Católica*, XXIX, nº 12, (1944), 659

¹²⁰ António Bento Martins Júnior, «Crónica Arquidiocesana», *Ação Católica*, XXIX, nº 12, (1944), 662

¹²¹ António Bento Martins Júnior, «Crónica Arquidiocesana», *Ação Católica*, XXX, nº 2, (1945), 106

¹²² António Bento Martins Júnior, «Crónica Arquidiocesana», *Ação Católica*, XXXI, nº11, (1946), 620

¹²³ P.e J. Martins Torres, «Vila do Conde», *Ação Católica*, XLII, nº5, (1957), 224

Bento Martins Júnior consagra toda a Arquidiocese aos corações de Jesus e de Maria. Elevando a voz em oração, o Arcebispo reza: «Virgem Imaculada, Senhora, Rainha e Mãe Nossa, eis aqui ajoelhada a Vossos pés a Diocese de Braga, que, tendo-se consagrado novamente ao Santíssimo Coração de Jesus, vem reiterar também a sua Consagração ao Vosso Coração Imaculado. [...] Sede guia e protetora dos Pastores e dos Fiéis, das Autoridades e do Povo, das famílias e das instituições, das escolas e dos tribunais, das indústrias e do comércio, do trabalho e das leis. [...] Coração Imaculado de Maria, sede a nossa salvação.»¹²⁴

Além da sua presença nas várias celebrações de consagração à Virgem, o episcopado de Dom António Bento Martins Júnior está igualmente marcado pela passagem e veneração da Imagem da Virgem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima em várias paróquias. A imagem chegou a Braga «no dia 14 de agosto de 1951.»¹²⁵ Na altura, dos «párocos e demais sacerdotes [pedira] o Prelado conveniente preparação dos fiéis, através de pregações e do sacramento da Reconciliação e subsequente comunhão.»¹²⁶ A 19 de agosto, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima e a Imagem de Nossa Senhora do Sameiro subiram ao Monte Sameiro, no âmbito de uma peregrinação que contaria com mais de 300 mil fiéis, segundo os relatos disponíveis. A Revista *Ação Católica* descreve a grande devoção dos fiéis à Virgem Santíssima nos seguintes termos: «Se Nossa Senhora tem protegido carinhosamente Portugal, desde o berço, era coerente que a Peregrinação da Sua Veneranda Imagem eletrizasse as almas de todos os habitantes desta Terra de Sta. Maria.»¹²⁷ A Imagem da Virgem peregrina de Nossa Senhora de Fátima voltará à Arquidiocese novamente, no ano de 1959, percorrendo diversas paróquias e arciprestados que desse modo se consagraram aos corações de Jesus e de Maria.

A 1 de novembro de 1950, em Roma, Sua Santidade o Papa Pio XII faz a proclamação solene do Dogma da Assunção de Nossa Senhora ao céu. Dom António Bento Martins Júnior associa Braga «à alegria da Igreja Universal, os párocos convocando os fiéis para os santos sacramentos e para momentos de oração em honra de Nossa Senhora da Assunção, e fazendo ouvir o toque dos sinos das igrejas e capelas, de manhã, ao meio dia e à noite.»¹²⁸

Tal como Dom Manuel Vieira de Mattos acolheu em Braga o Primeiro Congresso Mariano Nacional em 1926, Dom António Bento Martins Júnior acolhe o segundo congresso Mariano Nacional em 1954. Este ano fica ainda marcado por duas grandes celebrações: «o

¹²⁴ António Bento Martins Júnior, «Documentos Arquiepiscopais», *Ação Católica*, XLV, nº 8 e 9, (1959), 329

¹²⁵ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 173

¹²⁶ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 173

¹²⁷ P.e J. Martins Torres, «Crónica Arquidiocesana», *Ação Católica*, XXXVI, nº 11, (1951), 642

¹²⁸ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 176

centenário da definição dogmática de Imaculada Conceição e o cinquentenário da coroação de Nossa Senhora do Sameiro [...]»¹²⁹

A 6 de dezembro de 1953 começou o ano mariano que terminaria a 8 de dezembro de 1954. Neste ano, «no contexto do centenário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, [...] a Arquidiocese de Braga tem as atenções voltadas para um outro seu jubiloso acontecimento: o cinquentenário da coroação de Nossa Senhora do Sameiro.»¹³⁰ Não é, portanto, de estranhar que os fiéis devotos de Nossa Senhora tenham vivido intensamente este período, como indica o registo de uma peregrinação, pela «Confraria da Nossa Senhora da Peneda, nos dias 4 e 5 de julho de 1954, em comemoração do 1.º centenário da Definição Dogmática da Imaculada Conceição de Maria.»¹³¹

2.5. Dom Francisco Maria da Silva

Após a morte de Dom António Bento Martins Júnior, foi nomeado Arcebispo de Braga Dom Francisco Maria da Silva. O seu episcopado teve uma duração de 14 anos, correspondendo ao período de 1963 a 1977. Um dos sinais da devoção à Virgem Santíssima por parte deste arcebispo é a escolha do seu lema episcopal: “por Maria a Jesus”. Mas outros avultam: sempre que se referia a Nossa Senhora, contagiava quem o ouvia «nas festas, congressos e peregrinações, avivando sempre a devoção mariana do povo, não apenas no Sameiro, ainda na Franqueira, em Balugães, na Penha, na Peneda, na Abadia [...]»¹³²

O episcopado de Dom Francisco Maria da Silva começa curiosamente com a comemoração do centenário do Sameiro, «fixado para o dia 2 de junho de 1963, [com] fim previsto para o dia 7 de junho de 1964.»¹³³ Assim, este ano de comemorações será marcado por várias «Missões que irão ocorrer em todo o Minho, especialmente durante o mês de outubro (mês do Rosário), pedindo, em simultâneo, a reza do terço em família.»¹³⁴

No mesmo ano, foi ainda realizado outro Congresso Mariano em Braga, de 3 a 7 de junho. Não por acaso, logo no discurso de abertura do Congresso, Dom Francisco Maria da Silva delineia claramente as suas expetativas relativamente aos trabalhos, isto é, o estudo da

¹²⁹ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 177

¹³⁰ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 186

¹³¹ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 188

¹³² Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 319

¹³³ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 319

¹³⁴ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 320

«missão que os Santuários Marianos desempenham na Igreja pela sua própria natureza, pelo seu significado histórico e até pelos seus valores estéticos, sociais e pastorais.»¹³⁵ As conferências realizadas, de facto, centram-se em Nossa Senhora, a Virgem Santíssima, já que desenvolvem temas como «a liturgia bracarense e a sua Teologia Mariana»¹³⁶ ou «o culto de Nossa Senhora da Conceição em Portugal»¹³⁷ ou, ainda, «o dogma da Imaculada Conceição (referindo os progressos históricos que o fizeram surgir) e [...] o Santuário do Sameiro (enquanto perpetuação monumental desse dogma).»¹³⁸ Refira-se também que o Congresso teve início com uma Procissão Eucarística, de 30 mil crianças¹³⁹, «no dia 7, [...] ao Sameiro, em peregrinação piedosa e penitente, a pedir pela paz, sobretudo na nossa Pátria, pelo Concílio Ecuménico e pelo Santo Padre.»¹⁴⁰ Mas a grande peregrinação ao Sameiro, do dia 7 de junho de 1964 é assim conhecida pelo facto de dela terem feito parte cerca de «meio milhão de portugueses [...]»¹⁴¹ A devoção mariana, edificada ao longo do tempo, merece inclusive uma mensagem papal. O Jornal *Diário do Minho* referia a mensagem enviada pelo Santo Padre Paulo VI aos peregrinos do Sameiro que dizia: «estamos convosco, unidos aos vossos Pastores para agradecer à Mãe de Deus a proteção que vos dispensou, durante os oito séculos da vossa história. Mereceste uma visita da Senhora no altar de Fátima. É mais um motivo para levantardes hoje no Sameiro um hino de ação de graças à vossa Padroeira.»¹⁴²

Diga-se ainda, que do Segundo Congresso Mariano Nacional nasceu a Sociedade Mariológica, organismo que tem como principal objetivo o estudo da relação da Virgem Santíssima com a Igreja. Os seus Estatutos são aprovados pelo Arcebispo de Braga, a 31 de maio de 1964. Dá-se especial ênfase ao estudo teológico do «Mistério de Maria, enquadrando-o no Mistério de Cristo e no Mistério da Igreja. Com particular empenho se esforçará por investigar os temas mariológicos dentro de todo o plano divino da Redenção e da História da Salvação.»¹⁴³

A 23 de abril de 1975, a poucos dias de se completar um ano desde a Revolução dos Cravos, Dom Francisco Maria da Silva exorta os fiéis a prepararem-se para um mês de maio que «deve servir para avivar a sólida e teológica devoção à Mãe de Deus, para incutir novo

¹³⁵ Francisco Maria da Silva, «Recepção ao Legado Pontífice», *Ação Católica*, L, nº6, (1964), 345

¹³⁶ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 327

¹³⁷ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 327

¹³⁸ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 328

¹³⁹ Cf. Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 328

¹⁴⁰ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 326

¹⁴¹ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 329

¹⁴² Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 329

¹⁴³ Francisco Maria da Silva, «Estatutos da Sociedade Mariológica «Mater Ecclesiae»», *Ação Católica*, L, n 8 e 9, (1964), 470

vigor às práticas devocionais marianas sobretudo a recitação do Terço e a Consagração ao Imaculado Coração de Maria.»¹⁴⁴ A meados do mesmo mês completar-se-ia um ano desde as comemorações do cinquentenário das aparições de Fátima. Então, Dom Francisco Maria da Silva faz nova exortação aos fiéis, para que o mês dedicado a Nossa Senhora seja celebrado com fervor, mediante «a renovação da consagração de cada um, da paróquia, do mundo ao Imaculado Coração de Maria [...] que, durante o mês de maio, todas as capelas dedicadas a Nossa Senhora, mesmo as dispare por montes e vales, sejam especialmente adornadas.»¹⁴⁵ A esta exortação seguiram-se outras, pois Dom Francisco Maria da Silva foi incansável na edificação da devoção à Mãe de Deus e Nossa Mãe.

2.6. Dom Eurico Dias Nogueira

Para suceder a D. Francisco Maria da Silva, o Papa Paulo VI nomeou o bispo D. Eurico Dias Nogueira como Arcebispo de Braga. O seu episcopado durou 22 anos, iniciando-se em 1977 e terminando em 1999, quando se tornou emérito. Durante este episcopado, a devoção mariana esteve igualmente presente na ação do bispo e nas vidas dos fiéis. Numa das suas primeiras homilias marianas no Santuário da Penha, D. Eurico afirma e resume de forma extraordinária a verdadeira devoção existente a Nossa Senhora, dizendo que ela se «traduz [...] nas mais diversas formas, muitas delas sob a classificação genérica de piedade popular. É o terço rezado em particular, em família e em grupos maiores. São os tríduos, as novenas e os meses de Maria e do Rosário. São as peregrinações e procissões, acompanhando bandeiras e andores da Santíssima Virgem. São as flores e velas junto das imagens e altares de Nossa Senhora. São as concentrações nos grandes santuários, com cânticos e preces na voz uníssona e ritmada das multidões. São os votos e promessas.»¹⁴⁶

Tendo bem presente a história, a Arquidiocese de Braga, desde tempos imemoriais, nutre a devoção por Nossa Senhora. Assim se compreende que «Nossa Senhora de Braga, Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, Nossa Senhora da Abadia de Bouro são bem símbolo da devoção à Santíssima Virgem nos primórdios da Nação portuguesa há nove séculos, como a Senhora do Sameiro o é nestes últimos cem anos em terras do norte do País.»¹⁴⁷

¹⁴⁴ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 400

¹⁴⁵ Paulo Abreu, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, 420

¹⁴⁶ Eurico Dias Nogueira, «Documentos Arquiepiscopais», *Ação Católica*, LXIII, nº11, (1978), 492

¹⁴⁷ Eurico Dias Nogueira, «Documentos Arquiepiscopais», *Ação Católica*, LXIII, nº 8 e 9, (1978), 364

Um ano após a sua tomada de posse, o senhor D. Eurico subiu ao Sameiro para celebrar a festa da Imaculada Conceição. E, na homilia desse dia, afirma: «[...] bem me recordo, iniciei a homilia aludindo à emoção com que subi à montanha sagrada, evocando um pouco a história do Sameiro. Lembrei os peregrinos que «nas horas difíceis da nossa história, sempre os portugueses fiéis voltaram o olhar e ergueram as mãos para a Mãe de Deus, Rainha de Portugal implorando do Céu solução [...] e recomendei: «Façamos o mesmo, cheios de fé e confiança. Ela ajudará a descobrir o verdadeiro remédio para os males que afligem a Pátria e causam aos portugueses as maiores apreensões»»¹⁴⁸ Se é nas horas mais aflitivas que os peregrinos voltam os seus olhos para Nossa Senhora pedindo com confiança e fé que essas horas passem, o Arcebispo acrescenta que quer peregrinar mais do que caminhar em determinada direção: «peregrinar é conviver; peregrinar é reviver; peregrinar é viver. Peregrinar é conviver. O peregrino não costuma ir só.»¹⁴⁹ Estas noções seriam aprofundadas aquando da coroação da Senhora da Oliveira em Guimarães, em 1980, quando o Senhor Arcebispo D. Eurico refere que «a cerimónia singela da coroação nada acrescenta à glória de Maria. Mas aviva e enraíza no coração dos filhos e súbditos o sentimento de amor e dependência, devoção e confiança para com a celeste Mãe e excelsa Soberana [...]»¹⁵⁰ Daqui se segue que a quebrantam «as ofensas ocasionais em hora de desvairamento, magoam-na o desprezo e esquecimento que são os sentimentos que mais ferem um coração de mãe [...]»¹⁵¹, que sempre transborda de amor e atenção aos seus filhos.

O auge do episcopado de D. Eurico Dias Nogueira e de toda a Arquidiocese teve lugar no dia 15 de maio de 1982, quando Sua Santidade o Papa João Paulo II pisa solo bracarense para visitar a Senhora do Sameiro. Peregrinos de perto e de longe calcorream caminhos que apontavam num único sentido, o Santuário do Sameiro, com o intuito de estar junto a Nossa Senhora na presença especial do sucessor de São Pedro. D. Eurico dirigiu uma saudação particular e especial ao Santo Padre João Paulo II, dizendo nesse dia: «aqui se venera, com especial carinho e devoção, há mais de cem anos, a Imaculada Conceição da Santíssima Virgem, em recordação de definição dogmática de tão sublime mistério.» Dias depois, o Senhor Arcebispo recebe uma mensagem de agradecimento do Papa João Paulo II, onde é especialmente notória a intensidade da oração e devoção a Nossa Senhora pelo povo minhoto,

¹⁴⁸ Eurico Dias Nogueira, «Documentos do Senhor Arcebispo», *Ação Católica*, LXIV, n.º 3-4, (1979), 83

¹⁴⁹ Eurico Dias Nogueira, «Documentos do Senhor Arcebispo», *Ação Católica*, LXIV, n.º 11-12, (1979), 360

¹⁵⁰ Eurico Dias Nogueira, «Documentos do Senhor Arcebispo», *Ação Católica*, LXV, n.º 9 e 10, (1980), 284

¹⁵¹ Eurico Dias Nogueira, «Documentos do Senhor Arcebispo», 285

e bracarense, «com grata recordação pelos momentos de intensidade espiritual vividos»¹⁵² nesta visita apostólica ao Santuário do Sameiro.

Em 1983, um Ano Santo, D. Eurico Dias Nogueira percorreu os caminhos que levam ao alto da Penha. Lá chegado, desejou que o Ano Santo fosse um ponto de viragem para os fiéis, recordando que a «devota peregrinação ergueu orações e louvores à Virgem Maria que se venera no seu milenário solar, na Colegiada da Oliveira.»¹⁵³ Assim sendo, diz depois, é seu desejo que os peregrinos mantenham a sentida e amorosa devoção a Nossa Senhora naquele que foi um «*Ano Santo da Redenção*, a recordar os 1950 anos decorridos desde o Calvário, [exortando a que todos avivassem] a [...] fé em Cristo Redentor, a [...] fidelidade aos legítimos Pastores e a [...] devoção à Santíssima Virgem, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja.»¹⁵⁴

No ano de 1986, deve salientar-se que o Arcebispo Bracarense foi em peregrinação até à Senhora da Abadia, onde fez uma eloquente homilia, exortando os fiéis a permanecerem firmes na fé, mas que essa firmeza fosse acompanhada de uma conversão a Deus, tendo presente o Evangelho, já que «importa [...] que estes sinais exteriores de devoção sejam acompanhados de um permanente esforço interior de conversão a Deus, na fidelidade ao Evangelho e aos ensinamentos da Igreja. Só assim a devoção é sincera e aceite pela Mãe do Céu.»¹⁵⁵ Com este repto, os fiéis devotos de Nossa Senhora da Abadia foram exortados a estabelecer uma união entre as tradições religiosas e o património espiritual, pois «Nossa Senhora ajudará os portugueses a conservarem-se fiéis às suas tradições religiosas, defendendo o património espiritual recebido dos antepassados. E ajudará outrossim os altos responsáveis pelas Igrejas cristãs a reencontrarem os caminhos da unidade, comprometida desde há séculos.»¹⁵⁶

Em 1993, ano de comemoração do centenário da peregrinação ao Santuário da Penha ,em Guimarães, o Senhor Arcebispo fez questão de marcar presença e fê-lo com uma homilia onde louvou a fé dos peregrinos com «pés cansados e corações em prece, que se traduz nos cânticos maviosos a envolver a imagem venerada da Santíssima Virgem, os caminhos íngremes desta montanha.»¹⁵⁷ D. Eurico Nogueira afirma, ainda, que «as pequenas e ocasionais peregrinações, que os crentes empreendem por devoção religiosa, são imagens e miniaturas da grande peregrinação da vida [...]»¹⁵⁸ e apela a que os peregrinos vimaranenses, e todos os outros, que

¹⁵² Papa João Paulo II, «A visita de João Paulo II a Braga», *Ação Católica*, LXVII, nº 5 e 6, (1982), 189

¹⁵³ Eurico Dias Nogueira, «Actos do Senhor Arcebispo Primaz», *Ação Católica*, LXVIII, nº 5 a 12, (1983), 524

¹⁵⁴ Eurico Dias Nogueira, «Actos do Senhor Arcebispo Primaz», 525

¹⁵⁵ Eurico Dias Nogueira, «Arcebispo Primaz», *Ação Católica*, LXXI, nº 5 a 8, (1986), 319

¹⁵⁶ Eurico Dias Nogueira, «Arcebispo Primaz», 323

¹⁵⁷ Eurico Dias Nogueira, «Arcebispo Primaz», *Ação Católica*, LXXVIII, n.º 9, (1993), 593

¹⁵⁸ Eurico Dias Nogueira, «Arcebispo Primaz», 591

pela devoção mariana caminharam, engrandecendo com isso Nossa Senhora, saibam «ser Servos diligentes desta abençoada Gleba, amando Maria e seguindo o Evangelho de Jesus, seu Divino Filho.»¹⁵⁹

Finalmente, coincide com o término do seu episcopado a sua exortação aos fiéis devotos da Virgem Santíssima, no pressuposto de que «sejam quais foram os solavancos da história, convulsões sociais e arremetidas dos anticristãos, o Povo português saberá manter-se fiel ao Evangelho de Jesus e à devoção a Maria, segundo os ensinamentos da Igreja.»¹⁶⁰

2.7. Dom Jorge Ferreira da Costa Ortiga

Sua Santidade o Papa João Paulo II nomeou aquele que seria o último prelado da Arquidiocese de Braga do século XX. A 5 de junho de 1999 foi nomeado o então bispo auxiliar de Braga como Arcebispo. Dom Jorge Ferreira da Costa Ortiga fez, por conseguinte, a ponte entre o século XX e o XXI.

Na homilia de tomada de posse, o Arcebispo confiou «a Nossa Senhora, a Santa Maria de Braga, a Senhora do Sameiro, a missão do pastoreio desta Igreja que A venera em tantos santuários e capelas, com os olhos postos no grande jubileu da Encarnação do Verbo, do Deus que habita connosco e que connosco caminha e «fora do qual não há outro Deus.»¹⁶¹

É evidente que, atendendo às vivências e ao contacto estabelecido pelos seus predecessores com a devoção mariana, do novo Arcebispo se espera que seja um novo ponto de partida para um caminho trilhado há muito e conjuntamente para Deus. Com a proximidade das celebrações do grande jubileu, a Arquidiocese deu início aos preparativos respetivos sem esquecer a devoção mariana. De resto, uma das várias intenções do novo Arcebispo era que os fiéis dessem novo vigor à devoção mariana e se entusiasmassem na vida quotidiana para, dessa forma, encontrarem a alegria do discipulado. Nesse sentido, exortou a que as preces feitas pelos devotos fossem a marca de um novo milénio com o sinete do amor a Jesus, com «Santa Maria de Braga [a acompanhar a todos] na viagem com novo ardor e entusiasmo no amor ao Seu Filho. Que ninguém se contenha com o habitual, mas que, como Maria, testemunhe mais alegria por ser discípulo e discipula nas encruzilhadas da vida moderna. Maria foi o início do primeiro

¹⁵⁹ Eurico Dias Nogueira, «Arcebispo Primaz», 600

¹⁶⁰ Eurico Dias Nogueira, «Arcebispo Primaz», 494

¹⁶¹ D. Jorge Ortiga, *A voz da Catedra(l)*, vol.1, (Braga: Empresa do Diário do Minho, (2014), 21

milénio. Que a Sua presença nas nossas preces e invocações, mas particularmente, nas nossas vidas permita que o início de terceiro milénio seja marcado pela história de Jesus Cristo.»¹⁶²

Já no decurso do ano jubilar, o olhar do arcebispo voltou-se para o peregrinar e para o peregrino, tendo Dom Jorge Ortiga feito uma verdadeira chamada de atenção no sentido de cada um «homem e mulher, [...] cristão e cristã, inserido na vida da Igreja, [...] olhar-se como peregrino e [...] examinar tudo aquilo que nos impede uma verdadeira caminhada, uma verdadeira “peregrinação”.»¹⁶³ O mesmo é dizer que o peregrino deve ganhar consciência da sua forma de peregrinar, para que o seu coração esteja inteiramente ligado à alegria de Maria quando visitou a sua prima ou mesmo quando peregrinou para Belém. No dia 20 de abril de 2000, Quinta-feira santa, celebrada na missa crismal, o prelado lança o desafio ao clero bracarense de um trabalho sério apoiado na responsabilidade e em «Santa Maria de Braga [que nos] faça entender e realizar o que Cristo tem a dizer-nos – como sacerdotes com uma vida humana e como Diocese com uma história que responsabiliza, mas não nos dispensa de um trabalho sério.»¹⁶⁴

Na Peregrinação à Senhora da Franqueira, de 13 de agosto de 2000, em que marcou presença, o mesmo prelado lança idêntico repto a todos os peregrinos que para lá de dirigiram, dizendo que é preciso «intensificar o ritmo da caminhada no sentido da reciprocidade como testemunho dum Cristo vivo.»¹⁶⁵ E prossegue, afirmando: «Maria é Mãe de todos e as nossas comunidades têm muito caminho a percorrer. Saibamos corresponder ao amor de Mãe para edificarmos comunidades adultas onde não se receia a correção fraterna e se progride na alegria de crescer em comum. É este o tipo de comunidade para o séc. XXI: espaço de fraternidade renovada que dialoga permanentemente para corrigir e avançar.»¹⁶⁶

Em suma, o repto de Dom Jorge baseia-se no amor e misericórdia que Jesus nos apresenta a cada instante pelo exemplo da atenção e cuidado de Nossa Senhora, Santa Maria, nossa Mãe. No mês seguinte, a 10 de setembro de 2000, o Senhor Arcebispo subiu ao alto de Guimarães, mais precisamente ao monte de Santa Catarina, integrando a peregrinação à Penha, e lá depositou, aos pés de Nossa Senhora, o desejo «que a Virgem Maria nos apaixone pela verdade e nos ajude a organizar as paróquias e a diocese pelos critérios do Espírito.»¹⁶⁷ Com

¹⁶² D. Jorge Ortiga, *A voz da Catedral*(I), vol.1, 29

¹⁶³ D. Jorge Ortiga, *A voz da Catedral*(I), vol.1, 44

¹⁶⁴ D. Jorge Ortiga, *A voz da Catedral*(I), vol.1, 67

¹⁶⁵ D. Jorge Ortiga, *A voz da Catedral*(I), vol.1, 78

¹⁶⁶ D. Jorge Ortiga, *A voz da Catedral*(I), vol.1, 78

¹⁶⁷ D. Jorge Ortiga, *A voz da Catedral*(I), vol.1, 81

este pedido de verdade, o prelado apelou à construção de uma comunidade única, unida, coesa e com ideias claras, uma opção em que possamos «com meridiana clareza, manifestar consciência duma comunidade de contraste perante uma sociedade paganizada e, muitas vezes, corrupta nas atitudes e nos métodos.»¹⁶⁸

No final do século XX, em coincidência com o término do ano jubilar, o Arcebispo de Braga escreveu uma carta às famílias onde lança várias questões. Uma, em particular, fica em aberto – e assim a deixar também: «dá-me gosto meditar e guardar a palavra como Maria?»¹⁶⁹

¹⁶⁸ D. Jorge Ortiga, *A voz da Catedra(l)*, vol.1, 79

¹⁶⁹ D. Jorge Ortiga, *A voz da Catedra(l)*, vol.1, 91

3. Virgem Santíssima. A devoção secular do povo Vimaranense e Vizelense

«De uma triste noite límpida alvorada,
a sorrir-me cheio de áureos esplendores,
Tu vieste, como princesa encantada,
meu caminho agreste semear de flores.»¹⁷⁰

Perde-se nos meandros da história e dos séculos, a devoção que o povo Vimaranense tem à Virgem Santíssima. Uma hipótese explicativa da história da devoção diz que terá surgido na «velha povoação que precedeu a atual Guimarães, o nome de *Lactia*»¹⁷¹, por se acreditar que a povoação possuía uma relíquia com o leite da Virgem. Outra via remete para o nome de *Celiobriga*, literalmente a povoação dos céus e, portanto, a «cidade de Santa Maria.»¹⁷²

Antes do início da nacionalidade, a devoção mariana já está ali bem presente. J. G. d'Oliveira Guimarães sublinha que tendo chegado a estas terras o Conde D. Henrique «progenitor dos nossos reis, estabeleceu a sua residência em Guimarães, encontrou esta terra impregnada de mui funda dedicação para com a Mãe de Deus, dirigindo-lhe cultos em muitos lugares e como principal e centro de todos, o santuário erigido por Mumadona em honra de Santa Maria.»¹⁷³

Com o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, a devoção a Nossa Senhora conservou-se na povoação, podendo inclusive afirmar-se que se solidificou até por meio da construção de «igrejas, capelas e altares em sua honra; instituindo festas em seu louvor; formando associações piedosas sob o seu nome bendito.»¹⁷⁴

Ao longo dos séculos as devoções marianas multiplicaram-se em número e forma nas terras de Guimarães. De entre elas, devem salientar-se três que congregam assinalável número de fiéis verdadeiros devotos de Nossa Senhora, a saber: 1) a devoção a Nossa Senhora da Oliveira, também chamada inicialmente de Santa Maria de Guimarães, frequentemente referida como a «devoção de Reis e Príncipes»¹⁷⁵, por certo em alusão à eventual invocação frequente de D. Afonso Henriques nas suas orações particulares antes das batalhas; 2) a devoção a Nossa

¹⁷⁰ Silva Gonçalves «Porta do Céu», em *Do Alto da Penha Canto a Maria*, ed. Silva Araújo e Adelino Silva, (Guimarães: Edição da Irmandade da Nossa Senhora da Penha, 1993), 127

¹⁷¹ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, (Porto: Typ. De A. J. da Silva Teixeira, 1904), V

¹⁷² J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, V

¹⁷³ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, VI

¹⁷⁴ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, VI

¹⁷⁵ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, (Guimarães: 1998), 11

Senhora da Lapinha, que remonta aos inícios do século XVII, datação não exata mas aproximada a partir das observações de Magalhães Leite que escreve: «no longínquo ano de 1612 já se venerava a Senhora da Lapinha [mas supõe] que já se fizesse numa época bastante anterior a esta data»¹⁷⁶; 3) a devoção a Nossa Senhora da Penha, que corresponde atualmente à peregrinação arciprestal, subindo os peregrinos ao alto da serra de Santa Catarina para pedir a intercessão e o auxílio da Virgem Mãe. Este culto teve início nos primeiros anos do século XVIII, segundo Adelino Silva, que afirma no Simpósio Mariológico realizado no Santuário da Penha no ano de 1993, que se celebravam «quase trezentos anos de culto Mariano na Penha [...] e cem anos de peregrinações [...]»¹⁷⁷.

Como já referimos, para além destas surgiram outras devoções marianas, algumas ainda bem presentes em Guimarães, às quais nos referiremos ao longo deste capítulo.

3.1. Santa Maria de Guimarães

A devoção de Santa Maria de Guimarães perde-se nos meandros dos séculos. Duas são as lendas que sustentam o seu início. Uma está fundamentada num antigo templo pagão de Ceres, a deusa romana das plantas que brotam e do amor maternal, cuja imagem é benzida por S. Tiago e colocada no altar. A este respeito Pereira de Moraes escreve: «Aqui onde hoje é a Praça de S. Tiago, havia um templo romano dedicado à deusa Ceres. A evangelizar, a destruir os ídolos, S. Tiago, o apóstolo, atravessa a Península Hispânica. É ele que batiza S. Torcato. Benze então a deusa pagã, coloca-a no altar como Santa Maria de Guimarães.»¹⁷⁸ A outra lenda tem um ponto de união com aquela que acabámos de descrever, já que de novo surgem ambos os santos: S. Torcato, que planta «na Praça uns pés de oliveira, enquanto S. Tiago (ou seria o bem-aventurado S. Pedro de Rates, Arcebispo?) esculpia na madeira a imagem da Virgem.»¹⁷⁹

A devoção a Maria Santíssima vai crescendo. Todos, nobres, plebeus e pés descalços, buscam o encontro com ela, pois «[...] por entre o formigueiro peregrino das gentes plebeias, semibárbaras [...] distinguem-se testas coroadas do velho reino de Leão e Castela – D. Ramiro II, D. Ordonho III, D. Afonso V, D. Fernando Magno, e outros mais de nobre estirpe.»¹⁸⁰

No século X, a devoção ganha nova roupagem e novo vigor, ao passar a ter «moradia e senhorio na quinta de *Vimaranis* D. Hermenegildo Mendes, homem ilustre, ou como atestam

¹⁷⁶ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, (Guimarães: 2011), 28

¹⁷⁷ Adelino Silva, «Penha, Centro de Devoção Mariana», em *Santuário de N.ª S.ª Da Penha simpósio mariológico – Actas*, ed. Universidade Católica Portuguesa e Irmandade de N.ª S.ª Do Carmo da Penha, (Braga: 1994), 107

¹⁷⁸ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 13

¹⁷⁹ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 13

¹⁸⁰ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, (Porto: Imprensa Portuguesa, 1947), 37

os documentos, «pessoa muito principal»¹⁸¹. Trata-se, com efeito, do marido de Dona Mumadona, a qual, dando cumprimento ao voto feito por seu marido às portas da morte, mandou construir «na quinta de *Vimaranis* um Mosteiro.»¹⁸²

D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, conhecendo o Mosteiro existente em Guimarães, e a devoção que o sustenta, funda «uma instituição eclesiástica de notável vulto histórico: a *Insigne e Real Colegiada de Guimarães*»¹⁸³, em data que não sabemos precisar. No entanto, «João de Meira atribui-lhe a data de 1111. Outros monógrafos da terra – reproduzindo-se uns aos outros – fixam-lhe a data de 1139.»¹⁸⁴

Porém, só a partir do século XIV é incrementada a afluência a Santa Maria de Guimarães. A maior visibilidade do culto a esta Virgem decorre por influência cultural. Na verdade, «ocorre quando Afonso Peres, tabelião da Guimarães entre 1342 e 1343 passa a escrito os milagres da referida Virgem. O impacto foi de tal ordem que deixou de designar-se por Santa Maria de Guimarães para passar a designar-se Santa Maria da Oliveira de Guimarães.»¹⁸⁵

Nos duzentos anos seguintes, a devoção a Nossa Senhora da Oliveira não pararia de crescer. Um grande peregrino e um enorme devoto de Nossa Senhora da Oliveira foi, reconhecidamente, D. João I. A este respeito, escreve Guimarães de Carvalho que a vitória sobre os castelhanos na «Batalha de Aljubarrota – na qual se encontrou, aliado à mesma sorte, com Nuno Álvares Pereira fez com que partisse «*de Santarém por cumprir sua romaria que prometeu ante que entrasse à batalha, a qual era que, vencendo-a, como em Deus tinha esperança, que fosse a pé a Santa Maria de Oliveira, que era na Vila de Guimarães*».¹⁸⁶ Ali terá ido o Rei em agradecimento a Nossa Senhora por ter protegido os soldados portugueses e os ter amparado e guiado para a vitória, ali terá deixado várias ofertas «como sejam: – a prata correspondente ao peso de seu corpo, alguns troféus tomados ao inimigo, sua vestidura régia e armas de combate e o famoso retábulo de prata dourada – que a tradição crê ter sido tomado em Aljubarrota ao inimigo [...]»¹⁸⁷ Acrescente-se ainda que, além destas ofertas, também «o *Pelote* de D. João I, foi por ele oferecido como oblata de graças, a Santa Maria de Guimarães.»¹⁸⁸

¹⁸¹ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 37

¹⁸² A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 13

¹⁸³ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 21

¹⁸⁴ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 21

¹⁸⁵ Cristina Célia Fernandes, *O Livro dos Milagres de N^a S^a da Oliveira da Real Colegiada de Guimarães*, (Opera Omnia, 2006), 33

¹⁸⁶ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 25

¹⁸⁷ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 27

¹⁸⁸ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 29

Mas o Rei sente que pode fazer mais como forma de oblação pelas graças alcançadas: manda que a igreja da Colegiada seja restaurada «em 1387 e sagrada em 1400. Ao ato assistirá D. João I, D. Filipa de Lencastre e seus filhos.»¹⁸⁹ O austero edifício atravessará os séculos.

Alexandre Herculano «no seu tempo, depois de ver o abastardamento a que sujeitaram a igreja, escreveu estas palavras: «*A igreja da Colegiada de Guimarães, levantada por D. João I, era um dos mais belos monumentos da arquitetura gótica. O seu teto de grossas vigas, lavradas primorosamente, constituía, como o da Sé do Funchal, todas as riquezas monumentais por nós conhecidas e que Portugal possuía deste género de tetos, porque, na Idade-Média, se empregou geralmente a abóbada de pedra. Além disso, as tão proporcionadas arcarias, os capitéis adornados de esculturas variadas e subtis, as três naves majestosas, divididas por formosos pilares, inspiravam em subido grau aquele respeito saudoso que só sabem produzir as igrejas góticas [...].*»¹⁹⁰

Outro devoto ilustre digno de menção foi Pedro Esteves, mercador vimaranense que, estando em Lisboa, teve por bem mandar que junto da igreja se levantasse uma cruz em alvenaria. Trata-se da cruz do «celebrado milagre da cruz [e é por ela] que *Santa Maria de Guimarães* passou a denominar-se *Senhora da Oliveira.*»¹⁹¹

A devoção a Nossa Senhora ressurgiria novamente como amparo e auxílio mais tarde, num sermão profético proferido por Fr. Luís da Natividade, em pleno domínio Filipino. A «14 de agosto de 1638»¹⁹², Fr. Luís da Natividade pede: «*Virgem Mãe de Deus! Cessem os castigos passados [...] Vós, Virgem, sois a que haveis de fazer tudo. Vossa há-de ser esta restauração e renovação deste velho e sempre vosso devoto reino, por mais dilacerado e descarnado que esteja!*»¹⁹³ E o reino dilacerado e descarnado reuniu forças em Nossa Senhora e no «1 de dezembro de 1640»¹⁹⁴ soube conquistar um feito maior: a restauração da independência.

Nossa Senhora da Oliveira mantém-se como grande centro de peregrinação. Os peregrinos «vêm das freguesias ao redor, de Cabeceiras, de além Douro, de Lamego, do Porto. De tantos outros sítios: até de Tomar. Chegam cegos, «*sem verem migalha*», surdos «*tolhidos dos ouvidos*», «*encolhidos*» de braços e pernas, paráliticos, endemoniados em frenesis. Arrastam-se. Homens, mulheres, crianças com os pais. Já vêm, já ouvem, já andam! Estão serenos, sossegados, cheios de fé. [...] Cantam-se louvores; estende-se a «*procissom*», espalha-

¹⁸⁹ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 33

¹⁹⁰ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 34

¹⁹¹ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 43

¹⁹² A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 50

¹⁹³ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 50

¹⁹⁴ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 50

se o culto por outras terras». ¹⁹⁵ Sentem-se acolhidos, são curados, caminham em direção a Nossa Senhora, com oblações e louvores pelas graças alcançadas.

Neste sentido, o século XX não destoa dos demais. Na verdade, «gerações sucessivas caminharam pela vida fora reverenciando, dobrando o joelho, persignando-se» ¹⁹⁶ diante da Virgem Santíssima, sob a invocação de Nossa Senhora da Oliveira.

O século XX propriamente dito foi recebido com a celebração de uma missa num Largo de S. Tiago repleto de fiéis. Pereira de Moraes descreve-o assim: «Na noite de 31.12.1899 para 1.1.1900, soleniza-se o princípio do século com missas cantadas em várias Igrejas. Na «Colegiada, João Lopes de Faria, ao órgão, tocou próximo da meia noite uma marcha fúnebre. Logo que acabaram as 12 badaladas tocou o Hino da Carta.» ¹⁹⁷

Ainda com a firme esperança de um novo século cheio de graças, é anunciada a primeira desgraça: «nunca os sinos da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira soaram com tanta alma, tamanha tristeza» ¹⁹⁸ – anunciam o Regicídio. Morrera o Rei D. Carlos e o príncipe D. Luís Filipe. Pereira de Moraes refere que «as velhas pedras da Oliveira, testemunhas de Portugal desde o princípio, não podem deixar de estremecer, de morrer um pouco.» ¹⁹⁹

Os anos seguintes, de receio e incerteza, não fizeram esmorecer a devoção a Nossa Senhora da Oliveira. Antes pelo contrário, ela foi reforçada: «na Igreja da Oliveira, na de S. Francisco, uma multidão ajoelhada, compenetrada: comunga, reza, recolhe-se nas cerimónias religiosas.» ²⁰⁰ A devoção não desmorona mesmo com a progressiva ruína da igreja para onde vários peregrinos caminham com passadas firmes: «[...] veja-se, olhe-se, com desalento para o estado de ruína e abandono em que está o claustro da Igreja da Nossa Senhora da Oliveira.»

Com o início da II Guerra Mundial, os devotos de Nossa Senhora da Oliveira receiam o pior e, por conseguinte, pedem a intercessão da Mãe de Deus para que o povo português seja poupado ao flagelo da guerra. Assim aconteceu. Portugal não entra no conflito armado e os fiéis devotos vão «agradecer ao céu, a Nossa Senhora, à Senhora Mãe de Deus, uma só, sob todas as invocações, venerada aqui como Senhora da Oliveira, o andor a passar em procissão: «*Imagem miudinha, trigueira, simpática, de menina. Na cabeça, a coroa real – oiro, esmeraldas, brilhantes, rubis; nos pulsos, pulseiras de ametistas; ao peito, uma dupla cruz de oiro [...]».*» ²⁰¹

¹⁹⁵ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 26

¹⁹⁶ A. L. de Carvalho, *Guimarães de tempos idos*, 41

¹⁹⁷ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 455

¹⁹⁸ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 468

¹⁹⁹ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 468

²⁰⁰ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 483

²⁰¹ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 487

Em 1940, Portugal comemora os 800 anos da nacionalidade. As terras onde D. Afonso Henriques começou a conquista, naturalmente, estiveram no centro das comemorações de 4 de junho de 1940. Com efeito, «junto às [...] muralhas, perante o altar de prata, oferecido por D. João I, a Nossa Senhora da Oliveira, celebra a santa missa o Senhor Arcebispo Primaz. Guimarães, onde a Pátria nasceu, ajoelha, Portugal, nascido em Guimarães há tantos séculos, reza.»²⁰²

Cerca de vinte anos depois, estala a guerra colonial. Portugal e as colónias vivem uma tragédia, a aflição atinge os devotos de Nossa Senhora, que se voltam para a Virgem Santíssima implorando a proteção e o auxílio dos seus queridos familiares. É assim que «nas pedras da Igreja da Senhora da Oliveira, escuta-se, vai-se ouvir por muitos anos o murmúrio das preces, pelos nossos homens nos combates, pelo Ultramar, pela nossa África ensanguentada.»²⁰³

Mas a devoção a Nossa Senhora da Oliveira não se faz apenas de pedidos de auxílio e intercessão a Nossa Senhora, também é feita de louvores e júbilos pelo amparo da Virgem Santíssima. Os peregrinos acorrem em romaria à igreja de Nossa Senhora da Oliveira para festejar. Assim sendo, «*começa a encher-se o Largo de Gente. [...] A Polícia afasta a multidão, para deixar livre a passagem ao cortejo religioso. [...] Há, na multidão, um movimento de curiosidade – o movimento de todos os anos: é a Senhora que transpõe a porta principal. [...] Traz as mãos postas a pedir por nós todos, pela vila de que é padroeira, e por todos aqueles que ajoelham à sua passagem, a implorar a sua proteção, – as mães pelos filhos, as mulheres pelos seus homens, estes pelas suas mulheres, filhos pelos pais, pais pelos filhos, todos os que sofrem, todos os que precisam, todos os que se sentem pequenos, fracos, pobres, ameaçados e tristes.*»²⁰⁴ Todos encontram no olhar doce de Nossa Senhora da Oliveira o apoio que necessitam.

Fixando-nos nas mãos postas de Nossa Senhora, tornemo-nos nós também peregrinos de passos firmes, com oblações e louvores pela intercessão de Nossa Senhora nas nossas vidas e peçamos-lhe por todos: «No seu olhar inocente de menino, de olhos de todas as cores e formatos, ainda se traduz, Senhora, a grandeza desta pequena terra: Portugal, devoto da Virgem Maria, aqui invocada como Santa Maria de Guimarães, Nossa Senhora da Oliveira.»²⁰⁵

²⁰² Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 486

²⁰³ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 492

²⁰⁴ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 487

²⁰⁵ Maria Adelaide Pereira de Moraes, *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, 501

3.2. Nossa Senhora da Lapinha

A igreja de Nossa Senhora da Oliveira, tal como a generalidade das igrejas paroquiais, encontrava-se situada no meio da povoação, junto da população. Pelo contrário «as capelas, ou pequenas oradas e ermidas, edificavam-se no cimo dos montes. Daí, o patrono abençoava as populações, ajudava os mesteres e seus mesterais, protegia a agricultura. Todos a seu tempo se viram para a capela nos momentos de aflição.»²⁰⁶

É, de resto, desta forma, que surge a devoção a Nossa Senhora da Lapinha, a qual remonta ao século XVII, ao «longínquo ano de 1612» (datação aproximada).²⁰⁷ Sustenta esta devoção uma lenda contada «de boca em boca e de geração em geração [...] apareceu uma pequena imagem junto de uns penedos, numa pequena gruta, numa lapa pequena, ou seja, numa lapinha, não se sabe quando [...]»²⁰⁸

Tendo a imagem surgido «no monte da Lapinha, em Calvos»²⁰⁹, isto é, numa serra sobre uma pequena lapa, sem qualquer tipo de proteção, a população decidiu proteger a imagem levando-a para a igreja paroquial de S. Lourenço de Calvos.

No entanto, para surpresa dos fiéis «a imagem desaparecia da igreja e encontravam-na de novo na lapa ou em qualquer nicho nos penedos. Pela insistência deste comportamento, o povo entendeu que a Senhora queria que fosse venerada ali mesmo nos rochedos.»²¹⁰

Assim sendo, para resguardar a imagem que aparentemente não queria ser conservada na igreja paroquial, foi edificada uma pequena capela, no lugar onde a Virgem apareceu, no meio da serra. A data da sua construção não é exata, no entanto «Manuel José Saraiva Brandão, deixou escrito numa nota à margem de uma página avulsa que assinou a 7 de junho de 1936, a qual transcrevemos *ipsis verbis*: “Numa pedra da antiga capelinha, construída em alvenaria, demolida em 1932, muito tosca, havia uma inscrição em que se lia com dificuldade – 1656 – cuja pedra os pedreiros inutilizaram ou enterraram nos alicerces da nova capela-mor. A mesma pedra foi vista por vários indivíduos à qual não ligaram importância, o que foi pena, pois podiam incrustá-la numa das paredes da capela. Há dois indivíduos que viram a pedra e que ainda estão vivos. 7.6.1936”.»²¹¹

Tendo sido construída e dedicada a capela a Nossa Senhora da Lapinha, puderam ter início as romarias «ao Monte da Lapinha.»²¹² Romeiros e devotos ali acorriam com um vasto

²⁰⁶ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 25

²⁰⁷ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 28

²⁰⁸ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 29

²⁰⁹ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 29

²¹⁰ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 31

²¹¹ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 71

²¹² Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 29

leque de dificuldades. Um devoto em desespero pede a intercessão de Nossa Senhora para poupar as colheitas de uma grande calamidade e leva a imagem da Senhora da Lapinha à igreja da Senhora da Oliveira, naquilo que passou a ser designado como a primeira ronda.

Com efeito, «na freguesia de Calvos e arredores, no concelho de Guimarães, Fafe e Felgueiras, [tinha aparecido] [...] uma praga de gafanhotos, uma calamidade que devorava e comia todas as culturas, principalmente o milho. Era um desespero! No meio desta aflição um lavrador terá pegado na imagem da Senhora da Lapinha e, aflito, mas com muita fé, levou-a à igreja de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães. Seguiram-no algumas dezenas de outros seus conhecidos e imploravam, de igual modo e fé, alívio para as suas colheitas ameaçadas. A tradição oral ensina-nos que quando esses primeiros romeiros voltaram para casa ficaram muito admirados, pois os gafanhotos tinham morrido, e conseqüentemente estava a salvo o produto dos seus campos. Tem sido esta a explicação para justificar a primeira ronda.»²¹³

Lenda, devoção e realidade dão as mãos: «[...] uma praga de gafanhotos existiu mesmo. Há registos históricos, categóricos, que registaram no ano de 1611 uma praga de gafanhotos.»²¹⁴ A Senhora da Lapinha torna-se protetora dos agricultores e das colheitas. A devoção cresce e dá-se origem à grande peregrinação, chamada de ronda.

A ronda decorre do milagre da morte dos gafanhotos. A partir desse acontecimento, «todos se comprometeram a levar a Senhora no ano seguinte à sua “Irmã” Nossa Senhora da Oliveira. Foi uma forma pública de gratidão pelo atendimento das suas aflições. E essa “Irmã” é mais uma afabulação da credence popular, já que a Senhora é só uma, mas toma nomes diferentes consoante o local onde se venera.»²¹⁵

Os peregrinos de ontem são os peregrinos de hoje «na procissão de hoje, e de ontem, suplica-se solenemente a intervenção de Nossa Senhora, junto do Filho, para auxiliar os agricultores nas suas colheitas, e que as livre de moléstias ou outros desastres naturais.»²¹⁶ Mas as súplicas de auxílio que nossa Senhora da Lapinha recebe vão muito para além da agricultura. Na verdade, «é também a Ela que os crentes recorrem quando se vêm aflitos nas adversidades da vida. Implora-se alívio na doença, pede-se proteção para o mancebo que vai para o serviço militar ou para a guerra, promete-se uma oferenda para que proteja os animais domésticos, pois são muitas vezes o equilíbrio do orçamento familiar destes povos das cercanias da Lapinha. Recorre-se à Sua proteção na gravidez ou nos tempos que antecedem o parto.»²¹⁷

²¹³ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 36

²¹⁴ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 37

²¹⁵ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 43

²¹⁶ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 43

²¹⁷ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 44

A procissão – a Ronda –, que foi promessa do alívio das culturas agrícolas começa a realizar-se todos os anos, e de ano para ano é cada vez maior. Por um lado, exigia-se «por tradição, que de cada casa participasse uma pessoa. Esta razão [...] explica, em parte, o grande afluxo de gente que anualmente engrandece a procissão de ronda da Lapinha»²¹⁸. Por outro lado, «em cada ano acorrem à festa da ronda milhares de peregrinos crentes na intercessão da Senhora da Lapinha» porque cada pessoa sentirá, naturalmente, necessidade de pedir por si.²¹⁹ Em dia de festa, crentes e peregrinos aguardam a saída da Senhora da Lapinha sobre o seu andor, enfeitado «com canas de milho e cachos de uvas»²²⁰, para fazer memória da primeira ronda, quando aconteceu o milagre do fim da praga que assolava as culturas agrícolas do milho. A Ronda é constituída pelas «cruzes que [...] foram durante muitos anos em grande quantidade. As sete freguesias confinantes com Calvos faziam-se representar na festa com as cruzes mais significativas das suas terras. Pelo caminho incorporavam-se as freguesias por onde se passava, [...] pelo menos até à Senhora da Oliveira. Identificavam-se com o seu pendão ou bandeira. Apareceram como o elemento mais decorativo e visível da ronda. Além de adornar estava imbuído de um elevado significado e valor cristão. As notícias indicam como sendo 78 a quantidade de guiões no ano de 1895 e de 19 cruzes. A maior parte destes pendões participavam mediante o querer da iniciativa particular.»²²¹

Com as cruzes, os pendões ou bandeiras e o andor de Nossa Senhora da Lapinha, os peregrinos rumam ao centro de Guimarães, em direção à igreja da Senhora da Oliveira. Chegando à «rua de Santa Maria em Guimarães com três metros de largura, e o largo da Oliveira, pela sua estreiteza ou pequenez para tamanha multidão, tornavam-se em locais especialmente bons para se multiplicar o barulho dos tambores.»²²² Aqui permanecem algumas horas e depois continuam o seu percurso até à capela na serra.

Com a primeira república começam a surgir as primeiras grandes dificuldades. No entanto, «sem garantia de que todos os anos se tenha concretizado a procissão, [...] nos 16 anos de vigência daquele regime político (1910 a 1926), a procissão está documentada com uma frequência regular [...]»²²³

Entre 1911 e 1928 a Ronda não visitou a cidade apenas por 3 ocasiões: em 1915, 1916 e 1917. Recorde-se que neste período os atos religiosos estavam proibidos na via pública, sendo necessário o pedido de uma autorização especial, que os romeiros e peregrinos deveriam obter

²¹⁸ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 34

²¹⁹ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 44

²²⁰ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 41

²²¹ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 105

²²² Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 107

²²³ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 59

para poderem realizar a romaria de Nossa Senhora da Lapinha. De facto, «não se podiam praticar atos públicos festivos de culto religioso, incluindo as procissões, fora dos adros, sem autorização do administrador do concelho. Mas era-se livre de pedir autorização para se fazer uma procissão. Era autorizado ou negado.»²²⁴

Chegou até nós uma descrição da ronda do ano de 1918 que narra o seguinte: «os foguetes anunciavam a passagem pelas terras percorridas. Os tambores faziam parte da alegria das gentes presentes e participantes. Deslocavam-se à frente como batedores a quererem abrir caminho e a chamar os curiosos ou devotos. Num ápice e no meio de um alegre bulício as pessoas postavam-se na margem da estrada ou enfeitavam as janelas com caras pasmadas. Uns viam, outros ingressavam na procissão. Cada um à sua medida dava uma esmola, alegre e confiante.»²²⁵

Caso caricato, e de assinalar, é o pedido de autorização para a realização da Ronda deferido pelas autoridades políticas, mas não pelo Cabido. Mas, «[m]esmo assim, o povo, bom romeiro, imbuído de fé e fanatismo, uma vez confrontado com as exigências do Paço Episcopal de Braga, e sabendo que havia autorização dos governantes do poder político, por isso a polícia não intervinha, desobedeceu ao Arcebispo. Populares pegaram no andor da Senhora, arrancaram-no da igreja e levaram-no mesmo até Guimarães.»²²⁶

Em suma, os romeiros e fiéis peregrinos de Nossa Senhora da Lapinha escolheram cumprir a sua devoção por Nossa Senhora da Oliveira a despeito do que estipulavam as autoridades eclesiásticas.

Situação parecida há de ocorrer anos depois, em 1942, quando os peregrinos escolhem fazer frente ao mau tempo a despeito das recomendações da Irmandade e do Pároco. Efetivamente, «chovia, e choveu todo o dia. O vento e a chuva flagelavam a região. A Irmandade desencorajava os peregrinos para não saírem com o andor. Ambas as partes esgrimiam argumentos com opiniões diametralmente opostas. Os romeiros entendiam que a ronda devia sair indiferente ao tempo meteorológico. A Irmandade e o Pároco suavizavam os ânimos. Os primeiros e estes últimos não se entenderam. O povo firme na sua fé, e na sua teimosia, regateou e faz sair a Senhora sob compromisso de pagarem eventuais estragos causados pela intempérie no vestido ou no manto de Nossa Senhora. Todos encharcados, também o pároco, chegaram a Guimarães às 16 horas e saíram às 19 horas.»²²⁷

²²⁴ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 61

²²⁵ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 107

²²⁶ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 66

²²⁷ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 66

Ambos os exemplos parecem corroborar a afirmação de Magalhães Leite, que escreve que «as tradições são sempre o sangue e vida dos povos.»²²⁸

Recorde-se que, já em 1928, foi por insistência dos fiéis que o Cabido da Sé de Braga consentiu «a autorização para se renovar a tradição que teimava em não morrer. Correndo célere a notícia da nova ronda a Guimarães, o povo crente, e os comerciantes, acorreram em força. Foi das maiores procissões que até então se tinham realizado na festa de Nossa Senhora da Lapinha. Todos quiseram fazer ver os seus dotes religiosos e de crentes na Senhora.»²²⁹

Em virtude desta autorização sabemos que a festa foi grande, pois «a fila de gente não tinha mais fim. Os cânticos de louvor ecoavam por toda a cidade e ao longo do caminho de romagem. As manifestações públicas de fé e de entusiasmo transmitiam coragem entre peregrinos. A nuvem de pó, os rostos sujos, chapéus na mão, e um rico colorido das roupas e dos cravos emprestavam uma graça muito característica àquela ronda. Via-se em todos a manifestação de regozijo pela vitória que acabavam de alcançar.»²³⁰

Em 1932, uma procissão extraordinária é realizada por causa de uma situação de exceção. A súplica pelo fim da «grande seca e estiagem prolongada que se fez sentir em Portugal em 1932, [fez] com que os agricultores, e muitos outros fiéis atormentados, levassem a Senhora da Lapinha à cidade de Guimarães, numa sexta-feira dia 13 de agosto, implorando a sua valiosa proteção para os campos e vinhas»²³¹.

Outras procissões extraordinárias hão de ser realizadas. Uma «de sentido inverso ocorreu em 1944, com a presença do Arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Júnior. As coisas não corriam bem para a agricultura naquele longínquo ano tórrido de 1944. O mundo estava em guerra. A fome apertava. O pão escasseava em todo o país desde há muitos anos. O verão quentíssimo e seco punha a latejar a cabeça das pessoas com a aflição e a fome. A segunda guerra mundial continuava crudelíssima.

Por estas razões, optou-se por pedir a intercessão de Nossa Senhora da Lapinha de uma forma mais abrangente. Foi assim que no dia 21 de maio de 1944 se procedeu a uma ronda com carácter extraordinário e urgente, mas em sentido inverso ao do costume.»²³² Sobre ela, os meios de comunicação salientaram que «foi das maiores concentrações em dia de procissão com algumas dezenas de milhares de peregrinos à capelinha de “*Trás da Serra*” em Calvos.»²³³

²²⁸ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 67

²²⁹ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 95

²³⁰ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 96

²³¹ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 99

²³² Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 100

²³³ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 100

Outras procissões extraordinárias tiveram lugar «nos anos de 1887, 1893, 1894, 1898, 1908 e 1960. Estas realizaram-se no mês de julho, em penitência para pedirem chuva, “*ad pretendam pluviam*”. Mas nos anos de 1929 e 1933, embora o motivo fosse o mesmo das anteriores, realizaram-se no mês de agosto. A última a que podemos referir-nos como procissão extraordinária de penitência aconteceu no dia 1 de dezembro de 1960, numa quinta-feira. Uma enorme calamidade provocada pela chuva continuada impedia os agricultores de procederem às colheitas do milho. Estragava-se nos campos e apodrecia nos alpendres. Com fé conduziram a Senhora vestida com manto roxo, até à cidade, saindo às nove da manhã do dia acima referido.»²³⁴

Assim, entre procissões regulares e procissões extraordinárias, podemos compreender que «a ronda da Lapinha era constituída por uma enorme *mola de gente*. Multidões invadiam a cidade naquele dia festivo.»²³⁵

3.3. Nossa Senhora da Penha

A devoção a Nossa Senhora da Penha tem início nos primeiros anos do século XVIII. No entanto, existem fortes indícios que o monte de Santa Catarina tenha tido uma forte ligação com o religioso «ainda em tempos medievais, muito provavelmente com uma ermida de S. Mamede que terá existido no local ainda hoje assim chamado, sito numa pequena concha da parte do monte.»²³⁶

De resto, «é provável que essa possível ermida fosse bastante antiga e tenha sido, de certo modo substituída pela de Santa Catarina, que lhe fica próxima e donde veio o nome com que esta montanha foi conhecida quase até aos nossos dias.»²³⁷ O que é certo, é a existência da Capela de Santa Catarina no «século XVI, após 1528, já do tempo dos Jerónimos que reformaram o mosteiro.»²³⁸

Não obstante, o topo da serra de Santa Catarina era um espaço muito pouco convidativo e muito menos acolhedor. Existem relatos que no alto do monte abundavam os «rochedos ciclópicos atirados para ali por braços onnipotentes, [lembrando] as ruínas d’uma cidade

²³⁴ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 101

²³⁵ Artur Magalhães Leite, *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, 101

²³⁶ C. A. Ferreira de Almeida «A Penha e a Senhora da Lapinha, Elementos para a compreensão da religiosidade popular», em *Santuário de N.ª S.ª Da Penha - simpósio mariológico – Actas*, ed. Universidade Católica Portuguesa e Irmandade de N.ª S.ª Do Carmo da Penha, (Braga: 1994), 95

²³⁷ C. A. Ferreira de Almeida «A Penha e a Senhora da Lapinha, Elementos para a compreensão da religiosidade popular», 95

²³⁸ C. A. Ferreira de Almeida «A Penha e a Senhora da Lapinha, Elementos para a compreensão da religiosidade popular», 95

gigante, assolada e deserta. Aqui os penedos descomunais amontoados ao acaso formaram uma pirâmide monstruosa de gosto egípcio»²³⁹, o local ideal para refúgio de um ermita.

Eis que chega a este alto da serra, em 1702, «um devoto e virtuoso Ermitão chamado Guilherme, natural d'um lugar vizinho de Roma, [que] saiu d'Italia, e depois de ter discorrido (como outro Vella) por várias partes da Europa, veio dar consigo ao reino da Galliza, d'esta passou a Portugal, [...] Chegou defronte da Serra de Santa Catharina, que dista da Villa de Guimarães pouco mais de meia légua.»²⁴⁰

Ali se terá fixado o ermita sem que a população soubesse da sua existência. Certo dia, «foi visto d'um caçador, o qual teve grande mêdo por o vêr vestido em hábito, que nunca vira. E como era em tal sítio aonde todos temiam chegar, por temor das fêras, que ali se recolhiam, focou admirado e temeroso, e de temor fugiu. [...] A's vozes que lhe davam sahiu elle ao alto do rochedo, e como não falava em língua que eles entendessem, ainda temeram mais, e assim foram dar parte aos moradores de Guimarães do que haviam descoberto.»²⁴¹

A determinada altura, o ermita decide «collocar [ali] uma Imagem da sua Santissima Mãe, a Virgem Senhora Nossa, e assim a mandou fazer em Braga.»²⁴² Logo as visitas ao ermita começam a ser regulares e a devoção à Santíssima Mãe «começou a obrar muitas [graças], e com ellas se divulgou a fama, e com as suas vozes começou a concorrer com devoção a gente, abuscal-a e a veneral-a»²⁴³

Confirmamos que «verídico é o facto de a primeira capela à Senhora do Carmo, popularmente, chamada da Penha, por aproveitar um abrigo sob grande penedo, se dever a um devoto ermitão, chamado Guilherme, natural de Itália, que aqui chegou em 1702.»²⁴⁴ É deste modo que, aquele lugar com penedos ciclópicos e onde nem os caçadores com medo das feras iam, começa a tornar-se um local acolhedor. Tal «como reconheceu Frei Agostinho de Santa Maria, quando nos diz que o seu lugar, antes «medonho e fúnebre», se converteu em «alegre e delicioso»»²⁴⁵

²³⁹ António José Ferreira Caldas, *Local e Gruta-Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na Serra de Santa Catharina (cercanias de Guimarães)*, 20

²⁴⁰ António José Ferreira Caldas, *Local e Gruta-Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na Serra de Santa Catharina (cercanias de Guimarães)*, 32

²⁴¹ António José Ferreira Caldas, *Local e Gruta-Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na Serra de Santa Catharina (cercanias de Guimarães)*, 33

²⁴² António José Ferreira Caldas, *Local e Gruta-Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na Serra de Santa Catharina (cercanias de Guimarães)*, 34

²⁴³ António José Ferreira Caldas, *Local e Gruta-Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na Serra de Santa Catharina (cercanias de Guimarães)*, 35

²⁴⁴ C. A. Ferreira de Almeida «A Penha e a Senhora da Lapinha, Elementos para a compreensão da religiosidade popular», 96

²⁴⁵ C. A. Ferreira de Almeida «A Penha e a Senhora da Lapinha, Elementos para a compreensão da religiosidade popular», 97

A devoção cresce. Cada vez mais peregrinos acorrem ao alto da serra de Santa Catarina para pedir e dar graças pelos bens alcançados. As preces começam a ser ouvidas e o primeiro milagre é de um menino de 10 anos que era mudo e levado pela mãe «se foi a valer da Senhora da Penha, pedindo-lhe que se compadecesse d'ella, e do filho dando-lhe falla; o que a Senhora lhe concedeu; porque ao despedir-se da Senhora para se recolher a sua casa, o filho chamou pela mãe.»²⁴⁶

A romaria começa a ser realizada anualmente, com mais peregrinos e com menos peregrinos. E «a Arca d'Alliança, pousada sobre o monte, não tinha quem a vigiasse, a não ser algumas devotas famílias e um pequeno número de fiéis, que n'um dos domingos de julho ou agosto de cada ano subiam as agruras da serra para junto d'Aquella passar um dia de romagem mais folgazã que piedosa, mais distrahida que supplicante.»²⁴⁷

Na segunda metade do século XIX, a peregrinação à Nossa Senhora da Penha foi revitalizada. Assim sendo, «no anno de 1870 alguns poucos devotos, animados d'um fervor puramente religioso, tomaram a seus hombros o pesado empenho de levantar o culto da Virgem do Carmello, até aqui tão simples e pobre, e de aformosear e engrandecer, quanto em suas forças coubesse, a Gruta-ermida e o local da Penha.»²⁴⁸

O culto mariano continua a crescer. É fundada «a Irmandade de N.S. do Carmo da Penha (1872) e dentro do espírito que lhe é atribuído, a mesa promove e intensifica a festa em honra da Padroeira, chamada «Grande Romaria» ou 1.^a Romaria à Penha, no dia 16 de Julho de cada ano ou no Domingo seguinte.»²⁴⁹ Torna-se urgente e necessário um espaço adequado para receber os peregrinos que à Senhora do Carmo da Penha rumam. É desta forma que «no final do século XIX, a construção de um templo de raiz era uma pretensão assumida pelos impulsionadores da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha»²⁵⁰. Vários projetos foram apresentados e o primeiro que foi escolhido para ser executado foi «o projeto elaborado pelo Padre António Domingues Ferreira e, em 8 de Setembro de 1895 (dia de peregrinação anual), procedeu-se à bênção e ao lançamento simbólico da primeira pedra para a sua construção.»²⁵¹

²⁴⁶ António José Ferreira Caldas, *Local e Gruta-Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na Serra de Santa Catharina (cercanias de Guimarães)*, 37

²⁴⁷ António José Ferreira Caldas, *Local e Gruta-Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na Serra de Santa Catharina (cercanias de Guimarães)*, 47

²⁴⁸ António José Ferreira Caldas, *Local e Gruta-Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na Serra de Santa Catharina (cercanias de Guimarães)*, 48

²⁴⁹ Adelino Silva, «Penha, Centro de Devoção Mariana», 123

²⁵⁰ Maria Elisabete de Sousa Pinto, «Santuário de Nossa Senhora da Penha», em *Santuário de Nossa Senhora da Penha*, ed. IHAC – Instituto DE História e Arte cristã, (Braga, 2011), 19

²⁵¹ Maria Elisabete de Sousa Pinto, «Santuário de Nossa Senhora da Penha», 21

O projeto do Padre António Ferreira foi interrompido por largo tempo e acabaria por ser demolido. Passam anos e a Irmandade mantém a ideia de construir um santuário que a todos acolha, como Nossa Senhora acolhe os seus peregrinos. É construído «o santuário que hoje existe, de aspecto impotente, formoso e conservado, está associado à Imaculada Conceição de Maria, tal como estava previsto na construção do anterior e primeiro projecto iniciado nos finais do século XIX»²⁵².

O projeto, concebido pelo arquiteto José Marques da Silva, avança e «em junho de 1932, a capela-mor do Santuário foi sagrada e aberta ao culto, porque já possuía a tribuna e o altar-mor e foi dotada com a imagem da Senhora da Conceição.»²⁵³ Esta imagem, de traços modernos, dá o impulso final para que o Santuário que hoje conhecemos fosse terminado. Poucos meses depois da sagração da capela-mor e da sua abertura ao público «em 13 de Setembro de 1932, a concentração da peregrinação ocorreu, pela primeira vez, na esplanada do santuário, armando-se um altar em frente da já construída capela-mor.»²⁵⁴

A construção foi interrompida durante 2 anos e, depois, a 13 de fevereiro de 1939 o pior aconteceu: «um incêndio na capela-mor e na sacristia devorou parcialmente o Santuário da Penha»²⁵⁵. Conjetura-se que tenha sido por mão humana, em reação contestatória aos tempos que Portugal vivia. Não se sabe ao certo. Mas registamos que os devotos e peregrinos de Nossa Senhora do Carmo da Penha uniram-se ainda mais e com o contributo de todos foram «retomadas as obras de construção, o corpo principal do santuário, de traça arquitetónica moderna, foi concluído no final de 1945, juntamente com a regularização da “grande esplanada”»²⁵⁶

Estando o santuário concluído, no ano de 1944 uma devota mandou fazer uma réplica da imagem de Nossa Senhora que tinha ardido no incêndio de 1939. O seu voto, «de uma benemérita doente, impossibilitada [impossibilitada] de movimentos nos membros inferiores, para que Portugal se libertasse da 2.^a Grande Guerra, prestes a eclodir.»²⁵⁷

Na atualidade, milhares de fiéis se reúnem todos os anos na cidade de Guimarães para dar início à romaria ao alto da serra de Santa Catarina. A jornada «que se inicia de manhã cedo, com o romper dos primeiros raios de sol, e estende-se, pelo menos, até ao meio do dia» é longa.²⁵⁸ A peregrinação em honra da Senhora da Penha «é constituída por uma caminhada de

²⁵² Maria Elisabete de Sousa Pinto, «Santuário de Nossa Senhora da Penha», 21

²⁵³ Maria Elisabete de Sousa Pinto, «Santuário de Nossa Senhora da Penha», 25

²⁵⁴ Maria Elisabete de Sousa Pinto, «Santuário de Nossa Senhora da Penha», 25

²⁵⁵ Maria Elisabete de Sousa Pinto, «Santuário de Nossa Senhora da Penha», 26

²⁵⁶ Maria Elisabete de Sousa Pinto, «Santuário de Nossa Senhora da Penha», 26

²⁵⁷ Adelino Silva, «Penha, Centro de Devoção Mariana», 135

²⁵⁸ Elisabete Pinto e Paulo Barroso, *Penha Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, (Guimarães, 2005), 166

cerca de sete quilómetros, que se perfila no centro da cidade de Guimarães, no popularmente designado Campo da Feira (Largo República do Brasil), de onde parte em direção ao Santuário da Senhora Penha, no cimo da Serra de Santa Catarina.»²⁵⁹

Em 1993, celebrando o centenário da peregrinação anual, a imagem inicialmente colocada num altar lateral, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, «passou para a Capela-Mor da Santuário, em altar próprio, com a invocação de «Nossa Senhora da Penha.»»²⁶⁰ É desta forma que Nossa Senhora do Carmo da Penha se torna Nossa Senhora da Penha, como já popularmente se afirmava em 1702, o que vem confirmar que «a Penha, desde a origem até nossos dias foi sempre Mariana.»²⁶¹

Os peregrinos e devotos de Nossa Senhora da Penha sempre intentaram «que o culto à Senhora da Penha se espalhasse rapidamente, e que ainda hoje se mantenha, bem aceso [...] pois a Penha continuará a ser o «farol», o «altar das gentes de Guimarães.»»²⁶² Este «farol» que pode iluminar quem por ele pedir auxílio e intercessão é o «orgulho [da] terra, [onde] fez brilhar uma luz «a luz da Senhora da Penha.»»²⁶³

Em síntese, podemos dizer que a nós é confiada uma herança de «quase trezentos anos depois, essa Luz, bem acesa, continua a despertar as consciências mais piedosas que, atraídas, sobem a esse lugar privilegiado [...] o elo de ligação entre o Céu e a Terra na cidade berço.»²⁶⁴

3.4. Nossa Senhora por caminhos e terras do Arciprestado

Calcorreando os caminhos e terras do Arciprestado de Guimarães e Vizela certamente que outras inovações e devoções marianas surgiram. Deste modo, tendo apresentado as grandes peregrinações arciprestais queremos dar voz àquelas que de modo mais circunscrito às paróquias levam os peregrinos a louvar Nossa Senhora. Importa salientar a presença mariana nas paróquias do Arciprestado de Guimarães e Vizela tendo como ponto de referência o livro «*Guimarães e Santa Maria – História do culto de Nossa Senhora na Concelho de Guimarães*» escrito nos inícios do século XX, em 1904, por J. G. d' Oliveira Guimarães. Em contraponto, apresentaremos os dados referentes a cada paróquia nos inícios do século XXI, recolhidos presencialmente em cada paróquia. Assim será possível compreender a devoção mariana nas paróquias e a sua estabilidade ou alternância devocional.

²⁵⁹ Elisabete Pinto e Paulo Barroso, *Penha Retrospectiva Iconográfica da Sacralização da Montanha*, 165

²⁶⁰ Adelino Silva, «Penha, Centro de Devoção Mariana», 136

²⁶¹ Adelino Silva, «Penha, Centro de Devoção Mariana», 137

²⁶² Adelino Silva, «Penha, Centro de Devoção Mariana», 114

²⁶³ Adelino Silva, «Penha, Centro de Devoção Mariana», 108

²⁶⁴ Adelino Silva, «Penha, Centro de Devoção Mariana», 108

Na paróquia de São Cristóvão de Abação existia no início do século XX, na igreja paroquial um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.²⁶⁵

Atualmente a igreja paroquial apresenta a invocação de Nossa Senhora do Rosário com altar dedicado e uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. Na paróquia ainda existe um oratório com a invocação de Nossa Senhora de Fátima.

Na paróquia de São Tomé de Abação a inícios do século XX, era presente na igreja paroquial um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário²⁶⁶ e uma imagem com a invocação da Nossa Senhora do Sol.²⁶⁷ Na paróquia também se dá conhecimento de um oratório com a imagem de Nossa Senhora das Necessidades.²⁶⁸

Atualmente a paróquia de São Tomé de Abação tem na sua igreja paroquial um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário e outro dedicado a Nossa Senhora de Fátima.

A paróquia de Santa Maria de Airão tem como seu orago Nossa Senhora da Misericórdia, paróquia «que provavelmente foi fundada no século XI e se encontra mencionada nas Inquirições regias de 1220.»²⁶⁹ Nos inícios do século XX, existia no altar-mor da igreja paroquial «a titular, Nossa Senhora da Misericórdia»²⁷⁰ e a imagem de «Nossa Senhora das Dores, a qual está colocada no altar-mor do lado da epístola.»²⁷¹ No corpo da igreja apresentavam-se 2 altares laterais, «um dedicado a Nossa Senhora do Rosário e outro ao Coração de Maria, escultura moderna muito formosa.»²⁷² Na capela dedicada a Santa Luzia, capela pertencente à paróquia, existia a invocação de Nossa Senhora do Rosário.²⁷³

Atualmente, a paróquia continua a fazer memória de Nossa Senhora da Misericórdia, que se apresenta bela e ornada de manto no altar-mor. Existem as invocações de Nossa Senhora das Dores e do Coração do Maria com altares dedicados e uma imagem de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora de Lourdes.

Na paróquia de São João de Airão, nos princípios do século XX existiam na igreja paroquial 2 altares dedicados a Nossa Senhora, um dedicado a Nossa Senhora das Dores²⁷⁴ o outro dedicado a Nossa Senhora da Purificação.²⁷⁵ Também existia uma imagem com a invocação ao Imaculado Coração de Maria.²⁷⁶

²⁶⁵ Cf. Guimarães J. G. d'Oliveira, *Guimarães e Santa Maria*, 107

²⁶⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

²⁶⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

²⁶⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

²⁶⁹ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 57

²⁷⁰ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 57

²⁷¹ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 57

²⁷² J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 57

²⁷³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

²⁷⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

²⁷⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

²⁷⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

Atualmente, a paróquia de São João de Airão na sua igreja paroquial tem as invocações marianas de Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Lourdes e de Nossa Senhora das Dores. Na igreja matriz existe um altar dedicado a Nossa Senhora das Dores e outro a Nossa Senhora da Purificação.

Na paróquia de São Mamede de Aldão a igreja paroquial, em 1904, apresentava um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.²⁷⁷

Atualmente, a paróquia de São Mamede de Aldão, na sua igreja paroquial, tem um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário. Na sacristia existe uma imagem invocando Nossa Senhora de Fátima.

A paróquia de Santa Maria de Atães tem como seu orago Nossa Senhora da Assunção. Esta paróquia é «já conhecida com o nome de Atães no meado do século X.»²⁷⁸ Na igreja paroquial, nos inícios do século XX, eram apresentados à devoção dos fiéis «três altares, sendo os dois laterais dedicados um à Senhora do Rosário e o outro à Senhora das Dores e venerando-se no altar-mor, do lado do Evangelho, a titular, Nossa Senhora d'Assumpção, e ainda Nossa Senhora do Carmo no altar da Senhora do Rosário.»²⁷⁹

Atualmente, a paróquia na sua igreja apresenta a devoção a Nossa Senhora das Dores e a Nossa Senhora do Rosário com altares dedicados. A devoção a Nossa Senhora de Fátima também se faz presente. O altar-mor apresenta a sua padroeira Santa Maria.

Na paróquia de São Pedro de Azurém, a igreja paroquial em princípios do século XX tinha 2 invocações marianas, uma de Nossa Senhora da Purificação com altar dedicado²⁸⁰ e outra de Nossa Senhora do Rosário também com altar dedicado.²⁸¹ Existia ainda a Capela de Nossa Senhora da Conceição,²⁸² «cuja primitiva ereção remonta à idade média»²⁸³ tendo altar dedicado à titular Nossa Senhora da Conceição. Uma outra capela existia em Azurém dedicada a Nossa Senhora da Madre Deus²⁸⁴ com a «data da sua primitiva fundação do século XVI.»²⁸⁵ Também existia a Igreja da Misericórdia onde permaneciam a imagem de Nossa Senhora de Lourdes²⁸⁶ e na sacristia um altar dedicado a Nossa Senhora da Conceição, datado dos finais do século XVIII.²⁸⁷

²⁷⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

²⁷⁸ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 58

²⁷⁹ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 58

²⁸⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

²⁸¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

²⁸² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 10

²⁸³ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 10

²⁸⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 88

²⁸⁵ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 88

²⁸⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 35

²⁸⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 32

Atualmente, a paróquia de São Pedro de Azurém, na sua igreja paroquial, conta com as invocações marianas de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Fátima e de Nossa Senhora de Schoenstatt. Na igreja da Misericórdia encontramos as invocações de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora da Fátima. Na igreja de Nossa Senhora da Conceição encontramos a devoção a Nossa Senhora da Conceição, titular, e a Nossa Senhora de Fátima. Existe uma capela dedicada a Nossa Senhora da Madre Deus. Para terminar, a paróquia atualmente tem um oratório dedicado à invocação de Nossa Senhora de Fátima.

A paróquia do Divino Salvador de Balazar, no século XX tinha, na sua igreja paroquial, altares dedicados ao Imaculado Coração de Maria,²⁸⁸ a Nossa Senhora do Rosário,²⁸⁹ a Nossa Senhora da Soledade.²⁹⁰ Incluía as imagens de Nossa Senhora da Conceição²⁹¹ e a de Nossa Senhora da Purificação.²⁹² A paróquia tinha uma capela dedicada a Nossa Senhora das Neves.²⁹³ Atualmente, a paróquia do Divino Salvador de Balazar na sua igreja paroquial tem as invocações marianas de Nossa Senhora de Fátima, de Nossa Senhora das Dores com altar dedicado e do Imaculado Coração de Maria também com altar dedicado.

A paróquia de São Cláudio do Barco, nos inícios do século XX, contava, na igreja paroquial, com um altar dedicado a Nossa Senhora dos Remédios.²⁹⁴

Atualmente, a paróquia de São Cláudio do Barco conta, na igreja paroquial, com as invocações de Nossa Senhora dos Remédios e de Nossa Senhora de Fátima, com altar dedicado e uma imagem de Nossa Senhora do Sameiro.

Divino Salvador de Briteiros tinha, na sua igreja paroquial, no século XX, as devoções a Nossa Senhora da Boa Morte,²⁹⁵ a Nossa Senhora das Dores,²⁹⁶ ao Imaculado Coração de Maria,²⁹⁷ a Nossa Senhora da Piedade²⁹⁸ e a Nossa Senhora do Rosário²⁹⁹ todas estas devoções encontravam-se em altares dedicados. Na paróquia existia uma capela dedicada a Nossa Senhora do Desterro.³⁰⁰

Atualmente, a paróquia do Divino Salvador de Briteiros, na sua igreja paroquial, apresenta as devoções de Nossa Senhora de Fátima no altar-mor. No corpo da igreja conta com as invocações

²⁸⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

²⁸⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

²⁹⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

²⁹¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

²⁹² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

²⁹³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 94

²⁹⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

²⁹⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

²⁹⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

²⁹⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

²⁹⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

²⁹⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁰⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 77

de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora das Dores e do Coração de Maria, todas com altares dedicados.

Na paróquia de Santa Leocádia de Briteiros, nos inícios do século XX, existiam, na igreja paroquial, altares dedicados ao Imaculado Coração de Maria,³⁰¹ a Nossa Senhora das Dores³⁰² e a Nossa Senhora da Conceição.³⁰³ Existindo as devoções a Nossa Senhora da Luz,³⁰⁴ com capela dedicada e também a Nossa Senhora do Rosário,³⁰⁵ com capela dedicada a esta invocação mariana.

Atualmente, a paróquia de Santa Leocádia de Briteiros conta, na sua igreja paroquial, com as invocações marianas de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora das Conceição, com altares dedicados. Ainda existem as imagens de Nossa Senhora da Luz e de Nossa Senhora do Rosário.

Em Santo Estevão de Briteiros, no século XX, a igreja paroquial tinha um altar dedicado a Nossa Senhora das Dores³⁰⁶ e 2 imagens, uma de Nossa Senhora da Apresentação³⁰⁷ e outra do Imaculado Coração de Maria.³⁰⁸

Atualmente, a igreja paroquial de Santo Estevão de Briteiros conta com as invocações marianas de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora do Rosário. Com altar dedicado existe a devoção a Nossa Senhora das Dores.

A paróquia de São João Batista de Brito nos inícios do século XX, tinha, na igreja paroquial 2 altares laterais dedicados, um a Nossa Senhora das Dores³⁰⁹ e outro a Nossa Senhora do Rosário.³¹⁰

Atualmente, a paróquia de São João Batista de Brito conta com a devoção de Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Graças e, finalmente, a invocação de Nossa Senhora da Assunção.

Na igreja paroquial de São Tomé de Caldelas existiam, no início do século, duas imagens, uma invocando o Imaculado Coração de Maria³¹¹ e outra invocando Nossa Senhora das Dores.³¹²

³⁰¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

³⁰² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

³⁰³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 32

³⁰⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 87

³⁰⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 99

³⁰⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

³⁰⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³⁰⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³⁰⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

³¹⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³¹¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³¹² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

Atualmente a igreja paroquial de São Tomé de Caldelas tem as invocações marianas de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora de Fátima. Existe, nos nossos tempos, uma capela particular dedicada a Santo António, onde também se invoca Nossa Senhora da Conceição. A paróquia tem um oratório sobre a invocação de Nossa Senhora do Sameiro.

Em São Lourenço de Calvos é referida a existência de um altar lateral dedicado a Nossa Senhora do Rosário³¹³ na igreja paroquial em inícios do século XX.

Atualmente, esta paróquia, na sua igreja paroquial, apresenta a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a Nossa Senhora de Fátima. No altar-mor figura a imagem de Nossa Senhora da Lapinha. Nesta paróquia existe ainda o Santuário de Nossa Senhora da Lapinha onde figuram as invocações de Nossa Senhora da Lapinha no altar-mor e também as invocações de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora das Dores com altar dedicado.

Na paróquia de São Martinho de Candoso, em meados de 1904, a igreja paroquial tinha um altar lateral dedicado a Nossa Senhora do Rosário³¹⁴ e duas imagens, uma invocando Nossa Senhora da Conceição³¹⁵ e outra invocando Nossa Senhora das Dores.³¹⁶

Atualmente, esta paróquia de São Martinho de Candoso, na sua igreja paroquial, tem 2 altares dedicados à Virgem Maria, um sobre a invocação do Imaculado Coração de Maria e outro invocando Nossa Senhora de Fátima.

Em São Tiago de Candoso a igreja paroquial, nos inícios do século XX, apresentava um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário³¹⁷ e uma invocação mariana de Nossa Senhora da Livração.³¹⁸

Atualmente, a igreja paroquial de São Tiago de Candoso tem as devoções marianas de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora do Rosário, com altar dedicado.

Na paróquia de Santa Cristina de Cerzedelo, nos inícios do século XX, na igreja paroquial, apresentava as devoções marianas de Nossa Senhora das Dores,³¹⁹ de Nossa Senhora da Purificação³²⁰ e um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.³²¹ Nesta paróquia ainda existem duas capelas: a capela de São Pedro do Monte que tem um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário;³²² uma outra capela dedicada a Nossa Senhora do Monte, que apresenta

³¹³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³¹⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³¹⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

³¹⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³¹⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³¹⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³¹⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³²⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

³²¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³²² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

no altar-mor 3 invocações marianas: «Senhora do Monte, de Senhora da Guia e Senhora de Guadalupe.»³²³

Atualmente, a paróquia de Santa Cristina de Cerzedelo, apresenta na sua igreja paroquial as invocações marianas de Nossa Senhora da Purificação, de Nossa Senhora de Fátima. Com altar dedicado surgem as invocações de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora de Lourdes. Existem nesta paróquia duas capelas: a capela dedicada a São Pedro do Monte tem a invocação de Nossa Senhora do Rosário; a segunda capela é dedicada a Nossa Senhora do Monte, que apresenta três invocações marianas no altar-mor: Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Monte e de Nossa Senhora de Guadalupe.

Em São Miguel de Cerzedo, no principiar do século XX, a igreja paroquial tinha um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.³²⁴ Nesta paróquia existia uma capela dedicada a Nossa Senhora do Amparo, que «actualmente acha-se quasi abandonada.»³²⁵

Atualmente, a igreja paroquial de São Miguel de Cerzedo tem as invocações marianas de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora do Amparo. Tem um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.

A paróquia de São Martinho de Conde, no século XX, apresentava na igreja paroquial um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.³²⁶

Atualmente, a paróquia de São Martinho de Conde, na sua igreja paroquial, tem as invocações marianas de Nossa Senhora de Lourdes e de Nossa Senhora de Fátima. Tem dois altares dedicados, um a Nossa Senhora das Dores e outro a Nossa Senhora do Rosário.

A paróquia de Santa Maria de Corvite tem como seu orago a invocação mariana de Nossa Senhora do Ó ou da Expectação. Esta paroquia já é mencionada «nas Inquirições regias de 1220.»³²⁷ Na igreja paroquial «tem três altares, sendo os dois lateraes dedicados à Senhora do Rosário e ao Senhor do Bomfim.»³²⁸

Atualmente, a igreja paroquial de Santa Maria de Corvite tem como seu orago Nossa Senhora sob a invocação de Nossa Senhora do Ó. Também apresenta as invocações de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora de Fátima.

Em Santa Marinha da Costa, em 1904, a igreja paroquial tinha um altar dedicado a Nossa Senhora do Carmo³²⁹ e diversas invocações marianas, tais como uma imagem de Nossa Senhora

³²³ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 92

³²⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³²⁵ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 68

³²⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³²⁷ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 58

³²⁸ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 58

³²⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

das Dores,³³⁰ duas imagens de Nossa Senhora da Conceição³³¹ e uma imagem de Nossa Senhora do Pilar.³³² Na sacristia da igreja existia um altar dedicado a Nossa Senhora da Soledade.³³³ Nesta paróquia existe uma capela dedicada a São Roque onde existe uma invocação mariana de Nossa Senhora das Mercês.³³⁴

Atualmente, a igreja paroquial de Santa Marinha da Costa tem um altar dedicado a Nossa Senhora do Carmo e diversas imagens de invocações marianas, tais como: Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora de Fátima.

A paróquia de São Miguel de Creixomil, no início do século XX, apresentava na igreja paroquial 2 altares laterais dedicados, um a Nossa Senhora do Leite³³⁵ e outro a Nossa Senhora do Rosário.³³⁶ Também nesta paróquia existem duas capelas, uma dedicada a São Lazaro com a imagem de Nossa Senhora da Ajuda³³⁷ e outra dedicada a Nossa Senhora da Luz.³³⁸ Esta capela dedicada a Nossa Senhora da Luz «foi edificada nos começos do século XVII»,³³⁹ sofrendo depois diversas vicissitudes ao longo dos sucessivos anos e séculos, estando praticamente profanada. No entanto, «os vizinhos fizeram os precisos reparos, sendo a capella restituída ao culto.»³⁴⁰ Restabelecido o culto a Nossa Senhora da Luz «realiza-se a festa da titular no seu dia próprio, 2 de fevereiro, festa da purificação de Nossa Senhora»³⁴¹ onde acorrem diversos devotos de todas as cercanias pedindo e agradecendo à Virgem Maria.

Atualmente, na igreja paroquial de São Miguel de Creixomil existem 2 altares laterais dedicados um a Nossa Senhora do Leite e outro a Nossa Senhora do Rosário. Existem também duas capelas, uma dedicada a São Lazaro com a presença da invocação mariana de Nossa Senhora da Ajuda e outra capela dedicada a Nossa Senhora da Luz, onde figura no altar a imagem de Nossa Senhora da Conceição e a titular da capela, Nossa Senhora da Luz.

A paróquia do Divino Salvador de Donim, no século XX, apresentava na igreja paroquial 3 altares dedicados, um ao Imaculado Coração de Maria,³⁴² um a Nossa Senhora das

³³⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³³¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

³³² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

³³³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³³⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³³⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

³³⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³³⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 108

³³⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 86

³³⁹ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 86

³⁴⁰ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 87

³⁴¹ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 87

³⁴² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

Dores³⁴³ e por fim outro a Nossa Senhora do Rosário.³⁴⁴ Igualmente existiam imagens de invocação mariana, uma a Nossa Senhora da Conceição³⁴⁵ e outra a Nossa Senhora do Pilar.³⁴⁶ Atualmente, a paróquia do Divino Salvador de Donim, na sua igreja paroquial, apresenta as imagens de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora de Fátima e do Coração de Maria. Altares dedicados a Nossa Senhora são dois, um a Nossa Senhora das Dores e outro a Nossa Senhora do Rosário.

A paróquia de Santa Eulália de Fermentões apresentava na igreja paroquial, em 1904, 2 altares dedicados a Nossa Senhora, um a Nossa Senhora do Rosário³⁴⁷ e outro dedicado ao Imaculado Coração de Maria.³⁴⁸ Também existia na sacristia da igreja um altar dedicado a Nossa Senhora das Dores.³⁴⁹ Nesta paróquia existiam duas capelas: a capela de Caneiros, onde existia a presença mariana sob a invocação de Nossa Senhora do Menino Jesus perdido em Jerusalém;³⁵⁰ e a capela de Selho, com a invocação mariana da Nossa Senhora do Rosário.³⁵¹ Atualmente, a igreja paroquial de Santa Eulália de Fermentões apresenta 3 altares dedicados a Nossa Senhora: um a Nossa Senhora do Rosário, um a Nossa Senhora das Dores e outro ao Coração de Maria. Também tem as invocações de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora do Sameiro.

Em São Paio de Figueiredo, no século XX, existia na igreja paroquial um altar dedicado a Nossa Senhora da Purificação.³⁵² Existiam também as imagens de Nossa Senhora da Conceição,³⁵³ de Nossa Senhora das Dores³⁵⁴ e de Nossa Senhora do Pilar.³⁵⁵ Atualmente, a paróquia de São Paio de Figueiredo, na sua igreja paroquial, apresenta 2 altares dedicados a Nossa Senhora sob as invocações de Nossa Senhora da Conceição e outro a Nossa Senhora das Dores. Tem presente a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Na paróquia do Divino Salvador de Gandarela, no principiar do século XX, é referido que a igreja paroquial tinha um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.³⁵⁶

³⁴³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

³⁴⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁴⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

³⁴⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

³⁴⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁴⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

³⁴⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

³⁵⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³⁵¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

³⁵² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁵³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

³⁵⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³⁵⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

³⁵⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

Atualmente, a igreja paroquial do Divino Salvador de Gandarela tem presente as invocações de Nossa Senhora de Fátima, de Nossa Senhora de Lourdes, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora das Dores.

A paróquia de Santa Maria de Gémeos tem como seu orago Nossa Senhora da Expectação. Esta paroquia já secular é «mencionada nas Inquirições regias de 1220, tendo por titular Nossa Senhora da Expectação.»³⁵⁷ A igreja foi construída no século XIX, «edificada desde 1803 a 1806.»³⁵⁸ A igreja tinha dois altares laterais dedicados a invocações marianas, «um dedicado a Nossa Senhora do Rosário, [...] e o outro dedicado a Nossa Senhora das Dôres.»³⁵⁹

Atualmente, a paróquia de Santa Maria de Gémeos, na sua igreja paroquial, faz memória de Santa Maria sob a invocação de Nossa Senhora da Expetação, presente no altar-mor, como sua padroeira. Existem ainda dois altares laterais dedicados, um a Nossa Senhora do Rosário e outro a Nossa Senhora das Dores. Por fim, existe também uma imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Em São Pedro de Gominhães, em inícios do século XX, refere-se que a igreja paroquial tinha um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.³⁶⁰ Também nesta paróquia existia uma Capela dedicada a Nossa Senhora sob a invocação de Nossa Senhora do Bom Despacho.³⁶¹

Atualmente, a paróquia de São Pedro de Gominhães, na sua igreja paroquial, tem um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário e a invocação mariana de Nossa Senhora de Fátima. Nesta paróquia existe a capela de Nossa Senhora do Bom Despacho onde a invocação é a sua titular.

A paróquia de São Miguel de Gonça, no principiar do século XX, contava na igreja paroquial com um altar lateral dedicado a Nossa Senhora do Rosário³⁶² e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.³⁶³

Atualmente, a paróquia de São Miguel de Gonça tem na sua igreja paroquial um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário e duas imagens invocando Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora da Conceição.

Em São João Batista de Gondar, nos inícios do século XX, na igreja paroquial, existia a imagem do Imaculado Coração de Maria.³⁶⁴

³⁵⁷ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 59

³⁵⁸ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 59

³⁵⁹ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 59

³⁶⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁶¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 74

³⁶² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁶³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

³⁶⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

Atualmente, na igreja paroquial de São João Batista de Gondar existe um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário e uma imagem invocando Nossa Senhora da Fátima. Na igreja matriz existem 2 altares dedicados, um a Nossa Senhora da Conceição e o outro a Nossa Senhora das Vitórias. Nesta igreja ainda existem as invocações marianas de Nossa Senhora de Boa Morte e de Nossa Senhora com o Menino ao colo.

A paróquia de São Martinho de Gondomar, no século XX, apresentava na igreja paroquial 2 altares dedicados a Nossa Senhora, um a Nossa Senhora do Rosário³⁶⁵ e outro ao Imaculado Coração de Maria.³⁶⁶ Existia nesta paróquia a capela de Nossa Senhora d'Ajuda, que no altar-mor está presente a titular da capela e um altar lateral é dedicado a Nossa Senhora do Auxílio.³⁶⁷

Atualmente, a paróquia de São Martinho de Gondomar na sua igreja paroquial apresenta dois altares laterais dedicados a Nossa Senhora sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário e do Coração de Maria. Ainda existe uma imagem de Nossa Senhora da Fátima. Nesta Paróquia existe uma capela dedicada a Nossa Senhora da Ajuda.

A paróquia de Santa Maria de Guardizela tem como seu orago Nossa Senhora do Ó ou da Expectação. Esta paróquia é referida «nas Inquirições gerais de 1220»³⁶⁸ já tendo Nossa Senhora como padroeira. A igreja paroquial tinha, no início do século XX, no altar-mor a imagem de Nossa Senhora do Ó. Um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário³⁶⁹ e existem imagens marianas com as invocações «de Nossa Senhora da Lapa e Nossa Senhora das Dôres.»³⁷⁰

Atualmente, a igreja paroquial de Santa Maria de Guardizela faz memória de Nossa Senhora sob a invocação de Nossa Senhora do Ó, que está representada no altar-mor. Existe ainda um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário e imagens de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora de Fátima.

A paróquia de Infantas tem como orago Nossa Senhora sob o título da Assunção de Nossa Senhora. Esta paróquia tem memórias do século XII, «cuja primitiva igreja foi sagrada pelo arcebispo de Braga D. João Peculiar em 21 de janeiro de 1162.»³⁷¹ Na igreja paroquial, no início do século XX, no altar-mor marcava presença «a imagem da titular, Senhora do Rosário.»³⁷² Também na igreja existia a invocação mariana ao «Sagrado Coração de Maria, em honra da

³⁶⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁶⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

³⁶⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 65

³⁶⁸ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 60

³⁶⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 60

³⁷⁰ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 60

³⁷¹ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 60

³⁷² J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 61

qual se faz uma festa solemne annualmente.»³⁷³ De caracter pitoresco, esta paróquia contém um cruzeiro «que no anno de 1620 foi erigido em honra de Nossa Senhora do Rosário.»³⁷⁴ Atualmente, a paróquia de Santa Maria de Infantas faz memória de Nossa Senhora sob a invocação da Assunção de Nossa Senhora, presente no altar-mor. Na igreja ainda estão presentes as invocações marianas de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora de Fátima e do Coração de Maria.

Nossa Senhora da Expectação é a invocação mariana e orago de Santa Maria de Infias. Esta paróquia é «mencionada nas Inquirições de 1220.»³⁷⁵ Na igreja paróquial faziam-se memoria no «altar-mór, onde se acha colocada a imagem de titular, tem mais dois altares, um dedicado a Nossa Senhora do Rosário e outro ao Senhor das Chagas, venerando-se n'este último também a imagem de Nossa Senhora da Luz.»³⁷⁶

Atualmente, a paróquia de Santa Maria de Infias tem como padroeira Nossa Senhora sob a invocação de Nossa Senhora de Expetação. Ainda marcam presenças as invocações marianas de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora da Luz, com altares dedicados e ainda as imagens de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora de Fátima.

Na paróquia de São Martinho de Leitões, no início do século XX, existia na igreja paróquial um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.³⁷⁷ Também existiam duas imagens marianas, uma de Nossa Senhora do Rosário³⁷⁸ e outra do Imaculado Coração de Maria.³⁷⁹ Atualmente, a igreja paróquial de São Martinho de Leitões tem um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário. Também existem as imagens de Nossa Senhora de Fátima e do Coração de Maria.

São Cosme e São Damião são os padroeiros da paróquia de Lobeira. A igreja paróquial, em 1904, tinha um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.³⁸⁰ Atualmente, a igreja paróquial de São Cosme e São Damião de Lobeira tem um altar dedicado a Nossa Senhora de Fátima e a presença da imagem de Nossa Senhora do Rosário.

Na paróquia de Santa Cristina de Longos, na igreja paróquial, em 1904, existia um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário³⁸¹ e outro dedicado ao Imaculado Coração de Maria³⁸²

³⁷³ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 61

³⁷⁴ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 61

³⁷⁵ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 61

³⁷⁶ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 61

³⁷⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁷⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

³⁷⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³⁸⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁸¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁸² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

Também existia a invocação mariana de Nossa Senhora da Conceição.³⁸³ Nesta paróquia existiam duas capelas, uma dedicada à Imaculada Conceição, que foi edificada em 1660 e que no seu interior tem outras invocações marianas, tal como a de Nossa Senhora do Rosário.³⁸⁴ A outra capela é dedicada a Santo António, mesmo assim existia a presença mariana sob a invocação de Nossa Senhora do Livramento.³⁸⁵

Atualmente, a igreja paroquial de Santa Cristina de Longos conta com dois altares laterais dedicados um a Nossa Senhora do Rosário e outro Coração de Maria. Ainda marcam presenças as imagens marianas de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora de Fátima. Nesta paróquia existe uma capela dedicada à Imaculada Conceição, onde está presente a invocação de Nossa Senhora do Rosário.

A paróquia de São Tiago de Lordelo, nos inícios do século XX, na sua igreja paroquial, apresentava um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário³⁸⁶ e diversas imagens de invocações marianas, tais como, Nossa Senhora de Lourdes,³⁸⁷ Nossa Senhora do Carmo,³⁸⁸ Imaculado Coração de Maria³⁸⁹ e de Nossa Senhora da Piedade.³⁹⁰

Atualmente, a paróquia de São Tiago de Lordelo, na sua igreja paroquial, tem um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário e diversas imagens como: Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora de Fátima.

Na paróquia de São Vicente de Mascotelos, a igreja paroquial apresentava um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário³⁹¹ e uma imagem de Nossa Senhora do Pilar³⁹² nos inícios do século XX.

Atualmente, a igreja paroquial de São Vicente de Mascotelos tem um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário e as imagens de Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora de Fátima.

Santa Maria de Matamá tem como padroeira Nossa Senhora da Expectação. Esta paróquia é «mencionada em documento do anno de 1050.»³⁹³ Esta igreja, nos inícios do século XX, «tem três altares, o mor em que está colocada a imagem da titular, Nossa Senhora da Expectação, e os lateraes dedicados á Senhora do Rosário, cuja imagem foi feita em 1785.»³⁹⁴

³⁸³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

³⁸⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 22

³⁸⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³⁸⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁸⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 35

³⁸⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³⁸⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³⁹⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

³⁹¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁹² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

³⁹³ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 62

³⁹⁴ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 62

Atualmente, a paróquia de Santa Maria de Matamá tem como padroeira Nossa Senhora de Expetação, que se encontra no altar-mor. Tem ainda dois altares laterais dedicados, um a Nossa Senhora do Rosário e outro a Nossa Senhora da Luz. Ainda conta com a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

A paróquia de São Romão de Mesão Frio, em 1904, apresenta à devoção dos fiéis um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário³⁹⁵ e duas imagens de invocações marianas, uma de Nossa Senhora das Dores³⁹⁶ e outra de Nossa Senhora da Soledade.³⁹⁷ Nesta paróquia existia também uma capela de Pacô onde estava presente uma imagem mariana, sobe a invocação de Nossa Senhora das Dores.³⁹⁸

Atualmente, a igreja paroquial de São Romão de Mesão Frio conta com as invocações marianas de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora de Fátima.

Em São Paio de Moreira de Cónegos, a igreja paroquial, nos inícios do século XX, tinha um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.³⁹⁹ Também nesta paróquia existia uma capela dedicada a Nossa Senhora da Ajuda, que já em 1709 é mencionada como sendo antiga⁴⁰⁰ e tem como titular a imagem de Nossa Senhora da Ajuda.

Atualmente, a igreja paroquial de São Paio de Moreira de Cónegos contem as invocações marianas de Nossa Senhora do Rosário, com altar dedicado, de Nossa Senhora de Lourdes e de Nossa Senhora da Fátima. Nesta paróquia existe uma capela dedicada a Nossa Senhora da Ajuda.

A paróquia de Santa Eulália de Nespereira, no século XX, apresentava na sua igreja paroquial um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário.⁴⁰¹ Nesta paróquia existia ainda uma capela dedicada a Nossa Senhora da Assunção⁴⁰² e uma outra capela da Magdalena com a invocação de Nossa Senhora das Dores.⁴⁰³

Atualmente, a paróquia de Santa Eulália de Nespereira, na sua igreja paroquial, apresenta as invocações marianas de Nossa Senhora do Rosário, com altar dedicado e a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Ainda existem duas capelas, uma dedicada a Nossa Senhora da Assunção e outra dedicada a Nossa Senhora das Dores.

³⁹⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

³⁹⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³⁹⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

³⁹⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

³⁹⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁰⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 66

⁴⁰¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁰² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 71

⁴⁰³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

São Vicente é o orago da paróquia de Oleiros. Nesta paróquia, nos inícios do século XX, existiam 3 altares dedicados a Nossa Senhora. Um dedicado a Nossa Senhora das Dores,⁴⁰⁴ outro dedicado ao Imaculado Coração de Maria⁴⁰⁵ e ainda um terceiro dedicado a Nossa Senhora do Rosário.⁴⁰⁶

Atualmente, na igreja paroquial de São Vicente de Oleiros existem 5 altares dedicados à Virgem Maria, Mãe de Deus: um dedicado a Nossa Senhora das Dores, outro dedicado ao Imaculado Coração de Maria, um terceiro dedicado a Nossa Senhora do Rosário, o quarto dedicado a Nossa Senhora de Lourdes e por último um dedicado a Nossa Senhora de Fátima. Ainda existe na igreja paroquial uma imagem mariana sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Nesta paróquia existe uma capela dedicada a São Bento onde é marcada a presença mariana com as invocações de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora de Fátima. Por fim, também existe na paróquia um oratório dedicado a Nossa Senhora de Fátima.

A paróquia de São João Baptista de Penselo, no século XX, apresentava na sua igreja paroquial um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário⁴⁰⁷ e uma imagem mariana sob a invocação de Nossa Senhora das Dores.⁴⁰⁸

Atualmente, a igreja paroquial de São João Baptista de Penselo contém as invocações marianas de Nossa Senhora do Rosário, com altar dedicado, de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora de Fátima.

Na paróquia do Divino Salvador de Pinheiro, a igreja paroquial, apresentava ao principiar o século XX, a devoção a Nossa Senhora das Dores⁴⁰⁹ e a Nossa Senhora do Rosário,⁴¹⁰ ambas com altar dedicado.

Atualmente, a paróquia de Divino Salvador de Pinheiro, na sua igreja paroquial, tem três altares dedicados a invocações marianas: de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora de Fátima.

São Pedro de Polvoreira na sua igreja paroquial tinha, no século XX, a devoção a Nossa Senhora do Rosário⁴¹¹ com altar dedicado. Também existia nesta paróquia uma capela com a invocação mariana de Nossa Senhora da Conceição⁴¹² e uma outra capela dedicada a Nossa Senhora da Anunciação que foi mandada edificar nos finais do século XVII.⁴¹³

⁴⁰⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴⁰⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴⁰⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁰⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁰⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴⁰⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴¹⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴¹¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴¹² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

⁴¹³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 69

Atualmente, a paróquia de São Pedro de Polvoreira, na sua igreja paroquial, tem um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário e 3 imagens de invocações marianas: de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora de Fátima. Na paróquia existe uma capela particular dedicada a Nossa Senhora do Ar. Por fim, existem 4 oratórios invocando Nossa Senhora de Fátima.

Na paróquia de São João Baptista de Ponte, no início do século XX, a igreja paroquial tinha um altar dedicado ao Imaculado Coração de Maria,⁴¹⁴ um outro dedicado a Nossa Senhora do Rosário⁴¹⁵ e ainda um outro dedicado a Nossa Senhora das Dores.⁴¹⁶ Também tinha a invocação mariana de Nossa Senhora da Purificação.⁴¹⁷ Nesta paróquia existia a Capela de Campelos onde permanecia a invocação de Nossa Senhora dos Aflitos.⁴¹⁸

Atualmente, a paróquia de São João Baptista de Ponte, na sua igreja paroquial, tem as invocações marianas de Nossa Senhora das Dores, com altar dedicado, de Nossa Senhora do Rosário, do Coração de Maria e de Nossa Senhora de Fátima.

Em Santa Eufémia de Prazins a igreja paroquial apresentava, nos inícios do século XX, 2 altares dedicados, um a Nossa Senhora das Dores⁴¹⁹ e um outro dedicado a Nossa Senhora do Rosário.⁴²⁰ A igreja tinha a invocação mariana do Imaculado Coração de Maria.⁴²¹

Atualmente, a igreja paroquial de Santa Eufémia de Prazins tem as invocações marianas de Nossa Senhora das Dores, com altar dedicado, de Nossa Senhora do Rosário, com altar dedicado, de Nossa Senhora de Fátima e do Coração de Maria.

Na paróquia de Santo Tirso de Prazins a igreja paroquial apresentava em 1904, 2 altares dedicados, um a Nossa Senhora das Dores⁴²² e um outro dedicado a Nossa Senhora do Rosário.⁴²³ Também existia a devoção mariana ao Imaculado Coração de Maria.⁴²⁴

Atualmente, a igreja paroquial de Santo Tirso de Prazins tem as invocações marianas de Nossa Senhora das Dores, com altar dedicado, de Nossa Senhora do Rosário, com altar dedicado, do Coração de Maria, com altar dedicado e de Nossa Senhora de Fátima.

⁴¹⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴¹⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴¹⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴¹⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

⁴¹⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 108

⁴¹⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴²⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴²¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴²² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴²³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴²⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

A paróquia de São Romão de Rendufe apresentava na sua igreja paroquial um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário⁴²⁵ e uma imagem de Nossa Senhora das Dores⁴²⁶ nos princípios do século XX.

Atualmente, em São Romão de Rendufe, na igreja paroquial, existe um altar dedicado a Nossa Senhora de Fátima. Também existem 2 oratórios: um invocando Nossa Senhora da Conceição e outro invocando Nossa Senhora de Fátima.

São Tiago é padroeiro da paróquia de Ronfe. A sua igreja paroquial apresentava um altar lateral dedicado a Nossa Senhora do Rosário⁴²⁷ e duas imagens marianas, uma de Nossa Senhora das Dores⁴²⁸ e outra do Imaculado Coração de Maria.⁴²⁹ Nesta paróquia existia a Capela de Nossa Senhora da Assunção.⁴³⁰

Atualmente, a igreja de São Tiago de Ronfe tem as invocações marianas de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora do Rosário com altar dedicado, de Nossa Senhora das Dores com altar dedicado e de Nossa Senhora de Fátima. Na paróquia existe um oratório dedicado a Nossa Senhora de Fátima.

Na paróquia de São Clemente de Sande, nos inícios do século XX, a igreja paroquial apresentava altares dedicados ao Imaculado Coração do Maria,⁴³¹ a Nossa Senhora das Dores⁴³² e por último a Nossa Senhora da Purificação.⁴³³ Também existia a imagem de Nossa Senhora de Lourdes.⁴³⁴ Nesta paróquia existia uma capela dedicada a Nossa Senhora da Saúde, a qual não é possível saber a data da sua fundação.⁴³⁵

Atualmente, a paróquia de São Clemente de Sande, na sua igreja paroquial, tem as invocações marianas do Coração de Maria com altar dedicado, de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora de Lourdes e de Nossa Senhora de Fátima. Nesta paróquia ainda existe uma capela dedicada a Nossa Senhora da Saúde onde estão presentes as invocações marianas de Nossa Senhora da Saúde, titular da capela, e de Nossa Senhora de Fátima.

Na igreja paroquial de São Lourenço de Sande relata que, nos inícios do século XX, existia um altar dedicado ao Imaculado Coração de Maria⁴³⁶ e concorriam diversas invocações

⁴²⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴²⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴²⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴²⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴²⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴³⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 70

⁴³¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴³² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴³³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴³⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 35

⁴³⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 101

⁴³⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

marianas como de Nossa Senhora da Conceição,⁴³⁷ de Nossa Senhora da Aparição⁴³⁸ e de Nossa Senhora do Rosário.⁴³⁹ Nesta paróquia existiam: um oratório com a invocação de Nossa Senhora da Lapa⁴⁴⁰ e uma capela dedicada ao Espírito Santo onde existia a invocação de Nossa Senhora do Amparo⁴⁴¹ e a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres.⁴⁴²

Atualmente, a igreja paroquial de São Lourenço de Sande tem as invocações marianas de Nossa Senhora da Conceição com altar dedicado, de Nossa Senhora do Rosário com altar dedicado, do Coração de Maria e de Nossa Senhora de Fátima. Ainda existe nesta paróquia um oratório dedicado a Nossa Senhora da Lapa.

Da paróquia de Santa Eulália em Vizela não encontramos dados concretos e credíveis da existência da devoção mariana nos inícios do século XX. No entanto, atualmente, a igreja paroquial de Santa Eulália em Vizela conta com um altar dedicado a Nossa Senhora, sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima.

A igreja dedicada a São Dâmaso em Guimarães, nos inícios do século XX, apresentava as devoções a Nossa Senhora da Penha de França⁴⁴³ no altar-mor e Nossa Senhora da Conceição,⁴⁴⁴ que estava na sacristia.

Atualmente, a Igreja de São Dâmaso em Guimarães apresenta as devoções marianas de Nossa Senhora de Fátima com altar dedicado e do Coração de Maria.

Na igreja paroquial de São Faustino existia a devoção mariana a Nossa Senhora das Dores⁴⁴⁵ e de Nossa Senhora da Purificação.⁴⁴⁶ As duas invocações com altares dedicados nos inícios do século XX.

Atualmente, na igreja paroquial de São Faustino existem dois altares dedicados a Nossa Senhora sob as invocações marianas de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora da Purificação. Também existe uma imagem de Nossa Senhora de Fátima.

São Martinho de Sande, em 1904, na sua igreja paroquial apresentava 3 altares dedicados a invocações marianas: Imaculado Coração de Maria,⁴⁴⁷ Nossa Senhora das Dores⁴⁴⁸ e Nossa Senhora do Rosário.⁴⁴⁹

⁴³⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

⁴³⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 108

⁴³⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

⁴⁴⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 82

⁴⁴¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 108

⁴⁴² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

⁴⁴³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 103

⁴⁴⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 103

⁴⁴⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴⁴⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁴⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴⁴⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴⁴⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

Atualmente, a paróquia de São Martinho de Sande na sua igreja paroquial conta com as invocações marianas de Nossa Senhora das Dores com altar dedicado, de Nossa Senhora do Rosário com altar dedicado, do Coração de Maria e de Nossa senhora de Fátima.

A igreja de São Paio em Guimarães apresentava, nos inícios do século XX, a devoção a Nossa Senhora da Piedade.⁴⁵⁰

Atualmente, na igreja de São Paio, em Guimarães, veneram-se as invocações marianas de Nossa Senhora da Piedade e de Nossa Senhora de Fátima.

Da igreja de São Sebastião em Guimarães não encontramos dados concretos e creíveis da existência da devoção mariana nos inícios do século XX. No entanto, atualmente, a igreja de São Sebastião em Guimarães conta com a devoção Nossa Senhora, sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima.

A paróquia de São Torcato tinha na sua igreja paroquial, no século XX, 2 altares dedicados a invocações marianas, um dedicado a Nossa Senhora do Rosário⁴⁵¹ e outro dedicado ao Imaculado Coração de Maria⁴⁵² e imagem de Nossa Senhora das Dores.⁴⁵³ Na paróquia existia uma capela dedicada a Nossa Senhora da Madre Deus, cuja construção remonta ao século XVI.⁴⁵⁴

Atualmente, a igreja paroquial de São Torcato conta com 4 imagens marianas, espelhando a devoção a Nossa Senhora das Dores, a devoção a Nossa Senhora das Graças, a devoção a Nossa Senhora de Lourdes e por fim a devoção a Nossa Senhora da Fátima. Nesta paróquia também existe a Basílica de São Torcato, onde encontramos um altar dedicado a Nossa Senhora de Fátima e uma imagem mariana de Nossa Senhora da Conceição. Por fim, existem na paróquia 2 oratórios dedicados a invocações marianas: um invocando o Imaculado Coração de Maria e o outro invocando Nossa Senhora de Fátima.

São Cristóvão de Selho, em 1904, na sua igreja paroquial, apresentava um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário⁴⁵⁵ e outro dedicado a Nossa Senhora das Necessidades.⁴⁵⁶ Também existiam diversas imagens de invocações marianas: como a de Nossa Senhora da Oliveira⁴⁵⁷ e ao Imaculado Coração de Maria.⁴⁵⁸ Em São Cristóvão de Selho existia uma capela nominada Capela do Ribeiro, onde se invocava Nossa Senhora do Rosário.⁴⁵⁹

⁴⁵⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 105

⁴⁵¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁵² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴⁵³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴⁵⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 88

⁴⁵⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁵⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁵⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

⁴⁵⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴⁵⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

Atualmente, a paróquia de São Cristóvão de Selho tem na sua igreja paroquial 3 altares dedicados a Nossa Senhora, sob as invocações de Nossa Senhora das Dores, Imaculado Coração de Maria e Nossa Senhora da Fátima.

A paróquia de São Jorge de Selho e Paraíso, ao principiar o século XX, apresentava, na sua igreja paroquial, um altar dedicado a Nossa Senhora do Rosário⁴⁶⁰ e 3 imagens: uma de Nossa Senhora da Conceição,⁴⁶¹ outro do Imaculado Coração de Maria⁴⁶² e outro de Nossa Senhora do Leite.⁴⁶³

Atualmente, a igreja paroquial de São Jorge de Selho e Paraíso tem dois altares dedicados a devoções marianas, um a Nossa Senhora da Conceição e outro ao Coração de Maria. Apresenta ainda as invocações de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Leite e de Nossa Senhora de Fátima. Nesta paróquia existe uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Para terminar, existe um oratório dedicado a Nossa Senhora de Fátima.

Na paróquia de São Lourenço de Selho, a igreja paroquial tinha 2 altares dedicados, um a Nossa Senhora da Purificação⁴⁶⁴ e outro a Nossa Senhora da Rosário,⁴⁶⁵ isto à data de 1904. Atualmente, na igreja paroquial de São Lourenço de Selho, existem 3 invocações marianas: de Nossa Senhora da Luz, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora de Fátima.

Santa Maria de Silves tem como sua padroeira a invocação mariana de Nossa Senhora da Expectação. Esta paróquia «é já conhecida em documento do anno de 959.»⁴⁶⁶ A igreja paroquial tem no altar-mor a invocação da padroeira, Nossa Senhora da Expectação⁴⁶⁷ e um altar lateral dedicado a Nossa Senhora do Rosário.⁴⁶⁸ Nesta paróquia existia a Capela de Sendello, na qual se invocava Nossa Senhora do Rosário.⁴⁶⁹

Atualmente, Santa Maria de Silves tem como orago Nossa Senhora da Expectação. Na sua igreja paroquial existem 3 altares dedicados à Virgem Maria, invocando Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição e o Imaculado Coração de Maria. Nesta paróquia existe um oratório dedicado a Nossa Senhora da Conceição.

A paróquia do Divino Salvador de Souto, nos inícios do século XX, apresentava, na sua igreja paroquial, 2 altares dedicados a Nossa Senhora: um a Nossa Senhora da Purificação⁴⁷⁰ e

⁴⁶⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁶¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

⁴⁶² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴⁶³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴⁶⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁶⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁶⁶ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 62

⁴⁶⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 62

⁴⁶⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 62

⁴⁶⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

⁴⁷⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

outro a Nossa Senhora do Rosário.⁴⁷¹ Também tinha a imagem do Imaculado Coração de Maria.⁴⁷²

Atualmente, na igreja paroquial do Divino Salvador de Souto existem as invocações marianas de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa senhora de Lourdes, de Nossa Senhora de Fátima e do Coração de Maria. Existe um oratório dedicado a Nossa Senhora de Fátima.

Santa Maria de Souto tem como orago Nossa Senhora, sob a invocação Nossa Senhora da Expectação. Esta paróquia «já existia em 1131»⁴⁷³ mas curioso de salientar que em 1220 não é mencionada nas Inquirições régias. No século XX, a igreja paroquial, apresentava «no altar-mór, que tem um formoso frontal de linda talha, [...], Nossa Senhora da Expectação; os dois laterais são dedicados à Senhora do Rosário e ao Coração de Maria.»⁴⁷⁴ Nesta paróquia existia uma capela dedicada a Nossa Senhora dos Anjos, que já é mencionada em 1709.⁴⁷⁵

Atualmente, Santa Maria de Souto faz memória de Nossa Senhora sob a invocação de Nossa Senhora da Expetação, que se encontra no altar-mor. Ainda existem 2 altares dedicados a invocações marianas, um a Nossa Senhora do Rosário e outro dedicado ao Coração de Maria. E também as invocações de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora da Luz e de Nossa Senhora da Fátima. Nesta paróquia ainda existe uma capela dedicada a Nossa Senhora dos Anjos.

Na paróquia de São Cipriano de Tabuadelo, ao principiar o século XX, encontramos na igreja paroquial um altar dedicado a Nossa Senhora da Purificação⁴⁷⁶ e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.⁴⁷⁷ Nesta paróquia existia a capela de Santo António onde havia a invocação a Nossa Senhora de Lourdes⁴⁷⁸ e a capela da Lama que tinha a invocação de Nossa Senhora do Rosário.⁴⁷⁹

Atualmente, em São Cipriano de Tabuadelo, a igreja paroquial, conta com um altar dedicado a Nossa Senhora do Carmo e com 3 invocações marianas: de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora de Fátima. A paróquia tem uma capela dedicada a São José que tem duas imagens marianas sobre a invocação de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora da Conceição. Existe também uma capela particular que tem um altar dedicado a Nossa

⁴⁷¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁷² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴⁷³ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 63

⁴⁷⁴ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 63

⁴⁷⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 68

⁴⁷⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁷⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

⁴⁷⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 35

⁴⁷⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

Senhora da Lapa. Ainda nesta paróquia existe um nicho com a invocação de Nossa Senhora dos Bons Caminhos.

A paróquia do Divino Salvador de Tagilde apresentava na sua igreja paroquial, em 1904, um altar dedicado a Nossa Senhora da Rosário⁴⁸⁰ e duas imagens marianas: uma de Nossa Senhora das Dores⁴⁸¹ e outra de Nossa Senhora da Livração.⁴⁸² Nesta paróquia existia a Capela de São Bento onde era presente a invocação mariana de Nossa Senhora do Socorro.⁴⁸³ Existe uma outra capela dedicada a Nossa Senhora do Pilar, cujo primeiro anúncio de existência desta capela data de 1708.⁴⁸⁴

Atualmente, a paróquia do Divino Salvador de Tagilde, na sua igreja paroquial, tem as invocações marianas de Nossa Senhora do Rosário com altar dedicado e de Nossa Senhora de Fátima com altar dedicado. Ainda tem a invocação de Nossa Senhora das Dores. Nesta paróquia existem duas capelas, uma dedicada a Nossa Senhora do Pilar e outra dedicada a São Bento, onde marca presença a invocação de Nossa Senhora do Socorro.

Santo Estevão de Urgeses, nos primórdios do século XX, apresentava na sua igreja paroquial 3 altares dedicados a Nossa Senhora: um dedicado ao Imaculado Coração de Maria,⁴⁸⁵ outro dedicado a Nossa Senhora das Dores⁴⁸⁶ e um terceiro dedicado a Nossa Senhora do Rosário.⁴⁸⁷ Nesta paróquia ainda existia um oratório do Senhor das Pedrinhas, onde havia a invocação a Nossa Senhora da Soledade.⁴⁸⁸ Por fim, também conta com uma capela dedicada a Nossa Senhora dos Remédios, que terá sido edificada em meados do século XVI.⁴⁸⁹

Atualmente, a paróquia de Santo Estevão de Urgeses, na sua igreja paroquial, apresenta as invocações marianas de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora do Rosário. Na igreja matriz existem as invocações marianas, com altares dedicados, de Nossa Senhora das Dores e do Coração de Maria.

Na paróquia de São Mamede de Vermil, a sua igreja paroquial, nos inícios do século XX, apresentava 2 altares dedicados a Nossa Senhora: um a Nossa Senhora da Conceição,⁴⁹⁰

⁴⁸⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁸¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴⁸² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴⁸³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

⁴⁸⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 97

⁴⁸⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴⁸⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 106

⁴⁸⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁸⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 110

⁴⁸⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 98

⁴⁹⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 32

outro dedicado a Nossa Senhora do Rosário.⁴⁹¹ Também existe na igreja a invocação ao Imaculado Coração de Maria.⁴⁹²

Atualmente, na igreja paroquial de São Mamede de Vermil existem as invocações marianas de Nossa Senhora da Conceição com altar dedicado, de Nossa Senhora do Rosário com altar dedicado e as imagens de Nossa Senhora de Fátima e do Coração de Maria.

Santa Maria de Vila Nova de Sande tem como sua padroeira Nossa Senhora da Assunção. Nesta paróquia no «século X se dava o nome de Villa Nova.»⁴⁹³ A igreja paroquial apresenta-se «com quatro altares; o mór, onde se venera a titular, Nossa Senhora d'Assumpção, e os três latreaes dedicados á Senhora da Purificação, Senhora das Dôres, e Coração de Maria. Venera-se também n'esta egreja Nossa Senhora do Carmo.»⁴⁹⁴

Atualmente, a paróquia de Santa Maria de Vila Nova de Sande tem como sua padroeira Nossa Senhora sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção, que figura no altar-mor. Ainda existem três altares dedicados a Nossa Senhora sob as invocações de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora da Purificação e do Coração de Maria. Existem ainda as invocações de Nossa Senhora do Carmo e de Nossa Senhora de Fátima.

Na paróquia de São João das Caldas de Vizela existia, nos inícios do século XX, a capela-oratório de Nossa Senhora de Lourdes.⁴⁹⁵

Atualmente, a igreja paroquial de São João das Caldas de Vizela apresenta as invocações marianas de Nossa Senhora do Rosário com altar dedicado e de Nossa Senhora de Fátima. Existe uma capela-oratório dedicada a Nossa Senhora de Lourdes.

Em São Paio de Vizela a igreja paroquial, em 1904, apresentava as devoções a Nossa Senhora do Rosário com altar dedicado⁴⁹⁶ e a presença de duas invocações marianas: uma de Nossa Senhora da Conceição⁴⁹⁷ e outra de Nossa Senhora da Lapa.⁴⁹⁸

Atualmente, a paróquia de São Paio de Vizela, na sua igreja paroquial, encontra as invocações marianas de Nossa Senhora do Rosário com altar dedicado e de Nossa Senhora de Fátima com altar dedicado. Ainda estão presentes as invocações de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora da Lapa.

Da paróquia de Santo Adrião em Vizela não encontramos dados concretos e credíveis da existência da devoção mariana nos inícios do século XX. No entanto, atualmente, a igreja

⁴⁹¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁹² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

⁴⁹³ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 63

⁴⁹⁴ J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 64

⁴⁹⁵ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 26

⁴⁹⁶ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 107

⁴⁹⁷ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 34

⁴⁹⁸ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 109

paroquial de Santo Adrião em Vizela conta com um altar dedicado a Nossa Senhora, sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima e as invocações de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora do Rosário.

A igreja de São Francisco em Guimarães, nos primórdios do século XX, apresentava 3 altares dedicados a Nossa Senhora: um a Nossa Senhora da Conceição,⁴⁹⁹ outro dedicado a Nossa Senhora do Ó⁵⁰⁰ e um último dedicado a Nossa Senhora do Socorro.⁵⁰¹ Existia ainda a Capela de Nossa Senhora da Conceição que terá sido edificada em 1750 e que tinha as invocações de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora da Boa-morte e do Imaculado Coração de Maria.⁵⁰²

Atualmente, a igreja de São Francisco apresenta três altares dedicados a Nossa Senhora sob as invocações marianas de Nossa Senhora da Conceição, de Nossa Senhora do Ó e de Nossa Senhora do Socorro. Existe também a invocação a Nossa Senhora de Fátima. Ainda existe uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, onde permanecem as invocações marianas de Nossa Senhora da Conceição, titular, de Nossa Senhora das Dores, do Coração de Maria e de Nossa Senhora da Boa-Morte.

Na igreja de São Domingos em Guimarães existiam 3 alteres dedicados: um a Nossa Senhora do Rosário, outro a Nossa Senhora das Neves e por último outro a Nossa Senhora do Terço; bem como um altar na sacristia, dedicado a Nossa Senhora dos Terramotos e a Nossa Senhora da Piedade.⁵⁰³

Atualmente, na igreja de São Domingos existem as invocações marianas de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora das Neves, com altares dedicados, de Nossa Senhora da Piedade e de Nossa Senhora de Fátima.

A Basílica de São Pedro em Guimarães, no principiar do século XX, apresentava as devoções marianas de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora das Dores em altares dedicados e na sacristia existia um altar dedicado a Santa Maria, Mãe dos Homens na sua Assunção.⁵⁰⁴

Atualmente, a Basílica de São Pedro apresenta as devoções marianas a Nossa Senhora das Dores e a Nossa Senhora do Rosário com altares dedicados e a Nossa Senhora de Fátima.

Desta forma podemos denotar que o povo fiel e crente do Arciprestado de Guimarães e Vizela foi, é e continua a ser grande devoto da Virgem Santíssima, Mãe de Deus. Se por um

⁴⁹⁹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 30

⁵⁰⁰ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 105

⁵⁰¹ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 105

⁵⁰² Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 18

⁵⁰³ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 103

⁵⁰⁴ Cf. J. G. d'Oliveira Guimarães, *Guimarães e Santa Maria*, 105

lado algumas devoções desvaneceram-se ou até possam ter-se tornado muito residuais e circunscritas, outras floriram, espalharam a sua fragância e são o ponto de apoio de todos os crentes. Invocações marianas como de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora das Dores ou de Nossa Senhora de Fátima estão presentes em todas ou praticamente todas as paróquias. São estas as devoções mais vincadas e vinculadas num povo fiel e crente para quem Nossa Senhora é a Mãe sempre pronta a acolher em seu regaço tanto as dores e ânsias e a quem prontamente rogamos auxílio, enquanto também lhe levamos com as nossas alegrias e louvores pelos dons alcançados.

Conclusão

«A coisa no mundo mais parecida com os olhos de Deus são os olhos de uma mãe.»⁵⁰⁵

De olhos postos em seu Filho, vislumbramos a Virgem Santíssima sempre atenta e de olhar maternal para com aqueles que lhe pedem auxílio. Desta forma, o vimos nestes tempos decorridos do vigésimo século onde a amargura e a júbilo mostram aos fiéis o olhar terno da Virgem Santíssima. Os crentes depositaram nos braços de Nossa Senhora, mediante diversas invocações marianas, as suas preocupações na confiança de serem atendidos e alegrias por terem sido acolhidos em horas de provação.

Com este trabalho podemos concluir, criando ligações entre os três capítulos, que a fé e devoção mariana na Virgem Santa Maria, Mãe de Deus, que o povo apresenta corresponde aos rogos do seu prelado arquidiocesano. Por sua vez, os rogos do prelado arquidiocesano são o ressoar da voz do sucessor de Pedro nos seus clamores e orações pela humanidade.

D. Manuel Batista da Cunha, durante o seu episcopado, exortou o povo fiel e crente a seguir as orientações de dois pontífices, o Papa Leão XIII e o Papa Pio X. Uma das marcas mais nítida do Papa Leão XIII no povo fiel do Arciprestado de Guimarães e Vizela é a devoção a Nossa Senhora do Rosário. De muitas e diferentes formas, o Papa Leão XIII exortou à devoção e o esplendor com que o culto ao rosário e a Nossa Senhora do Rosário deveria permanecer e enraizar-se no seio da comunidade. Uma das marcas mais nítidas do Papa Pio X é o zelo existente nos peregrinos que estão sempre vigilantes e prontos para testemunhar e dar testemunho de um amor capaz de unir multidões em redor da Virgem Santíssima. Na Arquidiocese de Braga não se deixaram passar incólumes as festas jubilares da definição dogmática da Imaculada Conceição, ponto culminante com a coroação de Nossa Senhora do Sameiro.

Com D. Manuel Vieira de Matos, surgem novas chamas na cátedra de São Pedro. O seu episcopado é marcado pela presença do Papa Bento XV e do Papa Pio XI. O Papa Bento XV exorta os cristãos a clamar por Nossa Senhora da Paz. Nova marca é impressa no povo fiel à Virgem Santíssima com o Papa Pio XI: é a consciência maternal que os fiéis adquirem e se inflamam de amor por tão grandes benefícios recebidos. É com D. Manuel Vieira de Matos que a Arquidiocese de Braga se engrandece com o acolhimento do Primeiro Congresso Mariano

⁵⁰⁵ José Tolentino Mendonça, *Uma beleza que nos pertence*, (Lisboa: Quetzal Editores, 2019), 133

Nacional deixando especial marca devocional a enorme afluência de peregrinos nas procissões marianas e na eucaristia. Todo este Congresso Mariano Nacional pode-se resumir na consagração da Arquidiocese de Braga a Nossa Senhora.

D. António Bento Martins Júnior dando a sua voz aos Papas Pio XII e ao Papa João XXIII apresenta novos caminhos para o povo Bracarense. Uma das marcas que não se pode esconder de forma nenhuma é a devoção a Nossa Senhora da Assunção. Tendo sido o Papa que definiu o dogma da Assunção de Nossa Senhora e tendo a Arquidiocese de Braga vivido em particular fulgor e intensidade maior este acontecimento a devoção enraizou-se nas gentes destas terras. Com o Papa João XXIII é reavivada uma das devoções concretas deste povo, a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a oração do mesmo. O papa exorta os cristãos a meditar o Rosário todos os dias, pratica que se enraizou profundamente. A Arquidiocese de Braga, no episcopado de D. António Bento Martins Júnior, é consagrada ao Imaculado Coração de Maria. Com a Europa em guerra é Nossa Senhora do Sameiro, Nossa Senhora da Oliveira, Nossa Senhora da Lapinha e Nossa Senhora da Penha que acolhem as angústias e as alegrias dos peregrinos que se fazem chegar de todas as partes.

D. Francisco Maria da Silva, no início da segunda metade do século XX, unido ao Papa Paulo VI, incita os cristãos à esperança e a olharem para Maria como a Estrela que nos guia para seu Filho. É o Papa Paulo VI que pede aos fiéis para rezarem a oração das Ave-Marias. Desta forma, de modo simples e melodioso cada crente é capaz de orar a Nossa Senhora no dia a dia. A Arquidiocese de Braga vive o Congresso Mariano de Braga onde é pedido que os Santuários sejam capazes de desempenhar o seu valor pastoral para com os cristãos que devotamente se encaminham para junto de Nossa Senhora. Ainda em união com o Papa Paulo VI, é suplicado que exista a prática, entre os cristãos, de recitar o terço.

D. Eurico Dias Nogueira, durante o seu episcopado, exorta os fiéis pela chama do Papa João Paulo I e de João Paulo II. O Papa João Paulo I no seu curto pontificado fez com que os fiéis o guardassem em boa memória e fez com que Nossa Senhora seja vislumbrada como modelo e guia num caminho de uma única meta que é o seu Filho, Jesus Cristo. Com D. Eurico, o Papa João Paulo II visita Braga e a devoção a Nossa Senhora ainda mais se enraiza no povo bracarense quando estes momentos são vividos com particular intensidade e fervor mariano. Mesmo no fim do seu episcopado ainda exorta os fiéis a serem constantes e firmes na devoção à Virgem Santíssima, pois é a única forma de sermos fiéis aos ensinamentos da Igreja.

Com D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga termina o século XX e partilha com D. Eurico Dias Nogueira o pontificado do Papa João Paulo II que durante 27 anos fez ver aos cristãos que Nossa Senhora deve ser vista como a mediadora entre os homens e Deus. E o mais importante e que foi certamente o eco do papa é: Nossa Senhora é aquela que conduz o povo fiel e crente à maior ação de graças que alguma vez poderemos ofertar, a Eucaristia. Durante o seu episcopado em união com João Paulo II, D. Jorge Ortiga exorta os fiéis a meditar a Palavra, para que dela surja com evidente clareza que Nossa Senhora é aquela que nos encaminha para o seu Filho. E confiantes de que somos acolhidos em seu regaço alcançaremos as maiores graças, as quais nem somos capazes de rogar.

A partir destas premissas, podemos concluir que o povo fiel e crente, devoto na Virgem Santíssima, está intimamente ligado aos caminhos trilhados pela Igreja que caminha em união e que deve ser escola.

Maria é a Mãe da Igreja, como bem nos recorda o II Concílio do Vaticano. E a Igreja, gosta da mãe que tem. O Arciprestado de Guimarães e Vizela não foge à regra: reza à Mãe, nas suas diversas invocações; tributa culto e devoção à Mãe; ama a Mãe que tem. Como refere e proclamou o Papa Francisco em Fátima: «Temos Mãe!»

Bibliografia

Documentos do Magistério

Bento XV, papa. «Carta de 27 de abril de 1915 do Papa Bento XV ao Cardeal Pietro Gasparri, Secretário de Estado para que os bispos de todo o mundo adicionem a invocação "Regina Pacis, ora pro nobis" nas Ladainhas Lauretanais.», in Vaticano, 5 de maio de 1917, acessado a 09 de março de 2022, https://www.vatican.va/content/benedict-xv/it/letters/1917/documents/hf_ben-xv_let_19170505_regina-pacis.html

_____. «Carta Encíclica Pacem Dei Munus», in Roma, 23 de maio de 1920, AAS 12, 1920, acessado a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/benedict-xv/es/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_23051920_pacem-dei-munus-pulcherrimum.html

_____. «Carta *Di Altissimo Pregio* do papa bento XV ao reverendo padre Costanzo M. Becchi, diretor para a Itália da satisfação do rosário perpétuo.», in Vaticano, 18 de setembro de 1915, acessado a 08 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/benedict-xv/it/letters/1915/documents/hf_ben-xv_let_19150918_rosario.html

João XXIII, papa. «Carta Apostólica Oecumenicum Concilium», in Roma, 28 de abril de 1962, AAS 54, 1962, acessado a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_letters/1962/documents/hf_j-xxiii_apl_19620428_oecumenicum.html

_____. «Carta Encíclica Grata Recordatio» in Roma, 26 de setembro de 1959, AAS 52, 1960, acessado a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_26091959_grata-recordatio.html

_____. «Exortação Apostólica Sacrae Laudis», in Roma, 6 de janeiro de 1962, AAS 54, 1962, acessado a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_exhortations/documents/hf_j-xxiii_exh_19620106_sacrae-laudis.html

_____. «Solenidade da Conceção Imaculada, Homilia de sua santidade João XXIII», in Basílica de Santa Maria Maior, 8 de dezembro de 1960, acessado a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/homilies/1960/documents/hf_j-xxiii_hom_19601208_immacolata-concezione.html

_____. «Solenidade da Conceção Imaculada da Beata Virgem Maria, Homilia do Papa João XXIII», in Basílica Vaticana, 8 de dezembro de 1982, acessada a 09 de março de

2022 em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/it/homilies/1958/documents/hf_j-xxiii_hom_19581208_bergamo.html

João Paulo I, papa. «A primeira radiomensagem do Papa João Paulo I», in Roma, 27 de agosto de 1978, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/messages/documents/hf_jp-i_mes_urbi-et-orbi_27081978.html

_____. «Homilia da tomada de posse da diocese de Roma», in Basílica Lateranense, 23 de Setembro de 1978, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/homilies/documents/hf_jp-i_hom_23091978.html

_____. «Mensagem do Santo Padre João Paulo I aos bispos e fieis do Equador por ocasião do II Congresso Mariano Nacional», 24 de setembro de 1978, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/john-paul-i/es/messages/documents/hf_jp-i_mes_19780924_ecuador.html

João Paulo II, papa. «Carta Encíclica Redemptoris Mater» in Roma, 25 de março de 1987, AAS 79, 1987, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html

Leão XIII, papa. «Carta Encíclica Adiutricem Populi» in Roma, 5 de Setembro de 1895, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_05091895_aditutricem.html

_____. «Carta Encíclica Laetitiae Sanctae», in Roma, 8 de setembro de 1893, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_08091893_laetitiae-sanctae.html

_____. «Carta Encíclica Supremi Apostolatus Officio», in Roma, 1 de Setembro de 1883, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01091883_supremi-apostolatus-officio.html

Paulo VI, papa «Constituição Dogmática Lumen Gentium», in Roma, 21 de Novembro de 1964, AAS 56, 1964, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html

_____. «Exortação Apostólica Marialis Cultus», in Roma, 2 de fevereiro de 1974, AAS 66, 1974, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html

- _____. «Exortação Apostólica *Signum Magnum*», in Roma, 13 de Maio de 1967, AAS 59, 1967, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19670513_signum-magnum.html
- Pio X, papa. «Carta Encíclica *Ad Diem Illum Laetissimum*», in Roma, 2 de fevereiro de 1904, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/pius-x/en/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_02021904_ad-diem-illum-laetissimum.html
- Pio XI, papa. «Carta Encíclica *Quas Primas*», in Roma, 11 de dezembro de 1925, AAS 17, 1925, acessido a 08 de Março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_11121925_quas-primas.html
- _____. «Carta Encíclica *Ecclesiam Dei*», in Roma, 12 novembro de 1923, acessido a 08 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19231112_ecclesiam-dei.html
- _____. «Mensagem de rádio de Sua Santidade Pio XII a todo o mundo na ocasião do Natal.», 24 de dezembro de 1954, acessido a 08 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1954/documents/hf_p-xii_spe_19541224_ego-declinabo.html
- Pio XII, papa. «Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*», in Roma, 1 de novembro de 1950, AAS 42, 1950, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html
- _____. «Carta Encíclica *Ingruentium Malorum*», in Roma, 15 de setembro de 1951, AAS 43, 1951, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15091951_ingrumentum-malorum.html
- _____. «Carta Encíclica *Fulgens Corona*», in Roma, 8 de setembro de 1953, AAS 45, 1953, acessido a 09 de março de 2022 em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091953_fulgens-corona.html

Livros

- Abreu, Paulo. *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo V, Braga: Empresa Diário do Minho, 2018
- Alighieri, Dante. *A Divina Comedia*, traduzido por Vasco Graça Moura, Editora Quetzal, 2018
- Almeida, A. Roque de. *Para ler a história da Igreja em Portugal*, Porto: Editorial Perpetuo Socorro, 1996

- Ameal, João. *História de Portugal*, Porto: Livraria Tavares Martins, 1974
- Arezes, Luís. *Centenário das Aparições no Barral*, Ponte da Barca: Município Ponte da Barca, 2017
- Caldas, António José Ferreira. *Local e Gruta-Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na Serra de Santa Catharina (cercanias de Guimarães)*, Guimarães
- Camões, Luís de. *Obra completa em um volume*, Rio de Janeiro: CB. Companhia Aguiar Editôra, 1963
- Carvalho, A. L. de. *Guimarães de tempos idos*, Porto: Imprensa Portuguesa, 1947
- Carvalho, José. *João Paulo II e Portugal*, Parede; Lucerna 2014
- Duarte, Marco Daniel. «1917 – Fátima, santuário global». Em *História Global de Portugal*, editado por Carlos Fiolhais José Eduardo Franco e José Pedro Paiva, 573-578. Lisboa: Bertrand Editora, 2020
- Ferreira, Monsenhor J. Augusto. *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga*, tomo VI, Braga: Edição da Mitra Bracarense, 1935
- Gomes, J. Pinharanda. «Os Congressos Católicos em Portugal», *Secretariado Nacional para o Apostolado dos Leigos*, Cascais: Secretariado Nacional para o Apostolado dos Leigos, 1984
- Gonçalves, Silva. «Porta do Céu». Em *Do Alto da Penha Canto a Maria*, editado por Silva Araújo e Adelino Silva, 127. Guimarães: Edição da Irmandade da Nossa Senhora da Penha, 1993
- Guimarães, J. G. d'Oliveira. *Guimarães e Santa Maria*, Porto: Typ. De A. J. da Silva Teixeira, 1904
- João Paulo II, papa. *Memória e Identidade*, traduzido por António Ferreira da Costa, Chiado: Bertrand Editora, 2005
- Leite, Artur Magalhães. *Senhora-à-Vila – Quatro Séculos de Fé e Tradição Cultural*, Guimarães: 2011
- Levi, Primo. *Se isto é um Homem*, traduzido por Simonetta Cabrita Neto, Lisboa: Teorema, 2008
- Monge, Roberto. *2000 anos de Papas de São Pedro a Francisco*, traduzido por Maria do Carmo Abreu, Alfragide: Casa das letras, 2016
- Moraes, Maria Adelaide Pereira de. *Ao redor de Nossa Senhora da Oliveira*, Guimarães: 1998
- Ortiga, D. Jorge. *A voz da Catedra(l)*, vol.1, Braga: Empresa do Diário do Minho, 2014
- Pimenta, Fernando Tavares. *Portugal e o Século XX Estado-Império e Descolonização (1890-1975)*, Porto: Edições Afrontamento, 2010

- Silva, Adelino. «Penha, Centro de Devoção Mariana». Em *Santuário de N.ª S.ª Da Penha simpósio mariológico – Actas*, editado por Universidade Católica Portuguesa e Irmandade de N.ª S.ª Do Carmo da Penha, 107-137. Braga: 1994
- Teixeira, Nuno Severino. «1916 – Portugal e a Grande Guerra: a vitória com sabor a derrota». Em *História Global de Portugal*, editado por Carlos Fiolhais, José Eduardo Franco e José Pedro Paiva, 565 -571. Lisboa: Bertrand Editora, 2020
- Vieira, Padre António. *Obra completa Padre António Vieira*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2013), Tomo II, Volume VII

Revistas

- Carvalho, António P.. «O Primeiro Congresso Mariano Nacional». *Brotéria*, Volume III, (1926), 13 – 23
- João Paulo II, papa. «A visita de João Paulo II a Braga». *Ação Católica*, LXVII, nº 5 e 6, (Maio e Junho 1982), 175 – 192
- Júnior, António Bento. «Crónica Arquidiocesana». *Ação Católica*, XXIX, nº 12, (Dezembro 1944), 656 – 665
- _____. «Crónica Arquidiocesana». *Ação Católica*, XXX, nº 2, (Fevereiro 1945), 98 – 113
- _____. «Crónica Arquidiocesana». *Ação Católica*, XXX, nº 5, (Maio 1963), 212 – 218
- _____. «Crónica Arquidiocesana». *Ação Católica*, XXXI, nº11, (Novembro 1946), 613 – 623
- _____. «D. António Bento Martins Júnior, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas». *Acção Católica*, XIX, nº5, (Maio 1934), 287
- _____. «Documentos Arquepiscopais». *Acção Católica*, XXVI, nº4, (Abril 1941), 181 – 186
- _____. «Documentos Arquepiscopais». *Ação Católica*, XXX, nº 3, (Março 1946), 129 – 133
- _____. «Documentos Arquepiscopais». *Ação Católica*, XLV, nº 8 e 9, (Agoste e Setembro 1959), 324 – 330
- Mattos, Manuel Vieira de. «D. Manuel Vieira de Mattos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas». *Acção Católica*, I, nº1, (Janeiro 1916), 15

- _____. «D. Manuel Vieira de Mattos, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas». *Ação Católica*, XI, nº2, (Fevereiro 1926), 33 – 41
- _____. «Primeiro Congresso Mariano Nacional». *Ação Católica*, X, nº11, (Novembro 1925), 329 – 335
- Nogueira, Eurico Dias. «Actos do Senhor Arcebispo Primaz». *Ação Católica*, LXVIII, nº 5 a 12, (Maio a Dezembro 1983), 474 – 575
- _____. «Arcebispo Primaz». *Ação Católica*, LXXI, nº 5 a 8, (Maio a Agosto 1986), 318 – 363
- _____. «Arcebispo Primaz». *Ação Católica*, LXXXII, nº 6, (Junho 1997), 481 – 485
- _____. «Arcebispo Primaz». *Ação Católica*, LXXVIII, nº 9, (Setembro 1993), 591 – 605
- _____. «Documentos Arquiepiscopais». *Ação Católica*, LXIII, nº 8 e 9, (Agosto e Setembro 1978), 362 – 396
- _____. «Documentos Arquiepiscopais». *Ação Católica*, LXIII, nº11, (Novembro 1978), 486 – 504
- _____. «Documentos do Senhor Arcebispo». *Ação Católica*, LXIV, nº 3-4, (Março e Abril 1979), 83 – 114
- _____. «Documentos do Senhor Arcebispo». *Ação Católica*, LXIV, nº 11-12, (Novembro e dezembro 1979), 360 – 387
- _____. «Documentos do Senhor Arcebispo». *Ação Católica*, LXV, nº 9 e 10, (Setembro e Outubro 1980), 284 – 325
- Pinho, José Eduardo Borges de. «O culto à Virgem Maria na religiosidade popular – Uma perspetiva teológico-sistemática». *DIDASKALIA*, XXXV (2005): 433 – 456
- Silva, Francisco Maria da. «Estatutos da Sociedade Mariológica «Mater Ecclesiae»». *Ação Católica*, L, n 8 e 9, (Agosto e Setembro 1964), 470 – 474
- _____. «Recepção ao Legado Pontífice». *Ação Católica*, L, nº6, (Junho 1964), 341 – 353
- Torres, P.e J. Martins. «Crónica Arquidiocesana». *Ação Católica*, XLII, nº5, (Maio 1957), 224 – 238
- _____. «Crónica Arquidiocesana». *Ação Católica*, XXXVI, nº 11, (Novembro 1951), 637 – 644